

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DOPARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NO
ENSINO: CÁRCEL DE AMOR E LA VIDA DE LAZARILLO DE
TORMES**

SILVANA MALAVASI

**PARANAVÁI
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR**

**POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NO ENSINO:
CÁRCEL DE AMOR E LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES**

Dissertação apresentada por SILVANA MALAVASI, ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientador(a):
Prof.^a Dr.^a: CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN.

PARANAVÁÍ
2015

Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) NBR12899, conforme o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR/2), que representa o registro das informações que identificam a publicação na situação atual.

“Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)”
Biblioteca Universitária da UNESPAR, campus Apucarana –PR.

M239p	<p>Malavasi, Silvana</p> <p>Possibilidades de utilização de obras clássicas no ensino: Cárcel de Amor e La Vida de Lazarillo de Tormes /Silvana Malavasi. -- Paranaíba, 2015.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação) --Universidade Estadual do Paraná, 2015.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin.</p> <p>1. Ensino. 2. Obras Clássicas. 3. Literatura Espanhola.4. História Social. I. Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar.</p> <p>CDU – 821.134.2 NBR/CIP – 128 AACR2</p>
-------	--

SILVANA MALAVASI

**POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NO ENSINO:
CÁRCEL DE AMOR E LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Conceição Solange Bution Perin (Orientadora)
Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR

Prof.^a Dr.^a. Terezinha Oliveira
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Adão Aparecido Molina
Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR

Data de Aprovação:

03/07/2015

Dedico este trabalho

Aos meus pais, exemplo de bondade, carinho e incentivo. Modelos de superação de limites, por sempre me amar e lutar para que hoje eu chegasse a essa conquista, para que eu fosse a mulher que sou.

Ao meu amado filho Geovani, por suportar minha ausência, por entender minhas eternas horas diante no computador, pelo carinho nos momentos de tristeza e a docilidade do olhar motivando ir além.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de conclusão, de mais uma etapa da minha vida, não poderia deixar de agradecer a Deus, minha fortaleza e meu conforto ao longo da jornada.

À professora orientadora Doutora Conceição Solange Bution Perin, que, com carinho, aceitou a tarefa de me orientar. Sem sua paciência de me escutar, de aguentar minha ansiedade e de ouvir minhas inquietações, certamente não teria conseguido ordenar minhas ideias. A ela, pela amizade e atenção, devo essa dissertação.

Agradeço de forma especial à minha querida amiga Adriana pela amizade, paciência e estímulo, compartilhando os momentos de ansiedade durante minha pesquisa e acalmando-me. Pela dedicação com que me auxiliou na formatação do texto final, muito obrigada.

Ao Junior, por saber compartilhar meus momentos de angústia e me ajudar.

Aos meus professores do programa do mestrado, pela dedicação e apoio.

Não poderia deixar de mencionar aqui o carinho e a atenção dos meus colegas de trabalho, principalmente do Enrique e da Claudia, que sempre me ajudaram com as referências bibliográficas.

Por fim, um agradecimento afetuoso aos amigos que, em diferentes momentos, contribuíram para realização deste estudo.

“Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

(CALVINO, 2007, p. 10).

MALAVASI, Silvana. **Possibilidades de utilização de obras clássicas no ensino: Cárcel de amor e La vida de Lazarillo de Tormes**. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Conceição Solange Bution Perin, 2015.

RESUMO

A proposta nesta dissertação é analisar duas obras clássicas da literatura espanhola medieval: *Cárcel de Amor*, escrita no século XV por de Diego de San Pedro, e *La vida de Lazarillo de Tormes*, romance anônimo escrito no século XVI. Com a finalidade de entender o ensino nesses dois séculos, a análise será realizada com base na contextualização histórica da Península Ibérica nos séculos XV e XVI, a qual tornou possível a compreensão dos aspectos sócio/educacionais, políticos, econômicos e religiosos dos períodos mencionados. Os objetivos da pesquisa são: estudar o contexto histórico, relacionando-o aos aspectos sócio/educacionais presentes na sociedade da época em que as obras foram escritas; analisar qual a contribuição dos ensinamentos dos romances para a sociedade em questão; refletir sobre a importância do estudo de obras clássicas para a atualidade. Com base na bibliografia, consideramos que o estudo de obras clássicas auxilia-nos a entender melhor o presente. As teorias clássicas são um importante apoio para que tanto os professores formadores quanto os futuros professores compreendam as questões contemporâneas práticas de sala de aula. Logo, para essa compreensão histórica sobre o ensino, nos fundamentaremos em autores que contribuem para o entendimento do homem em sua totalidade, entendê-los em seu tempo, compreendendo as relações que permeiam as questões econômicas, sociais e educacionais. A reflexão sobre o contexto histórico das obras selecionadas para análise leva-nos a entender as prioridades educacionais de nossa época. Desse modo, considerando a relevância da compreensão tanto do período histórico das obras analisadas quanto do atual, propusemo-nos a refletir acerca do ensino e da formação dos homens. Com base no entendimento de que as questões educacionais são específicas de cada período histórico, propomos que o ensino seja analisado nas relações humanas interdisciplinares, o que envolve os aspectos educacionais, econômicos, políticos e religiosos que representam a formação completa dos homens em sociedade.

Palavras-chave: Ensino; Obras clássicas; Literatura Espanhola; História Social.

MALAVASI, Silvana. **Possibilities of using classics of literature in teaching: *Cárcel de amor* and *La vida de Lazarillo de Tormes***. 126 f. Dissertation (Master in Teaching) – State University of Paraná. Supervisor: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2015.

ABSTRACT

This thesis proposes to analyze two classics of Medieval Spanish literature: *Cárcel de Amor* (The Prison of Love), written in the 15th century by Diego de San Pedro, and *La vida de Lazarillo de Tormes* (The Life of Lazarillo de Tormes), an anonymous novel written in the 16th century. The analysis was conducted based on the historical context of the Iberian Peninsula during the 15th and the 16th centuries, with the main purpose of understanding teaching in this period. The analysis shed some light on socio/educational, political, economic and religious aspects in the two centuries. Research aims were: to study the historical context, and establish connections with the socio/educational aspects in the society at the time the works were written; to analyze the contribution of lessons taught by the novels to the society in question; to draw reflections upon the importance of studying classical pieces. Based on the bibliography, we take into account that the study of classics aids a better understanding of the present times. Classical theories represent an important support for both teacher educators and future teachers towards the understanding of contemporaneous issues on classroom practice. Thus, for such historical comprehension on teaching, we are grounded on authors that contribute to understanding man as a whole, within their own time, as well as the relationships that permeate economic, social and educational issues. The reflection upon the historical context of the selected works for analysis lead us to grasp the educational priorities of four time. Therefore, considering the significance of looking at both the historical period and the current time of the analyzed works, our proposal consists of reflecting upon teaching and the development of men. Based on the assertion that educational issues are particular to every historical period, we also propose that teaching be analyzed in its interdisciplinary human relationships, which involves educational, economic, political and religious aspects, representing the complete development of men in society.

Key words: Teaching; Classics; Spanish Literature; Social History.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	A IDADE MÉDIA NOS SÉCULOS XV E XVI: A PENINSULA IBÉRICA ..	17
2.1.	CONTEXTO HISTÓRICO DA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI	27
3.	ASPECTOS HISTÓRICOS DE CÁRCEL DE AMOR E LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES	41
3.1.	LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES	63
4.	O ENSINO POR MEIO DAS OBRAS CLÁSSICAS	85
4.1.	OBRAS CLÁSSICAS: CONHECIMENTO HISTÓRICO PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO DOS HOMENS	95
4.2.	OBRAS CLÁSSICAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA: UMA PROPOSTA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR	104
4.3.	UTILIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NO ENSINO: PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	110
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	122

1 INTRODUÇÃO

A leitura de obras clássicas, sem dúvida, nos possibilita a compreensão de que a educação dos homens e, conseqüentemente, o ensino nos diferentes períodos históricos expressam, de alguma maneira, a relação entre os pressupostos teóricos de outras épocas e os do presente. Dessa maneira, o estudo da literatura clássica auxilia-nos a compreender as questões históricas que fundamentam as ideias, as representações sociais e a educação nas diferentes épocas, inclusive a nossa.

De acordo com Calvino (2007), as obras clássicas, além de apresentar inconscientemente as memórias individuais ou coletivas do período em que foram escritas, exercem uma influência particular nos indivíduos que a lêem. Podemos, por meio delas, compreender mais profundamente as transformações históricas relacionadas ao período selecionado para estudo, bem como as exigências criadas pelos indivíduos de então e que tornaram essenciais para a organização social do referido momento.

Entendemos que a atenção dos atores envolvidos no processo educacional da atualidade precisa estar voltada para as questões históricas, pois estas favorecem a reflexão acerca das questões que os afetam. Ao mesmo tempo, para compreender contextos de outros momentos, não basta tomar como base estudos realizados por autores contemporâneos. Mesmo tendo esses momentos como seus objetos de estudo, esses autores, normalmente, estão imersos nos acontecimentos atuais da sociedade e buscam responder a algumas questões microsociais momentâneas. De nossa perspectiva, para compreender a essência dos eventos atuais, para entender o presente e poder compreender alguns dos embates da sociedade contemporânea, é importante recorrermos à historicidade.

No que tange à leitura e à utilização de obras clássicas em contextos acadêmicos, é possível observar que há predominância de um certo descompromisso como contexto histórico. Conforme Leonel (1998), no contexto das constantes transformações tecnológicas, o estudo de obras clássicas no meio acadêmico é muitas vezes considerado despropósito, um disparate, de forma que poucos professores as utilizam em suas práticas de ensino. Ponderamos que, na realidade, a falta de comprometimento dos professores com a utilização desses

textos em suas aulas resulta em lacunas na formação dos futuros professores, que deixam de se beneficiar do conhecimento neles contido, especialmente quanto aos acontecimentos históricos. A falta de contato direto dos alunos com essa literatura reflete-se na organização da sociedade e, especificamente, no sistema educacional.

Considerando a importância do estudo de obras clássicas para o ensino, analisaremos duas obras da literatura espanhola medieval, *Cárcel de Amor*, século XV, de Diego de San Pedro e *La vida de Lazarillo de Tormes*, século XVI, autor anônimo. Para fundamentar essa análise, consideramos necessário realizar uma contextualização histórica dos séculos XV e XVI, por meio da qual poderemos mostrar a relação entre as mudanças sociais e as alterações educacionais e formativas nesses momentos.

Seguindo a tradição da ficção autobiográfica da época medieval, *Cárcel de Amor*, que pertence ao gênero do romance sentimental, foi dedicada ao amigo do autor, Diego Fernández de Córdoba. Nessa obra clássica, é narrado o amor não correspondido de um cavaleiro por uma dama, ou seja, de Leriano por Laureola. Esse amor não correspondido é evidenciado no excerto a seguir, retirado de uma carta que Laureola escreve a Leriano:

La muerte que esperabas tu de penado, merecía yo por culpada si esto que hago pecase mi voluntad, lo que cierto no es así, que más te escribo por redimir tu vida que por satisfacer tu deseo. Más triste de mí, que este descargo solamente aprovecha para cumplir conmigo, porque si de este pecado fuse acusada no tengo testigo para salvarme sino mi intención, y por ser parte tan principal no se tomaría en cuenta su dicho (SAN PEDRO, 2010, p. 104)¹.

O autor aparece na história como um mediador entre os dois protagonistas, Leriano, filho do duque Guersio, e Laureola, filha do rei da Macedônia. Existe também um lado mau: Pérsio, o antagonista da história faz intrigas a respeito da honra da donzela. O rei, acreditando nas mentiras de Pérsio, condena a filha à morte. Leriano, por sua vez, desafia Pérsio em duas ocasiões e, saindo-se

¹ “A morte que você esperava por sofrimento merecia eu por culpada se isto que faço fosse minha vontade de pecado, o que é certo que não é assim, pois escrevo-te mais para salvar-te a vida do que para satisfazer teu desejo. Triste de mim, porém, que este desencargo só serve para comprometer-me, porque si desse pecado fosse acusada não teria testemunha para salvar-me senão minha intenção, e por ser a parte principal, não se levaria em conta seu dito” (SAN PEDRO, 2010, p. 104, tradução nossa).

vencedor, soluciona parte dos problemas. Laureola, por medo, recusa-se, definitivamente, a amá-lo.

Os jovens Leriano e Laureola correspondem-se por meio de cartas, nas quais são feitas referências a vários momentos históricos da Espanha na Idade Média. São narrados fatos de heroísmo, com a finalidade de valorizar a honra do homem medieval. Além do amor não correspondido, a obra de Diego de San Pedro mostra a vida dos monarcas da época, o contexto sócio-cultural em que as famílias imperiais viviam, fazendo também referências a tradições seculares, dentre as quais a do matrimônio entre famílias de reinos diferentes. Assim, ele apresenta algumas virtudes que representam comportamentos da época, esclarecendo os sentimentos que deveriam prevalecer na sociedade. A nosso ver, o autor analisa essas virtudes como uma maneira de os homens se relacionarem melhor socialmente. No caso, uma das virtudes apresentadas nas cartas é a de que valia a pena morrer por uma donzela.

Ao passo que *Cárcel de amor* tem como pano de fundo o poder e a soberania da monarquia dos séculos XV e XVI, mostrando as relações sociais e pessoais da nobreza, *La vida de Lazarillo de Tormes* representa assuntos relacionados à pobreza, aos problemas sociais, políticos e religiosos do cotidiano do homem em sua luta pela sobrevivência. Nesta obra, a narrativa está mais voltada para a realidade histórica do que para a fictícia.

As duas obras revelam dois mundos diferentes. Na primeira, o da preocupação com a relação de amor, de vingança e de soberania. Na segunda, o do homem que não se apega a sentimentos pessoais, ou seja, que se pauta no viver prático do dia a dia, sem preocupação com o futuro ou com a manutenção do poder. O que importa para o personagem Lazarillo é a sobrevivência básica, a comida. Essas obras retratam a realidade social da época, revelando que, nesse momento histórico, não prevalecia mais a guerra, a luta, e sim, o uso do intelecto, da sabedoria, do conhecimento empírico.

Com isso, entendemos que as narrativas históricas recriam o mundo da ação humana em sua dimensão temporal profunda. O romance *Cárcel de amor* auxilia-nos na reformulação da realidade, já que, em relação ao processo da imaginação, a transmissão e a tradição são fundamentais. Segundo Ricoeur (1988, apud JARDIM, 1998), a imaginação narrativa leva-nos a procurar outras instâncias, como a

imaginação moral, que nos ajuda a avaliar a melhor maneira de agirmos, já que se funda em juízos de valor.

Além disso, a narrativa histórica proporciona uma relação entre o mundo da obra e o do leitor, o que possibilita o enriquecimento dos domínios capitais de sua relação com a realidade. Para que haja uma transformação qualitativa no agir humano, faz-se necessário que o homem repense o seu agir no mundo. Assim, entendemos que as narrativas pertencem ao campo da ética, pois cabe ao leitor decidir o que lhe convém. Ele tem que agir como um historiador, segundo Marc Bloch (1949, p. 30) “[...] deve compreender e não julgar. Eis o objetivo da ‘análise histórica’”.

A autoria de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* é desconhecida até os dias atuais. Como seu conteúdo era marcado por críticas, especialmente à Igreja, o autor não podia se identificar, pois seria alvo da Inquisição. Esta obra retrata os tempos da Inquisição e a forte religiosidade peninsular, que, de certa forma, explorava a fé do povo.

A Inquisição foi imposta pela Igreja Católica, sendo vista como uma conformidade à sociedade da época. Contudo, os intelectuais medievais a questionavam e criticavam fortemente, sendo perseguidos por não aceitar as ideias impostas pela Igreja. Com Lutero, foi dado início à Reforma Protestante². Por sua vez, o Papa Sixto IV deu aos Reis Católicos, Fernando e Isabel, o poder de deter e julgar os hereges. Com essa determinação, a monarquia passou a confiscar os bens do povo considerado herege, utilizando-os em favor próprio.

Foi nesse contexto que, em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, considerada uma sátira aos valores morais da sociedade espanhola

² Sobre a Reforma Protestante, Pereira e Gioia (1988, p. 171) ressaltam que, “A Reforma protestante questionou as idéias religiosas que estavam na base do poder temporal da Igreja e provocou a divisão do mundo cristão. A Igreja reorganizou-se através da Contra-Reforma e reafirmou todos os dogmas católicos”. Segundo Marques, Berutti e Faria (2008), o movimento da reforma instaurou uma nova religião, o protestantismo, que diminuiu o poder da Igreja Católica. Seu início ocorreu em 1517 (século XVI), envolvendo o Papa Leão X e Lutero, mas, conforme os autores, o movimento não significou apenas a criação de uma nova religião e sim uma consequência de causas profundas, dentre as quais o questionamento dos dogmas da Igreja Católica. É importante salientar que já havia rumores de uma crise na Igreja Católica desde o período medieval, quando a hierarquia católica sempre reprimia qualquer movimentação que ameaçasse sua soberania. Consequentemente, quando Lutero (monge agostiniano) questionou os dogmas da Igreja, o movimento ganhou força e se expandiu tanto na Alemanha quanto em outros países. Conforme os autores, a expansão do protestantismo ocorreu rapidamente e só não foi maior por causa da posição da Igreja Católica de frear o movimento por meio da Contra-Reforma. Mais do que um movimento anti-protestantismo, a Contra-reforma foi expressão de uma reforma no interior da Igreja Católica (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2008).

do século XVI, narra-se a trajetória de um menino carente, chamado Lázaro, desde o seu nascimento até o dia de seu casamento. Lázaro, tendo perdido o pai, passa a viver com sua mãe e com um rapaz de cor morena³ que, para sustentar a nova família, começa a roubar. Descobertos, a mãe e o padrasto são presos e o pequeno Lázaro é dado como guia a um cego.

Lázaro leva uma vida difícil no passar dos anos e busca auxílio na Igreja. No intuito de progredir economicamente na vida, ele se casa com a criada de um arcebispo de San Salvador, que é seu último amo. Por meio desse casamento, o autor narra alguns costumes despertados pelo convívio social. Por exemplo, comentando a vida íntima de Lázaro, personagens afirmam que ele divide sua esposa com o arcebispo, vivendo um triângulo amoroso. Os comentários propagam-se e o padre da cidade contrapõe-se aos falatórios, afirmando que a mulher honra seu casamento. Por esse meio, o autor mostra que os valores morais impostos pela Igreja eram na maioria das vezes violados pelos próprios membros da Igreja, já que o padre acobertava o adultério.

Os personagens da obra *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* vivem os conflitos morais da época da crise religiosa. Por meio deles, podemos perceber diversos aspectos do cotidiano da sociedade espanhola daquele momento em que o pilar era a religião. A Igreja católica organizava-se como soberana, intitulando-se representante de Deus na Terra.

Na medida em que retratam algumas questões inerentes àquele contexto, narrativas como *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* podem ser consideradas obras clássicas da literatura espanhola. Segundo Alan Deyermond (1995, p. 10), “Los libros de caballerías y las otras ficciones largas de La Edad Media crean su propio mundo, que no es el de la experiencia cotidiana de su público; se puede aplicar simbólicamente, pero no directamente, a la vida real de cada día”⁴. Outras obras do período, como “Don Quijote”, representam emoções reais do período, pois suas histórias apresentam duelos, batalhas, desafios, cartas, poesias, monólogos e diálogos. Dentre os

³ Segundo González (2005, p. 31), “[...] ‘moreno’ era um eufemismo para ‘negro’”.

⁴ “Os livros de cavalaria e outras ficções longas da Idade Média criam seu próprio mundo, que não é o da experiência cotidiana do seu público; pode-se aplicar simbolicamente, mas não diretamente, à vida real de cada dia” (DEYERMOND, 1995, p. 10, tradução nossa).

gêneros praticados nessa época, podemos mencionar a ficção sentimental, autobiográfica e confessional.

Para compreender o sentido de tais obras, realizamos uma pesquisa bibliográfica a respeito dos períodos históricos da Idade Média. De acordo com o historiador Marc Bloch (1949), compreender a história não significa julgar e sim analisar. Segundo o mesmo autor, "[...] compreender nada tem de uma atitude de passividade, o historiador escolhe e peneira, organiza racionalmente uma matéria cuja receptividade passiva só levaria a negar o tempo; por conseguinte, a própria história" (BLOCH, 1949, p. 30). Isso implica que, ao analisar as obras literárias, observamos e buscamos informações preciosas sobre as sociedades, as representações sociais e o ensino nos diferentes períodos estudados.

Desse modo, na História Social, com a perspectiva de temporalidade e de longa duração, encontramos elementos essenciais para a realização da pesquisa de caráter científico, os quais favorecem um trabalho com o uso de hipóteses e com debates permanentes com outras ciências sociais. De acordo com Bloch (1949):

[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição (BLOCH, 1949, p. 54).

Esclarecemos, portanto, que nossa opção teórico-metodológica é a da análise histórica fundamentada em autores da História Social. Segundo Bloch (1949), falar da ciência dos homens é entender os homens em seu próprio tempo, sendo que este, na maioria das vezes, corresponde apenas a uma medida cronológica. Nossa exposição foi dividida em três seções.

Na primeira seção, tendo como referência o contexto histórico da Idade Média, abordaremos a Península Ibérica nos séculos XV e XVI. Conforme a metodologia adotada, faremos considerações gerais sobre esse século se, em seguida, analisaremos o contexto histórico específico da Península Ibérica.

A segunda seção é dedicada a uma descrição dos aspectos históricos presentes nas obras clássicas *Cárcel de amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y*

sus fortunas e adversidades. Abordaremos as duas obras, relacionando-as aos acontecimentos em curso no momento em que cada uma foi escrita.

Na última seção, com base no exposto nas seções anteriores, destacaremos a importância das obras clássicas para o ensino. Para tanto, inicialmente abordamos as práticas de ensino e a aprendizagem representadas nas obras clássicas selecionadas. Em seguida, enfatizamos o conhecimento histórico para o ensino e a formação dos homens, conhecimento esse que pode ser oferecido pelas obras clássicas. Além disso, demonstramos que a utilização de obras clássicas nos cursos de licenciatura deve ser feita por meio de uma proposta de ensino interdisciplinar. Por último, enfatizaremos os procedimentos didáticos da proposta apresentada.

Tendo em vista a importância histórica para a compreensão das questões presentes na atualidade, afirmamos que, por meio do estudo e da reflexão sobre as obras clássicas, podemos (re)significar nossas ações e comportamentos e, como resultado, o conhecimento. Logo, ao entender que o passado é o reflexo das relações humanas que perpassaram séculos e se consolidaram na sociedade presente, os professores-formadores e futuros professores poderão atualizar suas teorias e práticas e, assim, refletir acerca de questões do ensino e da aprendizagem na sociedade em que estão vivendo.

2 A IDADE MÉDIA NOS SÉCULOS XV E XVI: A PENÍNSULA IBÉRICA

Nesta seção, o objetivo é analisar o contexto histórico da Península Ibérica nos séculos XV e XVI. Focalizaremos algumas questões sociais da época, especialmente as que se relacionam ao ensino e à formação dos homens, relacionando-as às duas obras clássicas analisadas no trabalho.

Ao estudar a transição da Idade Média para a Idade Moderna, somos levados a refletir sobre alguns personagens de destaque. Dentre eles, podemos citar as figuras dos reis e dos cavaleiros que, por séculos, representaram modelos de homem a ser seguidos, principalmente em razão dos sentimentos que perpassavam seus atos de valentia, conquista, proteção e honestidade, tornando-os protagonistas dos diferentes períodos da sociedade medieval. Refletindo sobre eles, temos maiores condições de compreender o contexto histórico-social e educacional que deu origem a alterações significativas nas relações sociais.

Segundo Loyn (1997),

A Idade Média foi dominada durante muito tempo, no espírito do grande público, por imagens de façanhas cavaleirescas e ritual cortesão, pelo fervor espiritual e pela sangüinária violência dos cruzados. Esses conceitos pitorescos têm sido propensos a obscurecer o verdadeiro valor do período como uma idade de real progresso em todas as áreas, de evolução política e social, de criatividade artística e intelectual, de avanço comercial e científico (LOYN, 1997, p. 13).

Desse modo, salientamos que o período de transição da Idade Média para a Idade Moderna deve ser considerado e analisado como um momento de grandes modificações de ordem econômica, política, cultural e educacional, modificações essas que se processaram de forma variada nas diferentes regiões do Ocidente. Dentre as grandes mudanças ocorridas no período medieval, podemos destacar o desenvolvimento do comércio e das cidades que, sem dúvida, proporcionaram transformações significativas nas relações entre os homens, bem como na estruturação e no desenvolvimento da sociedade. Conforme Loyn (1997), o medievo originou o mundo moderno.

A respeito da delimitação temporal desse período, Loyn (1997) aponta que

A necessidade de delimitar o gigantesco território que se estende da Antigüidade à Modernidade determinou a criação do período medieval e da divisão tripartida do mundo – Antigüidade Clássica, Época Romana e Idade Média –, divisão que veio a ser consagrada em 1583, por Christoph Keller, embora nunca se registrasse concordância e unanimidade quanto a tais delimitações. Só no século XVIII, na França, conceituação e limites do Medieval foram aceitos. Essa aceitação chegou à Inglaterra, e estendeu-se ao continente europeu. Superado esse problema, surgiu um outro: o das subdivisões. A Idade Média não era vista como uma unidade inconsútil. Na França, chamou-se Alta Idade Média ao período que se prolongaria até as Cruzadas; e Baixa Idade Média ao período que se iniciou logo após e terminou no século XV. Os alemães e os ingleses preferem outra subdivisão: Alta Idade Média (séculos XII e XIII); Idade Média Tardia, para o período terminal; Primeira Idade Média (séculos XI a XIII) e última Idade Média (séculos XIII a XV). Há outras designações em inglês: Alta Idade Média e Idade Média Central. Todas estas divisões contêm, porém, o seu grão de arbitrariedade histórica (LOYN, 1997, p. 10).

Partimos do pressuposto de que o estudo da Idade Média não é linear e sim complexo, heterogêneo, pois estão intrincadas as modificações sofridas na sociedade. Isso se deve à forma de interpretação de cada autor, à subjetividade dos mesmos, ou seja, um fato histórico pode ser explicado de várias perspectivas, de acordo com a intencionalidade do pesquisador e/ou das relações sociais em que este se encontra inserido. Assim, existem várias visões de um único fato, o que explica as contradições entre várias obras, principalmente as destinadas à área das Ciências Humanas.

Feitas essas ponderações, esclarecemos que, inicialmente, optamos por realizar um estudo das mudanças educacionais, ou seja, das alterações do comportamento do homem nos séculos XV e XVI na Península Ibérica, tomando como referência as obras clássicas, *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes*. Tais alterações, de nosso ponto de vista, estão diretamente ligadas às transformações sociais ocorridas nesses dois momentos. Ao analisar as duas obras, procuraremos mostrar que, por meio das narrativas realizadas pelos personagens, os autores explicitaram as dificuldades e as necessidades que os homens de cada período estabeleceram para tentar re/organizar a sociedade.

Sabemos que estudar a transição do homem medieval para o moderno não é uma tarefa fácil, especialmente tendo em vista a impossibilidade de se congregarem em uma única concepção humana sociedades tão heterogêneas e marcadas por tantas controvérsias. A esse respeito, Le Goff (1989) indaga: qual seria o modelo de

homem medieval, já que, em razão dessa heterogeneidade, eram vários os modelos de homem? Ou seja, não podemos definir uma única concepção de homem sem levar em conta o contexto em que este estava inserido.

Segundo Le Goff (1989), entre os séculos XI ao XV, nos moldes da Idade Média cristã ocidental, a definição de homem fundava-se ideologicamente na religião, ou seja, o homem medieval era aquele que acreditava em Deus acima de todas as coisas. Os que não acreditavam em Deus, como os pagãos, infiéis e ateus, eram excluídos do panorama do homem da Idade Média.

Conforme a época, a cristandade medieval insistia ou na imagem positiva do homem, ser divino, criado por Deus à sua semelhança, associado à sua criação [...], chamado a encontrar de novo o paraíso perdido por sua culpa, ou na sua imagem negativa, a do pecador, sempre pronto a sucumbir à tentação, a renegar Deus e, por conseguinte, a perder o paraíso para sempre, mergulhar na morte eterna. Esta visão pessimista do homem, fraco, vicioso, humilhado perante Deus, está presente em toda a Idade Média, mas é mais acentuada durante a alta Idade Média, desde o século IV ao século X – e ainda nos séculos XI e XII –, ao passo que, a partir dos séculos XII e XIII, tende a dominar a imagem otimista do homem, reflexo da imagem divina, capaz de continuar a criação na terra e de se salvar (LE GOFF, 1989, p. 11).

Evidenciamos que a imagem do homem medieval estava atrelada ao contexto ideológico propagado pela religião, à busca pelo domínio e poder da Igreja. Essa perspectiva foi se fortalecendo ao longo do período medieval e se tornando um instrumento de controle da sociedade.

Le Goff (1989, grifos do autor) aponta duas concepções de homem medieval, o *homo viator* e o homem penitente. O *homo viator* era um peregrino em viagem permanente, simbolicamente um viajante em potencial. Já o homem penitente procurava, por meio da penitência, assegurar sua salvação em meio à dispersão que ocorria na sociedade, tendo em vista a concepção de que o pecado estava inculcado no homem. Na Idade Média, o cristianismo voltava-se para a formação do ser humano universal e, tomando como referência simbólica um homem marcado pela dualidade entre o corpo e a alma e também pelo Espírito Santo (Santíssima Trindade), criava o sentimento representado pelo coração e pelo sangue. Referente a essa questão, Le Goff (1989) esclarece que, o corpo humano tornou-se uma imagem metafórica da sociedade e as concepções religiosas eram utilizadas para

manter a função social do homem. Assim, cada classe social aceitaria seu “destino” diante da vontade de Deus.

Para manter a organização social, eram utilizados inicialmente os esquemas binários, uma forma de maniqueísmo doutrinal, cujas oposições seriam o superior e o inferior, o bom e o mau. O autor refere-se também aos tipos humanos que, com base no esquema tri-funcional, eram três: os que oravam, os que guerreavam e os que trabalhavam.

Os que oravam, representados pelo clero, particularmente pelos monges, tinham a função de manter a ligação com o mundo divino pela oração, que era um meio de disseminar o poder espiritual na terra. Os que guerreavam, representados pelos cavaleiros, tinham como função proteger pelas armas as duas outras classes. Os que trabalhavam, representados principalmente pelos camponeses, tinham a função de, por meio do seu trabalho, garantir a sobrevivência das duas outras classes. Conforme Le Goff (1989), essa forma de organização social estava imbricada com a desigualdade social, que era ideologicamente mascarada pelos preceitos religiosos.

Consideramos importante entender a divisão hierárquica na organização social dos séculos XV e XVI, já que nossa intenção é construir um panorama geral de como eram desempenhados seus papéis na sociedade e como eram estabelecidas suas relações, conforme inferimos da análise das obras *Cárcel de amor* e *La vida Lazarillo de Tormes y sus fortunas y adversidades*.

Segundo Le Goff (1989), os monges apresentavam-se no contexto social como herdeiros únicos da Igreja primitiva. Com uma mentalidade elitista, viviam isolados em mosteiros, orientando-se pelos ideais de disciplina e obediência a Deus e rezando pela própria salvação e pela dos outros. Eram grandes conhecedores da cultura clássica e peritos na escrita e na leitura, já que, nos mosteiros, existiam bibliotecas e oficinas de cópia e decoração dos manuscritos. É importante destacar também que, além dos monges, existiam outras figuras importantes que compunham o grupo dos que oravam: os bispos, os padres seculares e os frades de ordens surgidas no século XIII.

Já os que guerreavam, representados principalmente pelos cavaleiros, faziam parte do imaginário medieval. Le Goff (1989) afirma que o cavaleiro vivia entre Deus e o sangue, entre a paz e a violência, entre a proteção dos pobres e a rapina, além de serem marcados pela coragem e pela sabedoria. É importante elucidar que, entre

os que guerreavam, existia o soldado de profissão, que recebia dinheiro pelos combates (mercenários).

Por se apoiar em um fundo mítico e folclórico, o imaginário cavaleiresco foi um dos principais elementos do processo de civilização. Segundo Flori (2005), foi nesse momento que surgiu um modelo de comportamento humano, o do cavaleiro com sua ética e ideal particulares. Esse modelo cultural, como podemos chamá-lo, permaneceu por toda Idade Média chegando aos tempos modernos e contemporâneos. O autor afirma também que foi, nesse período, que surgiu o modelo moral do “gentleman”. Assim, constatamos que o imaginário cavaleiresco foi um dos principais elementos do processo de civilização medieval.

O cavaleiro está presente nas duas obras como personagem. Em *Cárcel de Amor*, é representado por Leuriano, um jovem nobre, de alta posição social, que, naquelas circunstâncias históricas, vivia um amor impossível. Segundo Perin e Oliveira (2002), nesse período, o cavaleiro era considerado como um modelo de educação a ser seguido.

Em *Lazarillo de Tormes*, a ação do cavaleiro é narrada de forma contrária à do personagem de *Cárcel de Amor*. O que aparece é a sua decadência, o que nos leva a entender que esse modelo de homem foi, gradativamente, perdendo sua posição social de destaque. O cavaleiro do século XVI representado em *Lazarillo de Tormes* luta para sobreviver, trapaceia, engana e rouba. Questões como essas serão aprofundadas na próxima seção. Por ora, continuaremos nossa exposição sobre o esquema tri-funcional existe na Idade Média.

Dentre os que trabalhavam, destacam-se os camponeses. O camponês medieval, segundo Le Goff (1989), era um indivíduo preocupado com sua auto-suficiência e com sua estabilidade alimentar. Ele privilegiava o cultivo de cereais, uvas, oliva e castanha, bem como o fabrico de pão, além de desempenhar funções de pastoreio ou o trabalho nos bosques, sendo que a mulher se dedicava à função têxtil ou era fiandeira.

Na interpretação de Le Goff (1989), o camponês, socialmente explorado pelo senhor, por meio do cultivo da terra e de cobranças de taxas e, principalmente, dinheiro, não tinha outra saída a não ser se sujeitar ao monopólio senhorial. Embora tenha resultado em algumas revoltas violentas, essa sujeição geralmente era passiva.

Na obra de Tomas More (2004), *Utopia*, encontramos uma esclarecedora análise da expulsão dos camponeses das terras dos senhores feudais no século XVI. Além das dificuldades que os “desapropriados” foram obrigados a enfrentar nas cidades, vivendo como mendigos e roubando para não morrer de fome, o autor menciona:

A punição do roubo com a pena de morte vai muito além da demanda por justiça, e não atende, de forma alguma, o interesse público [...] e como vós, muitos outros fazem o mesmo, tanto na Inglaterra como em outros lugares - imitando os maus professores, que preferem bater nos alunos a dar lhes lições (MORE, 2004, p. 13).

More (2004) em seus escritos, crítica as diferenças que ocorriam na sociedade do século XVI. O autor explica como era a vida dos nobres, que, com seus interesses econômicos, fizeram com que os camponeses ficassem sem nenhuma proteção. Afirma o autor:

São muito numerosos os nobres que vivem ociosamente como verdadeiros zangões; eles vivem do suor dos outros e esfolam e sugam o sangue dos vassallos que vivem em suas terras, aumentando constantemente o aluguel dessas terras [...] Desfigurados pela doença e cobertos de farrapos, nenhum nobre querará dar emprego a esses homens, e os camponeses, por sua vez, não se arriscarão a fazê-lo, porque sabem que quem foi educado na ociosidade, na preguiça e no luxo, não está habituado senão a empunhar a espada e o escudo e a olhar com desprezo os que os cercam (MORE, 2004, p.15).

As mudanças ocorridas no âmbito do trabalho nos séculos XV e XVI, conforme a obra de More (2004), provocaram transformações em todas as instâncias sociais e levaram os homens a repensar suas vidas. Alguns tentando manter a sociedade que estava decaindo, outros procurando sustentar as mudanças que favoreciam a sociedade moderna, que já manifestava suas exigências para a sustentação social.

Segundo Le Goff (1989), depois do ano mil, ocorreu um maior desenvolvimento urbano, em meio ao qual surgiram novos tipos de homens ligados ao trabalho, como os cidadãos, o intelectual e o mercador. O cidadão era um antigo camponês que passara a viver na cidade, ficando completamente ligado ao seu desenvolvimento. Dentre eles podemos exemplificar os artesãos e os operários

(cidadinos), os médicos e os cirurgiões (homens de ciência e trabalhadores manuais), os pobres, os heréticos, as crianças e os marinheiros.

Os intelectuais eram referidos como pessoas que trabalhavam com as palavras e a mente, como os mestres, doutores, filósofos, literatos. Esse autor descreve o intelectual como um homem da palavra e dos livros e enumera três características que o distinguiam do trabalhador manual: internacional; solteiro; autoridade. Internacional, porque conhecia latim, já que realizava várias viagens entre uma universidade e/ou de uma escola para outra. Solteiro, já que deveria ser isento dos deveres familiares e conjugais. Autoridade, porque escrevia textos imperativos, a começar pela Bíblia, embora não os seguisse criteriosamente, pois sabia criticá-los e combiná-los com a análise racional. Os mercadores eram pessoas que tinham aprendido língua estrangeira, sabiam manipular moedas e medidas, ou seja, eram negociantes.

Le Goff (1989) ainda menciona que, às margens das categorias medievais, existiam a mulher e o artista e, nos extremos, o marginal e o santo. A mulher medieval não ocupava lugar social, era definida apenas pelo fator sexual, por seu corpo ou por suas relações em alguns grupos, cujas delimitações as marcavam como virgens, esposas, viúvas ou reprodutoras.

Quanto ao artista medieval, destaca-se a imprecisão de seu estatuto e sua dispersão pela sociedade. Foi grandiosa a arte medieval e também o anonimato da maior parte dos criadores dessas obras. De início, ele era conhecido como o que possuía uma técnica, um ofício; depois do século XIV no Ocidente, passou a ser conhecido como o que possuía uma arte (LE GOFF, 1989).

O marginal, para Le Goff (1989), era o exilado, o excluído da sociedade, um indivíduo perigoso. A exclusão surgiu primeiramente como forma de substituição das penas de morte, depois passou a ser utilizada como forma de punição a ladrões, criminosos e pessoas de má reputação. Os santos eram considerados uma realização do imaginário medieval, pelo fato de estabelecerem um contato entre a terra e o céu. Tornavam-se santos após a morte, principalmente os que faziam mediações bem sucedidas entre os homens e Deus.

Com o passar dos anos, afirma Le Goff (1989), a figura dos homens medievais foi se transformando. No século XIII, a sociedade, complexa, era marcada pela religiosidade, cujos perfis e valores eram diferenciados pela hierarquia e a soberania da Igreja. Com a instauração da crise feudal nos séculos XIV e XV,

ocorreram modificações nas estruturas e nos valores e o fator religioso deixou de ser o ponto de explicação de todas as coisas.

Consideramos que, por meio de uma contextualização, Le Goff (1989) apontou algumas características dos homens medievais, com base nas quais, ele os agrupa em dez tipos: os monges, os cavaleiros, os camponeses, os cidadãos, os intelectuais, os mercadores, as mulheres, os artistas, os marginais e os santos. Portanto, de acordo com o autor, a sociedade medieval era formada por vários componentes sociais, cujas peculiaridades eram definidas e diferenciadas pela hierarquia social.

Quanto à forma de organização da sociedade, embora, ideologicamente, parecesse existir uma harmonia nas relações sociais, na verdade observa-se uma desigualdade entre as classes. A aparente harmonia devia-se às obsessões comportamentais, simbólicas, e aos hábitos mentais, marcados pelo sistema cultural e ideológico relacionado ao poder divino que se sobressaía na sociedade.

Na interpretação de Le Goff (1989), na alta Idade Média predominava o ideário de que o homem deveria atender apenas à vontade de Deus. Dessa maneira, a fé era um agente que formava e dominava o imaginário do homem, que se conformava com o sofrimento porque supunha ser essa a vontade do Criador. Como podemos constatar, mascarava-se o sentido real da propagação religiosa: a busca do poder e da dominação social.

Relacionados à organização social, estavam tanto o desenvolvimento das cidades na Idade Média quanto a estruturação do comércio, imbricados entre si. Ao longo desse período, algumas oscilações em ambos os segmentos da sociedade (constituição das cidades e do comércio) influenciaram o fortalecimento do feudalismo, mas também encaminharam sua ruína.

Essa informação foi retirada da obra de Pirenne (1968), intitulada *História econômica e social da Idade Média*, na qual o autor abordou o desenvolvimento econômico e social da Europa ocidental, desde o final do Império Romano até o século XV, período marcado pelo renascimento econômico. Conforme Pirenne (1968), a compreensão do renascimento econômico nesse período só é possível quando se analisam os acontecimentos históricos a ele relacionados.

Consideramos que o estudo dos acontecimentos precedentes tiveram repercussão nos séculos XV e XVI, sendo de suma relevância para a compreensão de *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y sus adversidades*. Assim, no

sentido de discutir os fundamentos históricos das crises ocorridas na sociedade espanhola de então, abordamos mais alguns pontos considerados de grande importância.

Para Monteiro (1987), as catástrofes ocorridas entre os séculos XIII e XV enunciaram grandes mudanças sociais que, por sua vez, ecoaram no desenvolvimento de uma "nova" sociedade, haja vista que a criação de novas exigências fez com que os homens se re/educassem para aprenderem diferentes formas de se relacionarem.

Duas grandes fomes prenunciam a catástrofe: a de 1315-1317 e a de 1346-1347. Eclode uma sucessão de doenças (como a disenteria) que em outras circunstâncias não seriam fatais, mas que agora tomam caráter epidêmico e mortífero, à qual se acrescenta a devastadora Peste Negra [...] que se abate sobre várias regiões entre 1347 e 1351. Revoltas camponesas e guerras, como a guerra dos Cem Anos (1337-1453), provocam miséria e ruína. O resultado foi um decréscimo populacional na Europa que, em algumas regiões, atingiu 60%, e no global chegou a cerca de 40% (MONTEIRO, 1987, p. 74).

Como esses acontecimentos históricos influenciaram a vida dos homens no período, consideramos importante fazer duas ressalvas: uma sobre a peste negra e outra sobre a Guerra dos Cem anos. Le Goff (2007), em um capítulo de *As Raízes Medievais da Europa*, explica que a peste negra apresentava-se de duas formas, a respiratória e a inguinal. A forma inguinal era mais freqüente: apareciam gânglios, chamados de bubões, sendo que as virilhas ficavam cheias de sangue negro, cuja cor definiu a doença e a epidemia. Acredita-se que o bacilo expelido pela pulga dos ratos é que transmitia a doença, que se propagava pelo contato humano. Até 1720, data da última epidemia e das mais catastróficas, homens e mulheres morriam rapidamente contaminados pelo bacilo: entre 24 e 36 horas as pessoas chegavam a óbito. As famílias, as linhagens, os conventos, as paróquias não conseguiam fazer os funerais, nem dar aos moribundos o sacramento da extrema unção. Os corpos eram jogados em valas comuns.

A Guerra dos Cem Anos (1337-1453), de acordo com Saccomori (2011), foi travada entre a Inglaterra e a França em razão, principalmente, da questão sucessória. Durando tanto tempo, essa guerra envolveu vários reinos, como Aragão, Escócia, Castela, Flandres, Navarra e Portugal, além de outros no Ocidente europeu. Seu resultado foi a formação dos Estados Nacionais.

Cumpram-se mencionar que, além das epidemias, da fome e das guerras, instauraram-se outras crises. Le Goff (2007) menciona que o historiador tcheco Frantisek Graus, ao estudá-las, faz referências às acusações de envenenamento de poços, cuja finalidade era contaminar os judeus que estavam sendo expulsos da Europa ocidental e meridional. Eles já tinham sido expulsos da Inglaterra no século XIII, da França no século XIV e da Península Ibérica em 1492. As acusações espalharam-se rapidamente, minando os conflitos políticos e provocando revoltas populares.

Cabe ressaltar que a expulsão dos judeus não se deveu apenas a motivos religiosos, mas também a motivos racistas de limpeza de sangue⁵. Além desses, existem também os de ordem econômica e política, mascarados pelo viés religioso. Segundo Le Goff (2007), a expulsão dos judeus era uma prática disseminada no continente europeu do final da Idade Média.

Dessa forma, entendemos que a angústia que caracterizava as relações sociais no início da Idade Média, como consequência das invasões, deixou resquícios que permaneceram até o século XVI, como a fome, a guerra, a peste e, conseqüentemente, a morte. Ao mesmo tempo, o resultado dessa crise direcionava para uma nova configuração da sociedade, marcada pelo absolutismo⁶, pelo

⁵ Reyes (1985, p. 15) escreve que, "La cuestión social del honor y La obsesión de La limpieza de sangre, como fenómenos específicamente españoles, tuvieron sin duda una influencia decisiva" ("A questão social da honra e a obsessão pela limpeza de sangue, como fenómenos específicamente espanhóis, tiveram sem dúvida uma influencia decisiva" (REYES, 1985, p. 15, tradução nossa)). Já Pérez (2003, p. 226) esclarece que, "[...]: cualquier ascendiente judío, fuese o no reconciliado, bastaba para infamar a alguien e incapacitarlo para ciertas dignidades u oficios. Los primeros estatutos de limpieza de sangre aparecieron en el siglo XV: en el regimiento de Toledo (1449), en Vizcaya y Guipúzcoa, en el Colegio Mayor de San Bartolomé de Salamanca, imitado luego por el de Santa Cruz de Valladolid (1488), en la Orden de Alcántara (1483), en la de los jerónimos (1486)... En el siglo XVI, los estatutos se generalizaron. El que fue impuesto en 1547 a la catedral de Toledo por el cardenal Silíceo suscito una somada controversia" ("[...] qualquer ascendente judeu, fosse ou não convertido, bastava para infamar alguém e incapacitá-lo para certas dignidades ou ofícios. Os primeiros estatutos de limpeza de sangue apareceram no século XV: no regimento de Toledo (1449), em Vizcaya e Guipúzcoa, no Colégio Maior de São Bartolomeu de Salamanca, logo imitado pelo de Santa Cruz de Valladolid (1488), na Ordem de Alcántara (1483), na dos jerónimos (1486)... No século XVI, os estatutos se generalizaram. O que foi imposto em 1547 à catedral de Toledo pelo cardeal Silíceo suscitou uma grande controvérsia" (PÉREZ, 2003, p. 226, tradução nossa)).

⁶ Anderson (2004) define o absolutismo pela centralização do poder, como um resultado político e econômico das mudanças ocorridas na forma de exploração econômica feudal. No entanto, as mudanças no Estado não significam que o poder feudal tenha desaparecido. A aristocracia continuava no poder, embora existisse espaço para o enriquecimento. Em decorrência do desenvolvimento da burguesia mercantil nas cidades medievais, os burgueses adquiriam posição social, mas isso não significou inicialmente o fim do domínio feudal. Assim, o autor explica que o Estado Absolutista é um estado de transição que não é totalmente feudal e nem moderno; aparentemente se apresentava como moderno, mas ainda se encontrava preso às raízes medievais.

mercantilismo⁷, pelo renascimento⁸ e pela reforma, bem como pelas peculiaridades que se configuravam de forma semelhante e/ou distinta no continente europeu.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Considerando os itens anteriores, faremos uma breve recapitulação histórica do contexto espanhol a partir do século XIV e enfatizaremos algumas questões relevantes relacionadas às mudanças educacionais ocorridas na Espanha nos séculos XV e XVI, as quais, aos poucos, resultaram em modificações no ensino e na formação dos homens desses períodos.

Valdeón (2003), em *Historia de España*, ao ressaltar as transformações da sociedade peninsular, mostra que esse período pode ser considerado como um marco da depressão. Esse mesmo autor esclarece que,

El siglo XIV conoció, lo mismo en que en el occidente de Europa que en los reinos cristianos de Hispania, una profunda crisis, que afectó tanto a los aspectos materiales como a los espirituales. La difusión de pestes mortíferas, la frecuencia de los malos años y la agresividad de los poderosos tuvieron efectos claramente negativos, sobre todo en el medio rural. Pero hubo sus excepciones, la ganadería ovina, que dio un espectacular salto adelante en la Corona de Castilla, y el comercio mediterráneo, elemento clave de la economía de la Corona de Aragón (VALDEÓN, 2003, p. 111)⁹.

⁷ Segundo Deyon (2009, p. 10), o “[...] mercantilismo foi definido e batizado por seus adversários”, já que estes, ao definir o conceito, estavam criticando essa forma econômica e valorizando o liberalismo econômico. É importante ressaltar que entre os séculos XVI e XVIII, ninguém se declarava mercantilista; quando, com as transformações na sociedade, outro modelo econômico surgiu, seus adeptos, ao mesmo tempo em que se esforçavam para efetivá-lo e justificá-lo como eficaz na resolução da crise, elaboravam as críticas ao modelo mercantilista. Também não havia a definição desse sistema, com a descrição de suas características fundamentais: “Uns falam do nacionalismo autárquico; outros, do intervencionismo do Estado, outros ainda atribuem uma importância primordial ao bulionismo, isto é, à crença de que a acumulação dos metais preciosos é a única forma de riqueza” (DEYON, 2009, p. 11). O fato é que o mercantilismo teve sua importância histórica; ele foi um fator econômico do processo de acumulação econômica de algumas nações na Europa, embora isso não tenha ocorrido de forma linear em todas elas.

⁸ Marques, Berutti e Faria (2008) salientam que o renascimento representa uma ruptura com os ideais medievais, sendo um movimento complexo e rico, que vai além de modificações intelectuais entre fins do século XIII e meados do século XVII na Europa. Dessa forma, o estudo desse movimento também é complexo e nem sempre dá conta de explicar e expor sua complexidade e riqueza.

⁹ “O século XIV conheceu, de forma semelhante no ocidente da Europa e nos reinos cristãos da Espanha, uma profunda crise, que afetou tanto os aspectos materiais quanto os espirituais. A

Considerando que a peste negra resultou em pontos negativos para a agricultura, na Europa, algumas exceções podem ser observadas. Por exemplo, a região de Castilha, que se manteve economicamente com a criação de ovelhas e com o comércio pelo Mediterrâneo, serviu de elemento chave para a economia de Aragão.

Nesse período, meados do século XIV, registra-se, na história política de Castilha, a guerra fratricida que deu origem a uma nova dinastia, os “Trastámaras”, de origem bastarda.

[...] la historia política de Corona Castilla fue testigo, a mediados del siglo, de una fratricida, que concluyó con el establecimiento en el trono de una nueva dinastía, los Trastámaras, de origen bastardo. La Corona de Aragón, por el contrario, conoció una etapa de expansión bajo el reinado de Pedro IV, pero en los primeros años del siglo XV la dinastía reinante se extinguió, lo que planteó un agudo problema sucesorio. Uno de los principales efectos de la crisis del siglo XIV fue la ruptura de la convivencia que hasta entonces habían mantenido la comunidad cristiana y la judía (VALDEÓN, 2003, p. 111)¹⁰.

Por conseguinte, a crise não afetou somente a vida material, mas também resultou em uma doutrina religiosa. Conforme o mesmo autor, esse período foi nomeado pela Igreja como o do “Cisma de la Iglesia”, um conflito religioso marcado pela separação entre a Igreja Católica em Roma (Ocidental) e as Igrejas Ortodoxas (Oriental).

As principais manifestações da crise instaurada no século XIV foram: a peste negra, a fome e a guerra, conforme já mencionamos anteriormente. Nas obras *Cárcel do Amor* e *La vida de Lazarillo Tormes y de sus fortunas y adversidades*, esses eventos estão representados de formas diferenciadas, pois cada autor, respectivamente, analisa a sociedade ou pelo aspecto da nobreza ou pelo aspecto da pobreza.

difusão de pestes mortais, a frequência de anos ruinosos e agressivos dos poderosos tiveram efeitos claramente negativos, sobretudo no meio rural. Mas houve algumas exceções: a criação de ovelhas, que levou a um grande salto a Coroa de Castela e o comércio do Mediterrâneo, um elemento-chave da economia da Coroa de Aragão” (VALDEÓN, 2003, p. 111, tradução nossa).

¹⁰ “[...] a história política da Coroa Castilla foi testemunha, em meados do século, de uma guerra fratricida, que teve como conclusão o estabelecimento no trono de uma nova dinastia, os Trastámaras, de origem bastarda. A Coroa de Aragão, no entanto, passou por uma etapa de expansão com o Rei Pedro IV, mas, nos primeiros anos do século XV, a dinastia reinante se extinguiu, levando a um problema de sucessão. Um dos principais efeitos da crise do século XIV, foi uma ruptura na convivência que até o momento tinham mantido a comunidade cristã e a judia” (VALDEÓN, 2003, p. 111, tradução nossa).

A peste negra, trazida do Oriente por um navio genovês, afetou primeiramente as ilhas Baleares, de onde se propagou para a costa mediterrânea de Aragão, avançando por toda Península Ibérica. A fome, nesse contexto, perpassou o século XIV: um período de muitos temporais, inundações e frio intenso fez com que se perdessem as colheitas, de forma que os camponeses não conseguiram produzir para seu próprio sustento e nem pagar as rendas aos senhores feudais. Além disso, a guerra, segundo Valdeón (2003), ocasionava abusos dos senhores feudais contra os camponeses dependentes. Dentre as várias guerras internas de cunho religioso ocorridas no século XIV, os autores destacam a Guerra dos Cem Anos e a “Guerra de los dos Pedros”.

Essas catástrofes repercutiram no mundo rural: muitos lugares ficaram despovoados, campos foram abandonados, de forma que não existia nem cultivo nem camponeses para trabalhar na terra. Dentre as alternativas, Valdeón (2003) destaca o investimento da Inglaterra na criação de ovelhas em Castilha, visando à exportação da lã. Simultaneamente, desenvolveu-se a atividade têxtil baseada no algodão e na seda.

Na interpretação de More (2004), nesse momento histórico, ocorreu um grande aumento da criação de ovelhas, o que conseqüentemente levou a uma redução no número de camponeses, já que o manejo desses animais não exigia uma grande quantidade de mão-de-obra. O preço pago pela lã intensificou a criação de ovinos, favorecendo o surgimento de pastagens, o que, por sua vez, acarretou o aumento da população urbana. Para garantir sua sobrevivência, os camponeses viram-se “obrigados” a trabalhar em situação miserável nas indústrias ou a viver mendigando nas cidades.

Para explicar melhor as transformações socioeconômicas, educacionais, políticas e culturais na Península Ibérica, principalmente na Espanha, apresentamos de forma cronológica a contribuição de cada reinado para esse processo, segundo Valdeón (2003); Cortázar (1988) e Peña (1967). Consideramos que o breve estudo sobre os reinados espanhóis favorecerão a compreensão das obras literárias em foco, já que os autores de então expressaram em suas obras os conflitos vivenciados.

É válido ressaltar que cada autor tem suas particularidades e opiniões, o que, coadunando com Figueira (1995), nos leva a afirmar que algumas formas de pensar não são erradas: respondem às necessidades de pensar do homem em cada época.

A autora, explicando como deve ser o processo de entendimento do pensamento dos homens do passado, afirma que o homem do passado distingue-se dos homens atuais apenas pelo progresso.

Retomando os reinados na Espanha, iniciaremos por Afonso XI (1312-1350), conhecido como “El Justicero”. Afonso tinha um ano de idade quando foi proclamado rei: quem comandou o reino foram seus tutores, a rainha avó María de Molina e o escritor Juan Manuel. Nesse momento, foi constituída a Corte de Burgos e estabelecida uma Hermandad General. Atingindo a maioridade, Afonso XI assumiu o trono, fortalecendo o poder real e trabalhando para a dissolução da Hermandad. Venceu a batalha Del Salado, recuperando Gibraltar, região que tinha sido perdida anos antes. Criou o conselho, que seria composto com um número fixo de conselheiros nomeados pelo rei. Paralelamente, em 1348, aprovou o Ordenamento de Alcalá. Morreu dois anos depois, vítima da peste negra.

Foi sucedido por seu filho Pedro I (1350- 1369), conhecido como o Cruel.

Todo da a entender que el nuevo monarca procuraba prescindir de la alta nobleza, en tanto que buscaba sus apoyos entre los judíos, a los que protegió sobremanera, y en los legistas. Asimismo entró en guerra con el monarca aragonés Pedro IV. Dicha guerra, iniciada en el año 1356, tuvo diversas fases, mas en todo momento Castilla llevó la iniciativa, hasta el punto de que llegó a sitiar la ciudad de Barcelona. Pero lo más importante del reinado de Pedro I fue la oposición de un amplio sector de la nobleza, encabezada por su hermanastro Enrique de Trastámara, uno de los muchos hijos bastardos que había tenido Alfonso XI con la hermosa dama Leonor de Guzmán (VALDEÓN, 2003, p. 116)¹¹.

Nesse contexto, o monarca Pedro I entrou em guerra com o monarca aragonés Pedro IV, ganhando a cidade de Barcelona. O grande marco do seu reinado foi a oposição de um setor da nobreza, encabeçada por seu meio irmão Enrique de Trastámara, um dos muitos filhos bastardos de Afonso XI com Leonor de Guzmán, que tinha o apoio de Aragón e da França, buscando também aliança com a Inglaterra. A guerra entre os dois irmãos teve várias fases: a princípio, o vencedor foi

¹¹ “Tudo leva a entender que o novo monarca procurava prescindir da alta nobreza, tanto que buscava apoio entre os judeus, aos quais protegeu sobremaneira, e nos legistas. Assim mesmo entrou em guerra com o monarca aragonês, Pedro IV. Essa guerra, iniciada no ano de 1356, teve diversas fases, mas sempre Castela tomou a iniciativa, a ponto de chegar a sitiar a cidade de Barcelona. No entanto o mais importante do reinado de Pedro I foi a oposição de um amplo setor da nobreza, encabeçada por seu meio irmão Enrique de Trastámara, um dos muitos filhos bastardos que teve Alfonso XI com a linda dama Leonor de Gusmán” (VALDEÓN, 2003, p. 116, tradução nossa).

Pedro I (Nájera, 1367), mas, no final, a vitória foi para o príncipe bastardo. Em 1369, Pedro I foi assassinado em Montiel.

Chamado pelos espanhóis como o “De las mercedes”, Enrique II ocupou o trono de 1369 a 1379, dando início em Castilha ao governo da dinastia Trastámara. Depois de amplos acordos com a nobreza e de colocar fim aos focos de resistência ao seu governo, o novo monarca fez acordos com os reis peninsulares, como os de Portugal, Aragão e Navarra. Em 1375, firmou com Pedro IV de Aragão o casamento do herdeiro do trono de Castilla, Juan I, com a filha do Cerimonioso, Leonor. No âmbito internacional, prestou ajuda aos franceses na batalha naval de La Rochele em 1372. Juan I, depois da morte de seu pai Enrique II, herdou a coroa de Castilla. Contudo, por almejar o trono lusitano, casou-se com Beatriz de Portugal, assumindo a coroa em 1383.

Segundo Valdeón (2003), dirigido pelo mestre da Ordem de Avis e apoiado militarmente pelos ingleses, Portugal entrou em batalha com os castelhanos, derrotando-os decisivamente em Aljubarrota (1385). Um ano depois, o duque Lancaster reclamava o trono de Castilla em razão de seu casamento com a filha do rei Pedro I. Suas tentativas foram em vão. Em 1388, firmou-se a paz de Boyona, cujo resultado foi o acordo matrimonial entre o herdeiro do trono castelhano, Don Enrique, e a filha do duque Lancaster, Catarina. Com o título de Príncipes de Astúrias (1388), o casal foi herdeiro do trono da Espanha.

O reinado de Enrique III (1390-1406) foi marcado por muitos conflitos, pois ele lutou contra os Trastámaras. Aliou-se com os turcos, saiu de Castilha em direção ao país dos tártaros, encorajou as campanhas do aventureiro francês Jean de Bethancourt nas Ilhas Canárias, ponto fundamental para a futura presença castelhana nas ilhas afortunadas.

O sucessor de Enrique III foi Juan II (1406-1454), que também era menor de idade quando começou seu reinado. Assim, o governo foi coordenado pelo Infante Don Fernando, que manteve a ordem interna e, mais tarde, foi eleito rei de Aragão. Na maioridade, Enrique confiou nos conselhos de Don Álvaro Luna, que, segundo Peña (1967), era um homem culto e inteligente que acabou sendo decapitado, vítima das intrigas fomentadas pelos nobres e apoiadas pelos infantes de Aragão.

Enrique IV (1454-1474), conhecido como impotente, segundo Valdeón (2003), enfrentou muitos problemas na sucessão ao trono de Castilha, já que era alvo da conspiração da nobreza. Como relata Peña (1967),

El nuevo Rey de Castilla era tan débil de carácter como su padre y antecesor, y fue víctima de la levantisca nobleza castellana. De su primero matrimonio no tuvo descendencia y casó en segundas nupcias, la nueva reina dio a luz una hija llamada *Juana*, que fue designada con el sobrenombre de *la Beltraneja*, por creérsela hija de *Don Beltrán de la Cueva*, importante noble de la corte castellana (PEÑA, 1967, p. 117, grifos do autor)¹².

Joana, sua filha do segundo casamento, foi reconhecida como herdeira, apesar da oposição da nobreza, que acreditava que ela não era filha do Enrique IV e sim de Don Beltrán de La Cuerva. Esse reinado foi, portanto, marcado por escândalos que levaram a uma guerra civil comandada por seu próprio irmão, Don Afonso, aspirante ao trono. Os rebeldes pediam que a coroa fosse passada para Doña Isabel, irmã do rei, que, no “Tratado de Los Toros de Guisando”, chegou a ser reconhecida como sua sucessora. Antes de sua morte, no entanto, ele voltou a reconhecer Doña Juana como sua filha. Com a morte de Enrique IV, instaurou-se uma guerra interna pela sucessão do reino entre as candidatas Isabel, irmã do rei, e Juana.

Isabel foi proclamada rainha e se casou com o infante Don Fernando, filho de Juan II de Aragão. Sua propensão para a cultura, seu caráter vigoroso e seu profundo sentimento pelo povo espanhol como um todo fizeram dela uma das figuras mais representativas da história da Espanha.

Esse período ficou conhecido como o dos “Reis Católicos (1479-1517)”, porque os laços cristãos se faziam presentes na administração do reino. Conforme Pérez (2003),

[...]: los Reyes Católicos transmiten a sus herederos un instrumento eficaz, un Estado castellano, coherente, fuerte, dinámico; Carlos V y Felipe II transforman España en potencia hegemónica; con los Austrias menores se derrumba el inmenso poderío español; con los primeros Borbones se inicia una recuperación prometedora que se termina con la catástrofe que supuso la guerra de la Independencia (PERÉZ, 2003, p. 162)¹³.

¹² “O novo rei de Castela era tão fraco de carácter como seu pai e antecesor, e foi vítima da leveza da nobreza castelhana. Do seu primeiro casamento não teve filhos e, casando-se pela segunda vez, a nova rainha deu à luz uma filha chamada Juana, que foi designada com o apelido de a *Beltraneja*, por se acreditar que era filha de *Don Beltrán de la Cuerva*, importante nobre da corte castelhana” (PEÑA, 1967, p. 117, grifos do autor, tradução nossa).

¹³ “[...]; os Reis Católicos transmitem a seus herdeiros um instrumento eficaz, um Estado castelhano, coerente, forte, dinâmico; Carlos V y Felipe II transformam Espanha em uma potencia hegemônica; com os Austrias menores se desmonta o imenso poder espanhol; com os primeiros

Assim, com o reinado dos Reis Católicos, uma nova ordem social foi construída. Uma nova história, cujas características eram a unidade nacional, o absolutismo monárquico no interior da Espanha e, no exterior, a Reconquista (PERÉZ, 2003).

Nesse período, surgiram alguns conflitos na fronteira castelhana com o rei português Afonso V, que defendia os direitos de sua esposa Juana. Alguns nobres castelhanos demonstravam hostilidade para com Isabel. Assim, aconteceu uma rebelião de caráter duplo, ou seja, de guerra civil e de guerra internacional. De acordo com o autor, o Tratado de Alcaçovas, em 04 de setembro de 1449, pôs fim às guerras: Isabel e Fernando foram reconhecidos como reis de Castilha e Juana foi para o convento de Coimbra, onde morreu em 1530. Embora tenham fundado a unidade nacional entre Castilha e Aragão, os Reis Católicos seguiram independentes: Isabel, no trono de Castilha, e Fernando, no de Aragão.

A política dos Reis Católicos reduziu a participação dos nobres nas decisões do reino. Foram aplicadas leis nos tribunais de justiça, sendo que, na ocasião, quem os presidiu foi a rainha Isabel. Todos os nobres foram obrigados a devolver à coroa os castelos e os lugares que pertenciam ao reino, sem exceção e sem privilégios. Os reis obtiveram a autorização e o apoio do Papa para incorporar tais imóveis à Coroa. Assim, a nobreza perdeu seu poder político, que foi concentrado nas mãos dos Reis Católicos. De acordo com Peña (1967), embora tenha perdido o poder político e seus privilégios, a nobreza não desapareceu.

Cumprе mencionar que, em 1492, os Reis Católicos¹⁴ reconquistaram o reino de Granada, onde viviam os mulçumanos espanhóis. Este reino abarcava a costa de

Borbons inicia-se uma recuperação promissora que termina com o desastre que levou à guerra da Independência” (PERÉZ, 2003, p.162, tradução nossa).

¹⁴ “Bien merecido tenían el título, pues tuvieron como constante preocupación la fe de sus reinos, fueron celosos defensores del prestigio de la Iglesia y procuraron por todos los medios la reforma de conventos y monasterios. A pesar de todo ello, siguiendo las tendencias políticas de la época, procuraron siempre mantener la independencia del poder monárquico y supieron conservarla con energía. Las rentas eclesiásticas eran frecuentemente usurpadas por los nobles y magnates, pero los Reyes Católicos remediaron este estado de cosas anulando las antiguas provisiones de iglesias, por juro de heredad, cortando así el origen de ese abuso y aumentando el poder de la Iglesia” (PEÑA, 1967, p. 163). (“Bem merecido o título que tinham, pois tiveram com constante preocupação a fé de seus reinos, foram cuidadosos defensores do prestígio da Igreja e procuraram por todos os meios a reforma de conventos e mosteiros. Apesar de tudo isso, seguiram as tendências políticas da época, procuraram sempre manter a independência do poder monárquico e souberam conservar-la com energia. As rendas eclesiásticas eram frequentemente usurpadas pelos nobres y magnatas, pois os Reis Católicos remediaram este estado de coisas anulando as antigas disposições das Igrejas, por juro da irmandade, cortando assim a origem desse abuso e aumentando e aumentando o poder da Igreja (PEÑA, 1967, p. 163, tradução nossa)).

Cádiz, Sevilla, Córdoba e Jaén. Ao estudarmos este período, conseguimos entender os escritos de Peña (1967):

Granada se concedió a los vencidos libertad de religión, trajes y costumbres, se daba seguridad de personas y bienes, libertad que estaban de los cautivos hechos en la guerra, limitación de los tributos y otras ventajas que estaban en pugna con la política de los Reyes Católicos y el espíritu de la época, por lo que no fueron respetadas (PEÑA, 1967, p. 156)¹⁵.

Esse historiador descreve perfeitamente a reconquista e a liberdade das pessoas que lá viviam, reconquistando seus costumes. Paralelamente a esse fato, ocorria o fortalecimento da monarquia espanhola cristã. É importante enfatizar que, nesse mesmo contexto, os Reis Católicos tentaram proteger os judeus, embora, segundo Pedrero-Sánchez (1994), não existam documentos que comprovem essa atitude, não existam provas dessa proteção. O que se sabe é que o rei era coagido pela nobreza feudal, que se considerava ameaçada pelos judeus. Outra hipótese era de que a Inquisição¹⁶ teria sido a responsável pela expulsão dos judeus na Espanha. Em suma, a situação era confusa na época.

A Idade média espanhola não foi tolerante com a fé, mas com várias sociedades de credo diferente, cuja coexistência admitia no seio duma mesma entidade política. Este fato tem como conseqüência durante o século XV a ainda depois, a existência de uma estrutura política insuficiente, baseada em princípios de relação pessoal e pactuada. Os monarcas hispanos durante a Idade Média tinham súditos de três religiões. Para os Reis Católicos, os judeus são súditos e vassallos além de pertencerem a uma comunidade determinada (PEDRERO-SANCHÉZ, 1994, p. 101).

Assim, podemos afirmar que a Espanha passou por um período de mudanças religiosas, tendo como religião oficial o catolicismo. Segundo Pedrero-Sanchez

¹⁵ “Granada concedeu aos vencidos a liberdade de religião, trajes e costumes, dava-lhes segurança de pessoas e bens, liberdade aos que estavam presos nos atos de guerra, limitação dos tributos e outras vantagens que estavam em conflito com a política dos Reis Católicos e o espírito da época, pelo que não foram respeitadas” (PEÑA, 1967, p. 156, tradução nossa).

¹⁶ A Inquisição foi desenvolvida com o intuito de proteger a religião e salvar as almas de pessoas condenadas. Foi uma instituição espanhola, que, antecedendo a Contra-reforma, era utilizada para vencer os adversários políticos da Espanha, bem como para reprimir os mouros e hereges, como os judeus e protestantes. Os efeitos impressionantes da Inquisição espanhola levaram o papa a estabelecer a Inquisição romana em 1542. Segundo Green (1991), a Inquisição elaborou o index (índice dos livros proibidos): o inquisidor listava as publicações que a Igreja proibia por apresentarem conteúdos considerados impróprios. Desse modo, por meio de um viés de repressão e de medo e por meio do index, a Inquisição dificultou a expansão da heresia.

(1994), nessa época, predominavam duas posturas a respeito dos judeus: o silêncio e a consideração de que a expulsão seria um mal menor. O número de conversões aumentava, na expectativa de que os conversos de todas as classes viveriam sem problemas de convívio social. Com isso, estabelecia-se uma corrente de ida e volta entre judeus e conversos.

Constituíam-se dessa maneira um elo entre os judeus que tinham se convertido obrigatoriamente e voluntariamente. Em razão de suas origens judaicas, eles eram cristãos, mas não praticavam o cristianismo. Seus corações e seus pensamentos continuavam no judaísmo. Dessa forma, evidenciamos que os preceitos religiosos cristãos não modificaram subjetivamente os judeus convertidos.

O autor esclarece que, em 1480, os Reis Católicos, com apoio do Papa Sixto IV, elaboraram um documento no qual se afirmava que a Inquisição não era apenas um ato religioso, mas também político. Dessa maneira, receberam o apoio majoritário da corte e conseguiram oficializar a expulsão dos judeus.

Anos depois, por volta de 1490-1491, a Inquisição levou a termo o processo chamado “Del Santo Niño de La Guardia”, por meio do qual se acusavam os judeus de heresia, o que levou à perseguição e à condenação desse povo. Nesse período, como o judaísmo passou a ser considerado uma doença contagiosa, os Reis Católicos, preocupados com sua imagem diante do povo, deram aos judeus a oportunidade de se converter; caso contrário, seriam condenados pela Inquisição. Segundo Pedrero-Sanchez (1994), muitos judeus foram explorados e humilhados pelos capitães de barcos, genoveses, espanhóis e portugueses, sendo que os únicos países que abriram as portas para eles foram a Turquia e a Grécia.

A este respeito, Peña (1967) afirma que, por meio de

[...] los Reyes Católicos por la unidad religiosa fue el decreto de expulsión de los judíos dado en marzo de 1492. No era expulsión de raza y tenía solamente un carácter religioso, pues los que quisieron bautizarse pudieron quedarse. Se marcharon unas 35.000 familias, dirigiéndose muchas a Turquia y Grecia (PEÑA, 1967, p. 157)¹⁷.

De acordo com Pedrero-Sánchez (1994), o judaísmo oficial na Espanha tinha chegado ao fim, expressando a transição de uma sociedade pluralista e heterodoxa

¹⁷ “Os Reis católicos, pela unidade religiosa, decretaram a expulsão dos judeus em março de 1492. Não era uma expulsão de raça e tinha apenas um caráter religioso, pois os que quiseram se batizar puderam ficar. Deixaram o país, em direção a Turquia e a Grécia, cerca de 35.000 famílias” (PEÑA, 1967, p. 157, tradução nossa).

para outra rígida e fechada. Nesse mesmo período, mais precisamente no ano de 1496, foram expulsos os judeus de Portugal e de Navarra em 1499, de forma que literalmente os judeus foram afastados da Península Ibérica.

Peña (1967) afirma que, paralelamente a esses acontecimentos, com a união de Castilha e Aragão e a conquista de Granada e Navarra, a Espanha obteve a unidade nacional. Anos depois, em janeiro de 1515, com a morte do Rei Católico Don Fernando, o trono foi ocupado por Doña Juana, que, por sua vez, nomeou, como regente de Castilha, o cardeal Cisneros e, de Aragão, Don Alfonso, arcebispo de Zaragoza. O reinado de Carlos I (1517-1556) abriu um período novo na história espanhola.

Ressaltamos que foi nesse período histórico, que Peña (1967) considera como o início de uma nova história da Espanha (final do século XV), que Diego de San Pedro escreveu a obra “Cárcel de amor”. Ressalvando que Diego de San Pedro é considerado um judeu convertido que viveu e escreveu na corte dos Reis Católicos, destacaremos na análise o reinado dos Reis Católicos. Com base nessas informações, na próxima seção, abordaremos os sentimentos do autor relacionados à angústia de seu povo.

Reafirmando a importância dos acontecimentos no século XVI, Peña (1967) afirma que esse período foi marcado pelo conjunto de dois reinados, o de Carlos I (1517-1556) e o de Felipe II (1556-1598). O autor salienta também que, em 1500, do casamento de Dona Juana, conhecida como a louca, com Felipe da Áustria, conhecido como “El Hermoso”, nasceu o filho que mais tarde se tornou rei da Espanha, Carlos I, neto dos Reis Católicos. Considerado como o monarca mais poderoso de sua época, seu reinado marcou um período de hegemonia em toda Europa: conquista de novas terras na América e luta do catolicismo contra turcos e protestantes.

Peña (1967) ressalta que não existia na Europa um monarca com maior poder: ele era Carlos I na Espanha e Carlos V na Alemanha, razão pela qual passou a ser chamado de Carlos V. Quando chegou à Espanha, ele não falava espanhol nem conhecia os costumes do país, o que provocou um mal estar entre os espanhóis. Estes, além de quererem que ele falasse castelhano, pediram-lhe que não nomeasse estrangeiros para cargos monárquicos. Como ele não os atendeu, houve vários protestos e rebeliões, nomeados como “Guerra de Las Comunidades”.

Segundo Pérez (2003)

El siglo XVI no cabe duda de que fue una época de preponderancia y de prestigio para España, pero uno tiene también la impresión de que aquella gloria se realizó a expensas de la nación, invitada a sufragar con su sangre y sus contribuciones tributarias unos ideales y unas empresas imperiales definidas de una manera unilateral por los monarcas (PÉREZ, 2003, p. 195)¹⁸.

Ativo, considerando a dignidade imperial acima das monarquias nacionais, esse rei velava pelos interesses comuns da cristandade. Afirma o autor:

En primer lugar, se trata de mantener relaciones amistosas con el reino vecino de Portugal. El casamiento del imperador con la princesa portuguesa Isabel, en 1526, reforzó los lazos entre las coronas. El tratado de Tordesillas (1494) había marcado las zonas de expansión respectivas de España y Portugal en el Atlántico. El único punto de fricción lo constituía la cuestión de las islas Molucas; en 1529, en Zaragoza, Carlos V renunció por parte de España a toda reivindicación sobre el archipiélago, lo cual hizo desaparecer toda competencia entre los dos países. [...]. En segundo lugar, Carlos V siempre mostró gran preocupación ante el peligro que representaban los turcos [...] En relación con Francia, el reinado había empezado por una tentativa de concordia; fue el tratado de Noyon (1515), negociado bajo influencia de su ayo, el señor de Chievres, que prefería mantenerse en paz, con el reino vecino mientras Carlos no hubiera asegurado su trono en España (PÉREZ, 2003, p. 202-203)¹⁹.

Com base nos escritos de Pérez (2003), interpretamos que a paz no reino de Carlos V foi declarada. Assim, sendo ele um homem de atividades incansáveis e de extraordinária competência, decidiu, como governante, passar o trono para o seu filho Felipe II, que seguia seus conselhos.

¹⁸ “O século XVI, não cabe dúvida de que foi uma época de preponderância e de prestígio para Espanha, porém tem-se também a impressão de que aquela glória se realizou às custas da nação, convidada a pagar com seu sangue e suas contribuições tributárias os ideais e as empresas imperiais definidas de uma maneira unilateral pelos monarcas” (PÉREZ, 2003, p. 195, tradução nossa).

¹⁹ “Em primeiro lugar, trata-se de manter relações amistosas com o reino vizinho de Portugal. O casamento do imperador com a princesa portuguesa Isabel, em 1526, reforçou os laços entre as coroas. O Tratado de Tordesillas (1494) marcou as zonas de expansão respectivas de Espanha e Portugal no Atlântico. O único ponto de atrito era a questão das ilhas Molucas; em 1529, em Zaragoza, Carlos V renunciou, por parte da Espanha, a toda reivindicação sobre o arquipélago, o que fez desaparecer toda a concorrência entre os dois países. [...] em segundo lugar, Carlos V sempre mostrou grande preocupação diante do perigo que representavam os turcos. Em relação à França, o reinado começou por uma tentativa de concórdia; foi o tratado de Noyon (1515) negociado sob influência de seu tutor, o senhor de Chievres, que preferia manter-se em paz, com o reino vizinho enquanto Carlos não tinha assegurado seu trono na Espanha” (PÉREZ, 2003, p. 202-203, tradução nossa).

No século XVI, a Igreja católica impôs-se com mão dura e recebeu apoio do Estado; com essa determinação, a Inquisição tornou-se um instrumento terrivelmente eficaz. Inferimos que essa atitude influenciou a chamada “limpeza de sangue” contra os descendentes de judeus: embora negada pela Companhia de Jesús durante muitos anos, ela foi retomada em 1593 (PÉREZ, 2003).

Cumprе mencionar que a Espanha, nesse período, não acompanhou o movimento europeu de renovação e inquietude religiosa; as tendências reformadoras apresentaram-se de maneira distinta na Península. Pérez (2003) refere-se a esse endurecimento:

[...] perfilaron ideas más o menos tachadas de heterodoxas, la Inquisición actuó como una poderosa fuerza de represión, encontrado así otro terreno de acción. Al Santo Oficio, que había sido expresamente creado para luchar contra la herejía de los judaizantes, fue encomendada la tarea de vigilar los focos heterodoxos de cualquier tipo de manifestación. Iluminismo, erasmismo y luteranismo fueron las principales tendencias con que la Inquisición tuvo que enfrentarse (PÉREZ, 2003, p. 231)²⁰.

Com estas palavras, o autor esclarece-nos a respeito do advento de um movimento original fundado em três aspectos: cristianismo interiorizado, negação da vontade e anti-intelectualismo.

O iluminismo expressava literalmente o abandono das doutrinas postuladas pelos cristãos, os quais defendiam que não se chega a Deus nem pelo entendimento, nem pelas ciências, mas pelo amor. O erasmismo teve muita importância no pensamento dos intelectuais nesse século. As obras do humanista holandês, Erasmo de Roterdã²¹, foram traduzidas para o espanhol, tornando-se

²⁰ “[...] apresentando ideias mais ou menos rotuladas como heterodoxas, a inquisição atuou como uma poderosa força de repressão, encontrando assim outro terreno de ação. Ao Santo Ofício, que foi expressamente criado para lutar contra a heresia dos judeus, foi encomendada a tarefa de vigiar os focos heterodoxos de qualquer tipo de manifestação. Iluminismo, erasmismo e luteranismo foram as principais tendências com que a Inquisição teve que se enfrentar” (PÉREZ, 2003, p. 231, tradução nossa).

²¹ Segundo Diaz-Plaja (1956), “La figura del gran humanista holandés Erasmo de Rotterdam fue enormemente prestigiosa en Europa. Sus inmensos conocimientos, su perfecta expresión latina y, sobre todo, su agudeza satírica, a veces de tono anticlesiástico, le crearon un público muy afecto entre los humanistas de toda Europa que, a través de la restauración del latín clásico, veíanse más unidos. Desde el punto de vista religioso, la obra de Erasmo es, muchas veces, un precedente de Lutero” (DIAZ-PLAJA, 1956, p. 151) (“A figura do grande humanista holandês Erasmo de Rotterdam foi grandiosamente prestigiada na Europa. Seus imensos conhecimentos, sua perfeita expressão latina e, sobretudo, sua sagacidade satírica, as vezes de tom anticlesiástico, criaram-lhe um público dileto entre os humanistas de toda a Europa que, por meio da restauração do latim

doutrina oficial na Espanha. Com sua doutrina, ele propunha uma reforma na Igreja, a ser comandada pelo imperador. O luteranismo foi mais relevante em Valladolid e Sevilla, onde, segundo Pérez (2003), a repressão era muito violenta. O arcebispo Carranza simpatizou-se com os escritos de Lutero e propagou seus pensamentos, razão pela qual foi julgado pela Inquisição e condenado a dezessete anos de reclusão.

Quando o Concílio inaugurou suas sessões em Trento, em 1545, era tarde: os protestantes negaram-se a participar. Com isso, a Igreja Católica considerou a necessidade de ser reformada. Segundo Pérez (2003), nasceu uma nova ordenação do dogma católico, cujo desejo era então conciliar as aspirações a uma vida mais autêntica e pessoal com as exigências de uma sociedade preocupada com sua própria integração orgânica.

Salientamos que o autor de *Lazarillo de Tormes* escreveu e viveu nesse período de conflito, estabelecido como transição da Idade Média para Idade Moderna. É válido ressaltar que a mudança de uma sociedade para outra perpassa séculos e que, quando os conflitos ocorrem de maneira explícita, é porque há uma luta entre os sentimentos de manutenção da “velha ordem” e de fortalecimento do “novo” que está se estabelecendo. Segundo Perin e Oliveira (2002, p. 123), nos momentos de transição, “[...] ocorre uma mistura de sentimentos indefinidos, vagando entre um mundo e outro, feudal e moderno, porém já mostrando o enraizamento de sentimentos diferentes da outra época, mas necessários à organização social do momento”.

Dentre as considerações acerca do contexto histórico, apresentadas na primeira seção, destacamos que a leitura de obras clássicas da literatura pode ser uma forma de ensino para a aprendizagem das relações sociais que resultam na formação humana. De nossa perspectiva, tais obras revelam o que os homens estavam vivendo no momento histórico em que foram produzidas. Elas não são vazias, pois, apresentando questões reais da sociedade, de acordo com o momento histórico de cada uma, contêm ensinamentos que auxiliam os homens na resolução de problemas práticos do dia a dia.

Os autores clássicos transmitem não apenas conhecimentos teóricos, mas, sobretudo, práticos. Consideramos, portanto, que os ensinamentos contidos nas

clássico, viam-se mais unidos. Do ponto de vista religioso, a obra de Erasmo é, muitas vezes, um precedente de Lutero” (DIAZ-PLAJA, 1956, p.151, tradução nossa)).

obras, *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, podem ser considerados essenciais para a formação humana, pois revelam momentos de grandes alterações educacionais que induzem os homens a re/pensar suas vidas, seus comportamentos e, conseqüentemente, suas maneiras de refletir e de agir. Logo, as obras são ensinamentos para a formação do homem na sociedade, estabelecendo uma relação entre as dificuldades teóricas e a possível solução na prática do dia a dia.

Desse modo, entendemos que o estudo dessas obras, aliado ao conhecimento dos acontecimentos históricos, proporcionará um conhecimento global dos aspectos sociais, educacionais, políticos e religiosos da sociedade na época. Ao compreender o passado, poderemos decifrar as relações dos homens em nosso momento histórico. Abordaremos esta temática com maior amplitude na próxima seção do estudo.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS EM CÁRCEL DE AMOR E LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES

Nesta seção, analisaremos as obras *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, relacionando-as com os acontecimentos históricos e literários vivenciados pela sociedade espanhola nos séculos XV e XVI. Identificaremos alguns aspectos sócio/educacionais presentes nas respectivas obras com a finalidade de mostrar que as obras clássicas expressam as relações estabelecidas entre os homens do período histórico em que foram produzidas.

Carcel de Amor foi escrita por Diego de San Pedro em 1492. De acordo com Shibata (2007), embora existam poucos escritos a seu respeito, sabe-se que 1438 é a data possível de seu nascimento, que seus primeiros escritos foram conhecidos em 1459, que ele foi servidor de Juan Téllez-Girón, Mestre de Calatrava e conde de Urena, e que assumiu o posto de alcaide do castelo de Penhafiel. Esse mesmo autor relata que, por volta de 1466, Téllez-Girón deixou em testamento uma pensão anual de vinte mil maravedis²² para o autor.

Segundo Giordano (2010), considerado um dos maiores tradutores da obra de Diego de San Pedro, *Carcel de Amor* é um dos romances clássicos mais lidos e conhecidos na Europa, especialmente na Espanha, nos séculos XV, XVI e XVII. Impressa mais de cinquenta vezes em seu idioma original, o espanhol, e também em línguas estrangeiras, a obra percorreu o mundo.

Circulando pelas cortes dos príncipes e reis de Castela, Diego de San Pedro teve luxuosos casos de amor com muitas damas da corte. Tais contatos alçaram-no ao cargo de Ouvidor do Conselho do rei Enrique IV, ou seja, a uma alta posição política. Poeta e novelista, seu prestígio literário só foi reconhecido no reinado dos Reis Católicos. Sua primeira obra, a novela sentimental *Arlete e Lucenda*, escrita em 1465, conquistou diversos leitores na Europa. Anos depois, por volta de 1492, ele publicou *Carcel de Amor*, sua obra de maior destaque. Segundo Shibata (2007), os críticos contemporâneos a consideraram um resumo de todas as questões amorosas do século XV.

²² “Moneda española, efectiva unas veces y otras imaginaria, que ha tenido diferentes valores y calificativos” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, s/p).

Existem relatos de que provavelmente Diego de San Pedro tenha morrido em 1498, deixando outras obras de riquíssimo valor literário como: *Pasión Trobada* (1496), *Cancionero General* (1511), *Desprecio de la Fortuna* (1520), *Pasión de nuestro Redendor y Salvador Jesuscristo* (1522), entre outras. No entanto, essas obras nunca receberam a versão impressa e não existem relatos da data de sua composição.

Carcel de Amor é relacionada ao gênero literário sentimental, do qual fazem parte as novelas de cavalaria medievais compostas por episódios de honra e de coragem dos cavaleiros andantes. Conforme Parrilla (1995),

Los libros de caballerías y las otras ficciones largas de la Edad Media crean su propio mundo, que no es el de la experiencia cotidiana de su público; se puede aplicar simbólicamente, pero no directamente, a la vida real de cada día. (En la realidad del libro del Paso honroso, igual que en la ficción de Don Quijote o de Madame Bovary, se aprecian las consecuencias extraordinarias y hasta funestas de cualquier intento de vivir como si se estuviera en el mundo del libro de aventuras) (PARRILLA, 1995, p. 11-12)²³.

Podemos afirmar, portanto, que essa obra fictícia escrita por Diego de San Pedro para um amigo, Diego Fernández de Córdoba, tem o perfil da ficção autobiográfica da Idade Média, representando as experiências emocionais da vida de um público específico, ou seja, dos integrantes da corte do século XV.

Carcel de Amor é um retrato da nobreza cortesã, cuja identidade e cujo modo de vida já eram objeto de arte. Segundo Casanova (2008), o conteúdo da obra é a história social vivida pela classe dominante do final do século XV: os protagonistas representam suas histórias de amor, revelando-as publicamente. Seu tema central é o amor não correspondido de um cavaleiro (Leriano) por uma dama da corte (Laureola).

Na obra *História de la literatura española*, Guilherme Díaz-Plaja (1956) afirma que *Carcel de Amor* une uma série de narrativas de caráter novelesco, nas quais aparecem cenas de casais apaixonados que lutam pela felicidade. Muitas vezes, essas lutas expressam diferentes sentimentos; alguns de seus personagens são

²³ “Os livros de cavalarias e outras longas ficções da Idade Média criam seu próprio mundo, que não é o da experiência cotidiana do seu público; esse mundo pode se aplicar simbolicamente, mas não diretamente, à vida real de cada dia (na realidade, do livro do Paso honroso, tal como da ficção de Don Quijote ou Madame Bovary, se apreciam as consequências extraordinárias y até desastrosas de qualquer tentativa de viver como se fosse no mundo do livro)” (PARRILLA, 1995, p. 11-12, tradução nossa).

egoístas, vaidosos, vingativos; outros expressam o desejo da morte de um ou dos dois apaixonados.

As cenas e o ambiente são rodeados de mistérios e os sentimentos representados revelam características da nobreza do século XV. Sofrendo as grandes alterações provocadas pela “nova” sociedade que procurava se estabelecer (a da burguesia), os nobres tentavam ensinar que as grandes dificuldades estavam centradas no sofrimento vivido pelo amor não correspondido e/ou pelos maus sentimentos que permeavam o convívio social.

Assim, segundo Diaz-Plaja (1956), os tumultuosos acontecimentos históricos do século XV soavam como um eco nas obras literárias. Dentre as que mais se sobressaem, mencionamos seguintes: *La crônica de Don Juan II*, cujo autor anônimo descreve acontecimentos ocorridos no reinado de Don Juan II; a *Crónica del Rey Don Enrique*, escrita por Diego Enríquez del Castillo, e as obras de *Mosén Diego de Valera* (*Crónica de los Reyes Católicos*, organizada por Alfonso de Palencia).

Dessa forma, entendemos que a reflexão sobre as obras literárias do século XV nos faz entender que a corrente literária no período da corte dos Reis Católicos era a do humanismo, responsável pelas principais ideias filosóficas a respeito do homem nessa época de transição. Dentre elas, a liberdade; o desenvolvimento das ciências; as descobertas; as diferentes culturas e, conseqüentemente, a valorização do próprio homem como centro do mundo – antropocentrismo. Cumpre mencionar que a leitura teve um papel de destaque no final da Idade Média e início da Idade Moderna. Sua finalidade era transmitir ensinamentos para os que não sabiam e para os que sabiam ler, ou seja, tanto o público leitor quanto o público analfabeto acompanhariam a leitura e a encenação das obras literárias em praça pública.

O desenvolvimento da leitura ocorreu aos poucos, de acordo com as necessidades das práticas sociais. Antigamente, os autores tinham muitas dificuldades para publicar e divulgar as obras escritas e, como ainda não existia a imprensa, o registro era feito em tábuas de barro, de metal, em couro, em papiro. Posteriormente, descobriu-se o pergaminho e, mais tarde, os romanos descobriram o papel. Todavia, no século XV, tanto a leitura quanto a escrita ainda eram privilégio de poucos; tais habilidades eram encontradas nos membros da Igreja, dos mosteiros e das abadias. Devido a esta restrição, poucos tinham acesso às obras literárias.

Essa realidade mudou com a invenção da imprensa no século XV, a qual acompanhou a necessidade da aprendizagem da leitura e da escrita para fins comerciais. Mesmo assim, a arte literária continuava a ser transmitida oralmente, como forma de diversão para a população.

Desta forma, a identificação das pessoas com as obras era imediata, uma vez que podiam assistir à encenação de situações que, muitas vezes, elas próprias vivenciavam. Em uma relação dialética, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que os autores clássicos eram influenciados pelo contexto, suas obras também influenciavam o modo de vida das pessoas. Assim, ao contar as histórias, ao transmitir os conhecimentos imbricados em cada obra, os leitores ensinavam a sociedade a enfrentar seus dilemas.

Com a criação da imprensa, vieram os artistas e humanistas estrangeiros. Esse movimento produziu um grande impulso cultural. De acordo com Peña (1967), o movimento cultural teve várias manifestações, dentre as quais a criação de colégios universitários; estudos gerais e cátedras. Dentre os humanistas, segundo Peña (1967), merece destaque Juan Luis Vives²⁴, erasmista Valenciano, pedagogo, pensador e filósofo. Foi professor das Universidades de Lovaina e Oxford, utilizou de seus conhecimentos para criticar fortemente os ensinamentos de sua época.

De acordo com Shibata (2007), “Cárcel de Amor” recebeu críticas de Juan Luís Vives, que considerava sua leitura como um passatempo ilícito. Como os exemplares tinham sido recolhidos e queimados pelo Santo Ofício e a obra, vetada de ser publicada, lida e de circular em toda Europa, o acesso só era possível por meio de cópias manuscritas ou de cópias impressas ilegalmente.

É importante reiterar que o século XV espanhol foi marcado por muitos conflitos históricos, dentre eles, as rebeliões populares contra os altos impostos cobrados pelos reis, a fome que assombrava a população mais desprovida de oportunidades, as políticas que prejudicavam a unidade nacional, as guerras pela expansão de novos territórios, além das lutas contra os mouros no sul, contra os portugueses no oeste, contra os franceses a leste e contra os ingleses no canal da

²⁴ “Pedagogo, pensador y filósofo, hizo numerosos viajes a Europa y fue profesor de las Universidades de Lovaina y Oxford. Su piedad cristiana y su afán moralizador, no evitaron en él un fino espíritu crítico, que utilizó principalmente para atacar los defectos de la enseñanza de su época” (PEÑA, 1967, p. 166) (“Pedagogo, pensador e filósofo, fez numerosas viagens a Europa e foi professor das Universidades de Lovaina e Oxford. Sua piedade cristã e sua ânsia moralizadora, não evitaram nele um espírito crítico, que utilizo principalmente para atacar os defeitos dos ensinamentos de sua época” (PEÑA, 1967, p. 166, tradução nossa)).

Mancha. A descoberta das Índias por Cristovão Colombo foi outro fato histórico que contribuiu para a evolução dos conflitos no período. Reiteramos também que a rainha Isabel foi uma das mulheres com mais habilidade política na época. Juntamente com seu marido, o rei Fernando de Aragão, ela conseguiu pacificar e centralizar o poder político e religioso na Espanha.

Nessa época, é necessário esclarecer, o conhecimento passou a ser prioridade social, pois a comercialização e o convívio social dependiam de conhecimentos empíricos, ou seja, de experiências práticas do mundo. Nesse sentido, de modo geral, a sociedade empenhou-se em aprender conhecimentos que favoreciam as relações comerciais. Com o Renascimento, no vasto conjunto de fenômenos políticos, religiosos e culturais, o quadro espiritual da Idade Média foi aos poucos sendo substituído pela prática racional e reflexiva.

Desse modo, ao lermos *Carcel de Amor*, entendemos que nela, embora se exalte o uso da razão, representada em alguns personagens, ainda ocorre um conflito entre o espiritual (o pecado) e a nova visão de mundo, ou seja, aquela que possibilita aos homens a liberdade, a descoberta. De acordo com Shibata (2007),

É justamente no interior desse contexto histórico mais preciso que Diego de San Pedro produziu as suas obras literárias, em particular, as suas tão famosas “novelas sentimentais”. Não é preciso esclarecer que, embora o espaço fictício em que se movem seus personagens seja a distante Tebas ou a exótica Macedônia, o leitor, um pouco mais informado, logo reconhecerá a Espanha na transição da Idade Média para a Idade Moderna, quer dizer, aquele tão conhecido universo em que valentes e apaixonados cavaleiros, trajados com armaduras, combatem pelo favor – um olhar de relance, uma singela carta, um tímido sorriso ou simplesmente algumas palavras de apreço – de suas damas (SHIBATA, 2007, p. 06).

Além de retratar o amor, a obra expressa o contexto dos conflitos que marcaram historicamente a Espanha do século XV: guerras, desacordos políticos, angústias, mudanças de comportamentos políticos, religiosos e a valorização do cavaleiro como modelo social. As angústias e os conflitos não eram vivenciados só por meio do amor; os autores revelam também o mal estar que os homens estavam sentindo na sociedade. Assim, tal como outras obras clássicas da literatura, por meio dos ensinamentos de valores e crenças apresentados nas entrelinhas das histórias de amor que eram transmitidas à sociedade da época, o romance mostra a necessidade de uma re/organização da social.

Como o romance se passa na corte isabelitana, faz-se necessário definir o que é nobreza. Segundo Flori (2005):

Pronunciar a palavra 'nobreza' é referir-se a um sistema social e jurídico extinto, ao menos em teoria, pela Revolução Francesa. Na sociedade do Antigo Regime, antes de 1789, as três funções evocadas. Desde o século IX, por alguns teóricos eclesiásticos ('aqueles que rezam, aqueles que combatem, aqueles que trabalham') deram lugar a três ordens, fundamentos do 'feudalismo': o clero, a nobreza e o Terceiro Estado. Cada uma dessas ordens é claramente delimitada pelo direito. Seus membros, apenas pelo fato de pertencerem a uma ou a outra dessas categorias sociojurídicas, estão sujeitos a leis e regras particulares, gozam de privilégios específicos ou têm deveres, encargos e restrições inerentes a sua qualificação (FLORI, 2005, p. 114).

Desse modo, consideramos que a palavra nobreza refere-se a um grupo específico de homens e simbolicamente designa as virtudes que os destacam: qualidades morais, comportamento social, nascimento, poder, riqueza, autoridade, generosidade, alianças familiares ou amigáveis, servidão e liberdade. Podemos inferir que a pessoa podia ser nobre cavaleiro ou somente cavaleiro. Com a valorização da cavalaria, por alguns motivos, dentre eles os políticos e os militares, ocorreu uma aproximação da cavalaria com a nobreza, uma unindo-se à outra. Segundo Flori (2005), a nobreza apareceu antes da cavalaria.

No decorrer da Idade Média, esses dois termos apareciam juntos, não porque fossem sinônimos, mas porque seus conceitos eram parecidos. De acordo com Flori (2005), a cavalaria pouco a pouco foi adquirindo mais destaque e a nobreza, por interesses políticos, reivindicou a junção. Os guerreiros nobres, ou cavaleiros nobres, tinham características honoríficas.

O papel do cavaleiro tornou-se um modelo social. Sua educação tornava-o um exemplo para os homens medievais; ele representava o homem forte, guerreiro, educado, protetor dos mais fracos, principalmente das mulheres, e fiel ao seu amo. Essas qualidades, dentre outras que se destacavam, sinalizam o conteúdo do ensinamento social da época, já que ele era admirado por sua postura e competência.

A figura do cavaleiro permaneceu por muitos séculos como um símbolo social, porém, conforme o comércio e as cidades foram se desenvolvendo, outras prioridades foram surgindo. Uma delas foi a necessidade de novos conhecimentos para a vida. Portanto, a guerra deixou de representar a questão mais importante

para dar destaque a um conhecimento mais reflexivo, no qual as armas já não eram simbolizadas pelas espadas e sim pelos debates, pelas dúvidas em relação aos antigos ensinamentos e pela valorização de conhecimentos que favorecessem a experiência empírica com a natureza. Segundo Perin e Oliveira (2002):

O cavaleiro do século XV, ao mesmo tempo, que vive suas aventuras com audácia, sentimento este que representava o mundo feudal, onde os homens lutavam sem temer e sem pensar nas consequências, vive a sabedoria, que representava o mundo moderno, onde o homem precisava refletir para agir, ou seja, precisava pensar sobre suas ações, a fim de tentar suprir suas necessidades (PERIN; OLIVEIRA, 2002, p. 122).

De acordo com as observações das autoras, o cavaleiro competia com o homem intelectual. O momento exigia que as questões sociais fossem pensadas e interpretadas para atender às prioridades que a nova sociedade (burguesia) entendia como necessárias à ascensão social, ou seja, ao lucro adquirido por meio da comercialização. A luta pela conquista de novas terras já não alcançava totalmente os anseios dos homens. Era preciso conhecer geograficamente novos territórios e novas culturas para o comércio das mercadorias.

Essas reflexões auxiliam-nos a compreender o personagem Leriano de “Cárcel de Amor” e os conflitos que o autor estava vivendo no período em que a obra foi escrita. As incertezas de sentimentos vividos pelo autor expressam o comportamento da sociedade espanhola no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Seu personagem, Leriano, representa um nobre cavaleiro do século XV que valoriza a guerra e, ao mesmo tempo, partilha das novas exigências sociais, sejam elas: o diálogo; a demonstração da sabedoria para a argumentação; a reflexão para suas atitudes e comportamentos; o seu conhecimento para a conquista da mulher amada.

Como um dos protagonistas do romance, esse personagem, jovem, filho do duque Guersio, apaixona-se perdidamente por Laureola, filha do rei da Macedônia. Laureola, uma donzela de sangue real, não aceita ser cortejada por Leriano, mas recebe as cartas que ele lhe envia. O narrador é representado por um conselheiro e confidente que faz comentários e pedidos a Laureola e a Leriano. Em *Carcel de Amor*, o jovem cavaleiro é símbolo da cavalaria da Idade Média.

De acordo com Le Goff (1989), a sociedade cristã da Idade Média tinha três componentes: os que rezavam, os que combatiam e os que trabalhavam. Vamos nos prender aos que combatiam, pois estamos analisando Leriano, protagonista de *Carcel de Amor*. Segundo o mesmo autor, os guerreiros representavam um novo *status* social, pois guerreavam montados a cavalo, transformando-se em uma nobreza da cavalaria, que, com suas armas, protegia as outras duas classes.

É assim que, em *Carcel de Amor*, Diego de San Pedro apresenta o nobre cavaleiro:

[...], un caballero así feroz de presencia como espantoso a la vista, cubierto todo de cabello a manera de salvaje. Llevaba en la mano izquierda un escudo de acero fuerte, y en la derecha una imagen femenil entallada en una piedra muy clara, la cual era de tan extrema hermosura que me turbaba la vista (SAN PEDRO, 2010, p. 25)²⁵.

Leriano é descrito, portanto, com as características desse cavaleiro feroz e honrado.

[...] soy Leriano, hijo del duque Guersio, que Dios perdone, y de la duquesa Coleria. Mi naturaleza es este reino dónde estás, llamado Macedonia. Ordenó mi ventura que me enamorarse de Laureola, hija del rey Gaulo, que ahora reina, pensamiento que yo debiera antes buscar. Pero como los primeros movimientos no se pueden en los hombres excusar, en lugar de desviarlos con la razón confírmelos con la voluntad, y así de Amor me vencí, que me trajo a esta su casa, la cual se llama Cárcel de Amor (SAN PEDRO, 2010, p. 37-38)²⁶.

Nessa descrição, o autor demonstra preocupação em mostrar que Leriano era filho de um duque com uma duquesa e, mesmo sabendo que não era certo se apaixonar pela filha do rei, não conseguiu se esquivar de seus primeiros impulsos, pois era um nobre cavaleiro. Para compreender a importância dessa descrição, recorreremos ao papel da mulher na sociedade cristã do período.

²⁵ “Um cavaleiro tão feroz de aparência como espantoso à vista, coberto todo de pelos como um selvagem. Levava na mão esquerda um escudo de aço resistente e, na direita, uma imagem talhada em uma pedra muito clara, uma figura feminina de tão extrema formosura que me turvava a vista” (SAN PEDRO, 2010, p. 25, tradução nossa).

²⁶ “Sou Leriano, filho do duque Guersio, que Deus me perdoe, e da Duquesa Coleria. Minha terra é este reino onde estás, chamado Macedônia. Ordenou meu destino que eu me apaixonasse por Laureula, filha do rei Gaulo, que agora reina: pensamento que eu deveria antes buscar. Mas como os primeiros movimentos não se podem nos homens esquivar e, em lugar de desviá-los com a razão, confirma-os pela vontade, assim fui dominado pelo Amor, que me trouxe a esta casa, que se chama Cárcel de Amor” (SAN PEDRO, 2010, p. 37-38, tradução nossa).

Em *Carcel de Amor*, o autor vive o momento, relata fatos de sua época, aborda aspectos que gostaria que fossem modificados, já que o momento era de transição e, portanto, acarretava muitas dúvidas. Os homens estavam inseridos nas mudanças, mas, muitos, não conseguiam agir de forma diferente da de antes. Ao escrever as obras literárias, os autores clássicos desse período buscavam, por meio da disseminação de seus ideais, uma transformação da realidade em que viviam. Embora almejassem mudanças, eles próprios viam-se de mãos atadas, tendo a literatura como única alternativa para alcançá-las.

Na obra, *Leriano* é um valente cavaleiro que vive um amor platônico, não correspondido, por *Laureola*. Esse amor inatingível, ou, como era dito, *cortês*, era uma característica das novelas de cavalaria. Um simples olhar de relance, um singelo sorriso ou uma carta já eram suficientes para despertar grandes paixões de jovens cavaleiros por suas damas idealizadas.

De acordo com o código do amor cortês²⁷, o amor estabelece uma prisão de sentimentos, uma privação, de forma que o personagem *Leriano* não pôde vivê-lo. Outro aspecto do amor cortês são as cartas escritas pelos personagens, ora elas são enviadas a *Laureola* por *Leriano*, ora pelo próprio narrador da obra, por meio do discurso em primeira pessoa.

Segundo *Flori* (2005) o “amor cortês” passou a ser cantado pelos trovadores a partir do século XII. Era o amor exclusivo que um cavaleiro, totalmente apaixonado, dedicava à dama escolhida, cuja posição social era mais elevada que a sua.

As convenções sociais e religiosas levam então esse amor a assumir um caráter secreto, pleno de fantasmas; ele assimila a uma ardente devoção, expressa em termos de vassalagem: a vassalagem amorosa. A dama, por pudor e moderação, por escolha também, impõe provas a seu pretendente, uma demora que retarda o momento da realização (*FLORI*, 2005, p. 146).

²⁷ “El amor Cortés es más que un estilo o movimiento literario; hasta cierto punto lo podemos considerar como una manera de entender la vida la sociedad feudal. Es, por tanto, una, nueva concepción de la actividad amorosa, tomando como base una nueva valoración de la mujer, que se convierte así en el epicentro de esta nueva cultura. La corriente del amor Cortés generará una nueva literatura, cuyos protagonistas primigenios serán los trovadores provenzales” (*PELÁEZ*, 2008, p. 226-227) (“O amor Cortés é o mais que um estilo ou movimento literário; até certo ponto podemos considerá-lo como uma maneira de entender a vida da sociedade feudal. É, portanto, uma, nova concepção da atividade amorosa, tomando como base uma nova valorização da mulher, que se converte assim no epicentro dessa nova cultura. A corrente do amor Cortés gerará uma nova literatura, cujos protagonistas primitivos serão os trovadores provençais” (*PELÁEZ*, 2008, p. 226-227, tradução nossa)).

Assumindo esse papel social na obra, Laureola expressa o papel que a mulher desempenhava nesse século, conforme expusemos na primeira seção. Ela é caracterizada como uma figura de pudor e de moderação, induzindo o pretendente a lhe dar provas desse amor e impedindo a realização do desejo carnal, ou seja, desprezando o corpo e prendendo a alma de Leriano.

De acordo com Ramirez (1994), a mulher nobre do século XV cumpre um papel extremamente importante, o de receptora da educação sentimental. Em *Carcel de Amor*, isso fica explícito, pois, ao passo que Leriano vive uma prisão da alma, Laureola recusa seu amor com base em uma ficção sentimental, ou seja, na educação sentimental que lhe foi transmitida e que lhe cabe manter. Entendemos que, tendo por base uma sociedade hierárquica, mesmo não sendo casada e não tendo nenhum compromisso amoroso, Laureola seguia o código do amor restrito que prescrevia a inacessibilidade das damas como um ideal a ser preservado.

Na carta resposta de Laureola, notamos que o autor faz referência a esse fato, pois ela menciona o risco que Leriano assumiu ao manifestar seus sentimentos por escrito. Ele estaria sendo ousado e, com tal conduta, estava se arriscando a ir para a sepultura. Ressalva ela que lhe concedia perdão, pois o sofrimento pelo qual ele estava passando já era um castigo pelo seu ato, mas suplicava-lhe que não se arriscasse mais.

Todavia, Leriano, como um jovem cavaleiro, não desistiu de seu propósito e escreveu-lhe novamente, explicando seu amor:

Si tuviera tal razón para escribirte como para quererte, sin medo lo osara hacer; mas en saber que escribo para ti se turba el seso y se pierde el sentido, y de esta causa que lo comenzase tuve conmigo gran confusión: mi fe decía que osase, tu grandeza que temiese; en lo uno hallaba esperanza y por otro desesperaba; y en el cabo acordé esto. Mas, ay de mí, que comencé temprano a dolerme y tarde aquejarme, porque a tal tiempo soy venido, que si alguna merced te mereciese no hay en mí cosa viva para sentirla, sino sola mi fe (SAN PEDRO, 2010, p. 70)²⁸.

²⁸ “Se eu tivesse a mesma razão para escrever-te que para amar-te, sem medo ousaria fazê-lo; mas, sabendo que te escrevo, turva-me o juízo e perde-me o sentido, e, por isso, ao começar, tive comigo grande confusão: minha fé dizia que ousasse; tua grandeza, que temesse; em um achava esperança, em outro me desesperava; por fim, cheguei a isto. Mas, ai de mim, que comecei cedo a sofrer e tarde a me queixar, porque a tal estado me encontro que, se merecesse de ti alguma mercê, não existiria em mim uma coisa viva para aproveitá-la, a não ser minha fé” (SAN PEDRO, 2010, p. 70, tradução nossa).

A ousadia de Leriano representava o “novo”, ou seja, o homem que lutava por seus sentimentos sem medo de sua posição social. Apesar de a dama ser filha do rei, era a ela que ele dedicava seus sentimentos. Os personagens de Leriano e Laureola, muitas vezes, refletem a “velha” e a “nova” sociedade que viviam o conflito da transição. Laureola é fiel aos ensinamentos dados pelos seus nobres pais, enquanto Leriano tenta fazê-la entender que o amor ultrapassa as barreiras das diferenças sociais. É importante, neste caso, observar que o período já anunciava o casamento entre nobres e burgueses. Desse modo, entendemos que Leriano não conseguia viver sem a esperança de um dia ter o amor de Laureola: ele acreditava na grandeza de fidelidade. Sua ousadia correspondia à ideia de que, um dia, ele conseguiria seu objeto de desejo, o amor de Laureola.

Nesta parte da obra, como em outras, o narrador atua como mensageiro e conselheiro dos protagonistas. Quando Leriano escreve a carta a Laureola, o narrador suplica que ela tenha compaixão pelo sentimento do amigo e leia a carta. Nesse diálogo, ela responde da seguinte maneira:

- En tanto estrecho me ponen tus porfías que muchas veces he dudado sobre cuál haré antes: desterrar a ti la tierra o a mí de mi fama en darte lugar que digas lo que quisieres; y tengo acordado de no hacer uno de compasión tuya, porque si tu embajada es mala, tu intención es buena, pues la traes por remedio del quereloso. Ni tampoco quiero lo otro de lástima mía, porque no podría él ser libre de pena sin que yo fuese condenada de culpa (SAN PEDRO, 2010, p. 80)²⁹.

Respondendo à carta, ela escreve que o fazia para salvar a vida de Leriano, não porque o amava. Solicita também que, por Deus, ele escondesse a carta, já que, se alguém a visse, acreditaria que ela o amava, o que não era verdade. Sua intenção, ao escrevê-la, era simplesmente, por piedade, salvar sua vida e ao mesmo tempo livrar-se da culpa pelo sofrimento do cavaleiro.

Neste trecho da obra, percebemos que a fé cristã dos homens do século XV estava representada na protagonista. Nessa época, de acordo com Peña (1967), os Reis Católicos tinham conseguido a unidade religiosa espiritual, a pureza da fé

²⁹ “– Tão constrangida me deixa tua insistência que muitas vezes duvidei sobre o que farei primeiro: expulsar-te desta terra, ou desterrar-me de minha fama, dando lugar a que me digas o que quisieres; tenho acordado de não tomar a primeira atitude por compaixão tua, porque si tua embajada é má, tua intenção é boa, pois tens por remédio ao queixoso. Tampouco eu tomaria a segunda atitude por pena de mim, já que ele não poderia ficar livre de pena sem que eu fosse condenada” (SAN PEDRO, 2010, p. 80, tradução nossa).

Católica, e também a unidade territorial na Espanha. Como citado anteriormente, Laureola, como filha do rei da Macedônia, levava em seu sangue nobre o espírito do catolicismo.

De acordo com Perin e Oliveira (2002)

A Igreja, na Idade Média, detinha o poder de instrução da sociedade, portanto os homens seguiam os seus ensinamentos sem questionamentos, ou seja, a Igreja ditava as regras e a sociedade se prestava a segui-las. Era a forma de organização social do momento (PERIN; OLIVEIRA, 2002, p.117).

Dessa forma, a fé, representada pelo personagem de Laureola, esclarece o embate vivido entre a fé e a razão no século XV. O autor, ao ser o mediador dos personagens protagonistas, expressa também sua angústia, pois ensina Laureola a lidar com seus sentimentos regidos pela fé, sob a qual fora educada, e posiciona Leuriano, mostrando a Laureola a possibilidade de eles viverem um grande amor, superando as contradições entre os homens.

Visando analisar outros comportamentos presentes na sociedade do século XV, abordemos outro personagem: o antagonista Pérsio. Ao suspeitar do interesse de Leuriano por Laureola, já que também se interessava pelo amor dela, ele vasculhou uma forma de levantar suspeitas e afastar qualquer hipótese de aproximação entre os dois. De maneira cruel e maldosa, Pérsio dirigiu-se ao rei, para convencê-lo de que, todas as noites, depois que este dormia, os dois jovens se encontravam, em lugares impróprios para uma dama da corte. Declarou ao rei, que, como homem de honra, via-se no dever de lhe comunicar esse fato.

Perturbado, o rei pensou sem dizer uma só palavra. Remoeu o assunto e acabou acreditando nas mentiras. Considerando que, como Pérsio era filho do senhor da Gavia e, por isso, jamais inventaria tal mentira, decidiu aprisionar Laureola até resolver o que fazer.

A mentira e a perfídia também representam esse momento histórico. Por mais que o autor procure valorizar o cavaleiro medieval com nobres sentimentos, expressa também os outros sentimentos despertados na sociedade pelo comércio e pela convivência mais próxima entre os homens. A isso se relaciona o fato de que o desenvolvimento das cidades provocara relações de desconfiança e traições. O egoísmo e a inveja apresentavam-se claramente, mostrando que as conquistas realizadas pelo outro, muitas vezes, não satisfazia a todos. Reiteramos, com isso,

que os escritos literários de determinadas épocas históricas representam o contexto de forma clara, mostrando o ensino direcionado à sociedade da época, apresentando as exigências do período bem como a importância de serem estabelecidas relações direcionadas para a re/organização social.

No caso, o personagem Pérsio é o traidor, é ele que amarra o drama da história. Diz-se amigo de Liriano, mas, quando toma conhecimento de que este está apaixonado por Laureola, tenta impedir o romance. O grande êxito do romance deve-se ao fato de nele ter sido representado o desejo do amor praticamente impossível.

Portanto, podemos inferir que essa obra versa sobre os ensinamentos da sociedade hierárquica do século XV. O amor seguia padrões restritos, um dos quais era o de que a inacessibilidade à devia ser preservada. Quando o pai de Laureola fica sabendo do ocorrido, imediatamente, condena a filha à antiga lei da Escócia.

Shibata (2007) explica-nos como funcionava essa lei:

Que as rainhas, princesas ou outras mulheres de alta estirpe são condenadas à fogueira por acusação de adultério ou de amor ilícito. O rei espanhol Alfonso X o Sábio, ao promulgar as leis das *Sete Partidas*, acrescentou a possibilidade de comutar essa pena terrível pelo exílio perpétuo (SHIBATA, 2007, p. 08, grifos do autor).

Sem ao menos poder se defender, Laureola é condenada pelo próprio pai por amor ilícito, de acordo com a lei da Escócia, sendo enclausurada em uma torre do castelo, até que o rei tivesse a decisão final. Ainda conforme a lei do reino, Pérsio acusa Liriano de traidor. Escreve uma carta, desafiando-o a confessar de sua própria boca que visitava os aposentos de Laureola quando o rei adormecia. Caso contrário, desafiava-o para um combate.

Os combates, também chamados de duelos, eram comuns no período medieval. Para provar sua inocência ou até mesmo para conquistar uma linda dama, ou ainda riquezas, os cavaleiros duelavam até a morte. Segundo Casanova (2008), o ideal heróico identificava-se com o ideal amoroso e isso se refletia nas obras literárias, nas quais se narravam torneios, batalhas, duelos etc. O mesmo autor afirma que, ao representar o uso das armas e de desafios como um ritual dos séculos anteriores, Diego de San Pedro estava representando as novelas de cavalaria.

Felizmente, Pérsio não consegue vencer Leriano. Alguns cavaleiros, que pertenciam à família de Pérsio e assistem à batalha, suplicam a clemência do rei. Este atende ao pedido dos familiares, desde que ficasse provada a inocência de Pérsio. Leriano fica ofendido, não compreende o motivo que levou o rei a tomar tal decisão, pois ele tinha vencido Pérsio e, segundo as leis do reino, cabia-lhe decidir se Pérsio deveria morrer ou viver.

No dia seguinte, Leriano vai ao palácio, diante de toda a corte, pede ao rei que restitua sua honra, castigando Pérsio pela injúria cometida. No entanto, este tinha encontrado uma forma de fazer o rei acreditar em sua honradez: comprara três testemunhas para confirmar que estava dizendo a verdade.

[...], hizo llamar tres hombres muy conformes de sus costumbres, que tenía por muy suyos, y juramentándolos que le guardasen secreto, dio a cada uno infinito de dinero porque dijese y jurasen al rey que vieron hablar a Leriano con Laureola en lugares sospechosos y en tiempos deshonestos, los cuales se profirieron a afirmarlo y jurarlo hasta perder la vida sobre ello (SAN PEDRO, 2010, p. 128)³⁰.

Sem alternativas para salvar a vida de sua amada, Leriano decide organizar um pequeno exército para tirá-la da prisão. Forma um grupo de cavaleiros, encorajados e consegue prender os três homens que tinham testemunhado a favor de Pérsio, obrigando-os a confessar que este lhes pagara para relatar as injúrias que tinham levado à condenação de Laureola.

Assim, provando sua inocência, Leriano pede que o rei livre Laureola das acusações. Convencido da verdade, o rei perdoa Leriano, liberta a filha e recebe-a com todas as honras de uma princesa. No entanto, pede que Leriano não venha à corte até que os familiares de Pérsio se acalmem. Abalado, pois não poderia ver sua amada, Leriano entrega-se aos tormentos amorosos, ficando acamado, em uma situação lastimável, sem comer, sem beber e sem nenhuma vontade de viver. Nesse tempo, recebe muitas visitas; dentre elas, a de seu amigo Tefeu, que, vendo sua situação, resolve maldizer as mulheres com a intenção de atingir Laureola, mas tal atitude piora a saúde de Leriano.

³⁰ “Chamou três homens bem semelhantes aos seus costumes e que lhe eram fiéis; fazendo-os jurar que guardariam segredo, deu a cada um uma grande quantidade de dinheiro para que dissessem ao rei que tinham visto Leuriano com Laureola em lugares suspeitos e em horas impróprias; eles se comprometeram a afirmá-lo, jurá-lo e até a perder a vida por isso” (SAN PEDRO, 2010, p. 128, tradução nossa).

Nessa parte da obra, Diego de San Pedro exalta a figura da mulher. Essa é outra questão que indica, no romance, o período de transição vivido pelo autor. Ao falar da importância da mulher e mostrar que elas têm uma posição relevante na sociedade, o autor revela as mudanças de pensamento e de comportamento que estavam ocorrendo entre os homens. Ele arrola quinze razões para não se falar mal delas e para provar que os homens é que lhe são devedores.

A primeira razão é que as mulheres são criaturas de Deus; a segunda é que não se pode desconhecer o bem que Nossa Senhora nos fez; a terceira é que todo homem se mostra forte contra o fraco; a quarta é que todo homem nasce de uma mulher; a quinta é a do dever de obediência a Deus: honrai pai e mãe; a sexta é que todo nobre é obrigado a se comportar virtuosamente; a sétima é que o cavaleiro deveria reverenciar e respeitar as mulheres; a oitava é a de preservar a honra do perigo; a nona é a da condenação da alma, por determinação da fé; a décima é a de que se deveriam evitar inimizades; a décima primeira é a dos prejuízos que atitudes maldosas acarretam para as mulheres; a décima segunda é a da possibilidade de um homem ser acusado de difamador; a décima terceira é a do perigo que decorre das injustiças das más línguas; a décima quarta é a beleza da mulher; a décima quinta é que delas nasceram homens sábios, virtuosos, gênios que construíram cidades e outras coisas necessárias para a sobrevivência da raça humana.

De acordo com Parrilla (1995), em consequência da utilização da terminologia religiosa na linguagem amorosa, a mulher é vista como criadora e redentora. Essa mesma autora aponta a relação que o autor faz entre as razões que enumera e os dez mandamentos da Igreja Católica.

Ao comparar os deveres para com a mulher e os dez mandamentos da Igreja Católica, o autor sintetiza mais uma vez o momento em que viveu, qual seja, o período de transição do mundo medieval feudal para o mundo capitalista e burguês.

Nesta parte da obra, Diego de San Pedro exalta a mulher do século XV, ou seja, a mulher da Idade Moderna, que acreditava em Deus, mas também exigia o espaço de liberdade para aprender, crescer e descobrir novas verdades.

Nos episódios relacionados ao comportamento de Pérsio, percebemos a utilização do poder, da ganância e da violência física ou psicológica para atingir determinados fins, ou seja, sentimentos aflorados com o desenvolvimento e o fortalecimento do comércio.

Outro ponto que merece destaque na obra é a relação estabelecida entre o rei e sua filha. Segundo Casanova (2008), essa relação implicava um código duplo: de um lado, o pai individual, protetor da honra da filha; de outro, o pai social, o rei, que se preocupava com a justiça e que devia acertar os casamentos na Corte.

O sentimento entre pai e filha revela a relação familiar que estava se estabelecendo no século XV. No século XVI, Michel de Montaigne (1533-1592) analisou as mudanças que estavam ocorrendo na família. Segundo o autor, pai e filho deveriam ter afeição um pelo outro, sem se deixar tomar pelo excesso de autoridade, de obediência ou de medo. Ao defender a afeição nas famílias, o autor mostrava que via outra sociedade em sua época, uma sociedade que estava conquistando a liberdade, o direito de ir e vir. Logo, para Montaigne (2000):

O pai e o filho podem ter compleições totalmente diversas, e os irmãos também. É meu filho, é meu pai, mas é um homem selvagem, um homem maldoso ou um tolo. E depois, na medida em que são amigos que a lei e a obrigação natural nos ordenam, há tanto menos de nossa escolha e livre arbítrio. E nosso livre arbítrio não tem manifestação que seja mais verdadeiramente sua do que a da afeição e da amizade (MONTAIGNE, 2000, p. 277).

Embora Montaigne tenha vivido na sociedade do século XVI, seus Ensaios nos auxiliam a compreender melhor que *Carcel de Amor* já traduz as mudanças sociais e familiares que estavam despontando no período. Como as questões econômicas estarem permeadas pelo comércio e, conseqüentemente, pelas negociações, a família necessitava de diferentes ensinamentos e relacionamentos, visando, como afirma Montaigne, a liberdade do homem para conhecer o mundo.

Ao analisarmos o decreto do rei sobre a prisão de Laureola em uma torre no alto da serra, entendemos que essa torre expressa fatos históricos da época, fazendo parte das construções alegóricas dos cancioneiros, uma forma de poesia em que se mesclava o novo com o velho regime literário. Trata-se de uma modalidade da poesia amorosa, em que os cancioneiros fazem adaptações solenes de orações, ritos cristãos, conceitos teológicos e propagam que o homem serve à mulher por amor a Deus. O autor demonstra ter esse conhecimento literário, fictício, do período em que viveu: o da transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Diego de San Pedro menciona as diferenças entre a prisão de Leriano e a de Laureola com o intuito de explicar a estrutura da sociedade. Percebemos que, por

meio da prisão alegórica de Leriano versus a prisão real de Laureola, ele apresenta ao leitor uma denúncia social. Nessa obra, segundo Sosa-Velasco (2009), a prisão alegórica e a prisão real direcionam-nos para os códigos da concepção judaica cristã do universo e do poder estatal da sociedade, mostrando que os códigos da religião e da política unem-se quanto aos objetivos.

Carcel de Amor reflete a tensão vivida pela aristocracia espanhola do século XV e cujo resultado é a desintegração dos códigos de conduta medievais. Sosa-Velasco (2009) mostra-nos que, na concepção judaica cristã contida na obra, a junção de religião e política é utilizada para descrever conflitos reais daquele século.

Vale ressaltar que, no século XV, segundo Sánchez (1994), considerando o secular confronto entre judeus e cristãos, a grande polêmica recaía sobre os judeus conversos. Não podemos nos esquecer de que, nesse mesmo século, ainda se faziam sentir as consequências da peste negra e também de que a expulsão dos judeus da Espanha ocorrera em 1492, no mesmo ano que a obra *Carcel de Amor* foi publicada.

Um dos pontos abordados pelo autor da obra, relacionado ao contexto, é a tirania do monarca. Referimo-nos ao rei, pai de Laureola, que condena a própria filha porque, supostamente, ela teria se encontrado às escondidas com Leriano. Diego de San Pedro mostra sua aversão à monarquia por meio da carta que Laureola escreve ao pai:

Los reyes crueles de todos los hombres son desamados, y estos, a las veces, buscando cómo se venguen, hallan cómo se pierden. Los súbditos de los tales más desean la revuelta del tiempo que la conservación de su estado, los salvos temen su condición y los malos su justicia. Sus mismos familiares les tratan y buscan la muerte, usando con ellos lo que de ellos aprendieron (SAN PEDRO, 2010, p. 190)³¹.

Desse modo, confirmamos a análise de que a obra *Carcel de Amor* está intimamente relacionada com a cultura do amor cortês, que idealiza a mulher segundo os dogmas da Igreja cristã. Por meio de Leriano, o autor projeta a imagem

³¹ “Os reis cruéis são odiados por todos os homens, e estes, às vezes, buscando se vingar, fazem com que encontrem sua perdição. Seus súditos desejam mais a volta no tempo do que a conservação de seu estado, os que estão a salvo temem sua condição e os maus sua justiça. Seus próprios familiares lhes tratam e buscam a morte, usando com eles o que deles aprenderam” (SAN PEDRO, 2010, p. 190, tradução nossa).

da mulher idolatrada, divina, que deve ser amada por sua beleza, e compara esse amor com o de Deus.

Segundo Casanova (2008), nas obras de Diego de San Pedro, a mulher não é apresentada como um elemento de prazer, mas sim como um exemplo de virtude. Por meio de Laureola, o autor dá forma a novos conteúdos e coloca a mulher como um exemplo a ser seguido e, canalizando questões morais, sociais, políticas e amorosas, enfatiza três de suas virtudes: a piedade, a beleza e a inacessibilidade.

Segundo esse mesmo autor,

Tefeo defiende la postura misógina y Leriano la geriolátrica. Habría , en definitiva, que distinguir entre las <<quinze causas>>, para las que San Pedro se limita a los códigos morales y del honor de la caballería y de la religión, de las <<veinte razones>>, en las que, sin alejarse de los referentes anteriores (se dice en las siete primeras razones que la mujer hace alcanzar al hombre las virtudes cardinales y las teologales), el autor introduce el referente de la Corte y conceptos próximos a los que mantendrá la tratadística neoplatónica de comienzos del siglo XVI (CASANOVA, 2008, p. 44)³².

Nessa passagem, em nosso entendimento, o autor refere-se a Tefeu como um personagem cuja postura a respeito da mulher era antagônica à da época, ou seja, sua função era opor-se ao sofrimento vivido por Leriano diante de um objeto de desejo impossível. Leriano, por sua vez, com as honras de um jovem e nobre cavaleiro, idealiza e idolatra sua amada segundo as normas sociais da corte do século XV.

Conforme Casanova (2008), ao representar essas duas atitudes, Diego de San Pedro aborda o debate entre a misoginia³³ e o profeminismo³⁴. Ele prova a bondade das mulheres por meio de exemplos de mulheres cristãs, pagãs e judias,

³² “Tefeo defende a postura misógina e Leuriano a geriolátrica. Seria preciso, em suma, distinguir entre as <<quinze causas>>, para as quais São Pedro limita-se aos códigos morais e de honra da cavalaria e da religião, das <<vinte razões>>, nas quais, sem se distanciar dos referentes anteriores (diz-se nas sete primeiras razões que a mulher pode alcançar o homem nas virtudes cardeais e teologais), o autor introduz o referente da Corte e conceitos próximos aostratados platônicos do início do séculoXVI” (CASANOVA, 2008, p. 44, tradução nossa).

³³ “Aversión u odio a las mujeres” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, s/d) (“Aversão ou ódio às mulheres” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, s/d, tradução nossa)).

³⁴ “Doctrina social favorable a la mujer, a quien concede capacidad y derechos reservados antes a los hombres” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, s/p) (“Doutrina social favorável à mulher, a quem concede a capacidade e os direitos reservados antes aos homens” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, s/p, tradução nossa)).

salientando que não era necessário falar das santas, pois a Igreja já lhes fazia homenagens.

Na realidade, Diego de San Pedro escreve sobre várias mulheres. Lucrecia, uma mulher romana que tinha sido violentada, diz ao marido que o corpo foi violado, mas o coração continuava puro e, depois de assim falar ao marido, põe fim à vida com um punhal. Pórcia, filha do nobre Catão, sabendo da morte do seu marido Bruto, não suportando a dor da perda, passa o resto de seus dias engolindo brasas como uma forma de auto-sacrifício. Penélope, uma linda mulher, esposa de Ulisses, tendo o marido ido para guerra, decide guardar sua castidade, usando a seguinte artimanha: pede aos pretendentes para deixá-la terminar um manto, que tecia de dia e desmanchava à noite. Julia, filha de César, o primeiro imperador do mundo, por causa das vestes sujas de sangue, julgando que seu marido estava morto, cai morta no chão.

Estes são alguns exemplos que Diego de San Pedro retoma em sua obra. Não vamos descrever todos, pois nosso intuito é fazer uma relação da obra com a história e não uma análise literária. Defendendo o profeminismo, o autor dedica um capítulo inteiro da obra a esse assunto e, ao final, contesta o posicionamento do personagem Tefeu e sua atitude contrária às mulheres.

Depois disso, volta a expor o sofrimento da mãe ao ver Leriano enfermo. Narra que, sem acreditar no que lhe diziam do filho, ela foi ao seu encontro. Ao constatar que ele realmente está na angústia da morte, não suporta a dor e desmaia, ficando desacordada por muito tempo. Alguns acreditavam que teriam que enterrar mãe e filho juntos. Reabilitada com fortes remédios, lava o rosto e aproxima-se do filho com as seguintes palavras:

¿Con qué puedo recibir pena más cruel que con larga vida? Tan poderoso fue tu mal que no tuviste para con él ningún remedio, ni te valió la fuerza del cuerpo, ni la virtud del corazón, ni el esfuerzo del ánimo. Todas las cosas de que te podías valer te fallecieron. Si por precio de amor tu vida se pudiera comprar, más poder tuviera mi deseo que fuerza la muerte. Mas para librarte de ella, ni tu fortuna quiso, ni yo, triste, pude. Con dolor será ni vivir, ni comer, ni pensar y ni dormir, hasta que su fuerza y mi deseo me lleven a tu sepultura (SAN PEDRO, 2010, p. 290)³⁵.

³⁵ “Que pena mais cruel eu posso receber do que ter uma longa vida? Tão poderoso foi teu mal que não tiveste nenhum remédio contra ele: nem te valeu a força do corpo, nem a virtude do teu coração, nem o esforço do teu ânimo. Todas as coisas de que te podias valer te faleceram. Pudesse comprar sua vida com amor, mais poder teria meu desejo que força a morte. Mas, para

Como podemos constatar, na descrição da dor da mãe estão contidas as virtudes abordadas pelo autor em sua defesa das mulheres. A mãe fala ao filho que será difícil viver sem sua presença e que prefere ficar sem comer, sem pensar, sem dormir até que seu desejo realize, no caso, o desejo da morte, que tornaria possível que ela ficasse ao lado dele. Mais uma vez Diego de San Pedro exalta a mulher. Ao representar o amor da mãe pelo filho, a qual prefere morrer a viver sem sua presença, ele defende o profemenismo.

Na última cena do livro, Leriano, sentindo que lhe resta pouco tempo de vida e preocupado com as duas cartas de Laureola, pede uma taça com água, rasga-as, coloca os pedaços dentro da taça e os bebe. Com suas últimas palavras, Diego de San Pedro (2010, p. 292) fecha a novela sentimental: “Y llegada la hora de su fin, puestos en mí los ojos, dijo: – Acabados son mis males. Y así quedo su muerte en testimonio de su fe”³⁶.

A morte do jovem e nobre cavaleiro, que literalmente prefere morrer a viver sem sua amada, Laureola, bem como o sofrimento e a angústia vividos por ele no decorrer da história fazem parte das novelas sentimentais desse período e refletem os conflitos vividos pela sociedade espanhola no momento de transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Carcel de Amor representa a visão de mundo medieval e de mundo moderno, segundo a qual o rei era a cabeça do corpo social e, ao se converter em tirano, usava o nome de Deus para se esquivar de seus malfeitos. Porém, Diego de San Pedro revela ter o discurso humanista, surgido no contexto cristão, que denuncia a tirania exercida pelos monarcas. De acordo com Sosa-Velasco (2009), o rei era visto como um monarca intransigente. Com base nessa informação, percebemos que o autor denuncia o poder e o rigor imposto pela Inquisição aos Reis Católicos, faz uma crítica ao absolutismo por eles adotado: de um lado, o poder da monarquia e, do outro, o poder da Igreja. O rei era uma caricatura estereotipada do comportamento e das atitudes atribuídas aos escolásticos pelos humanistas da época.

livrar-te dela, nem tua fortuna quizeram, nem eu, triste, o pude. Com dor será o meu viver, meu comer, meu pensar e meu dormir, até que sua força e meu desejo me levem à tua sepultura” (SAN PEDRO, 2010, p. 290, tradução nossa).

³⁶ “E chegada a hora do seu fim, colocou os olhos em mim, disse: –Terminaram meus sofrimentos. E assim foi sua morte como testemunha de sua fidelidade” (SAN PEDRO, 2010, p. 292, tradução nossa).

Constatamos que a leitura de *Carcel de Amor* pode conduzir a várias interpretações. Dentre elas, a de Sosa-Velasco (2009), para quem a obra apresenta uma estrutura coerente porque leva em consideração os fatos históricos do século. Suas observações auxiliam-nos a entender que, no caso de Diego de San Pedro, a novela foi uma forma de ele expor suas angústias sem se evidenciar, já que, possivelmente, era um judeu convertido que servia aos interesses da corte dos Reis Católicos.

Na análise de Sosa-Velasco (2009), há duas possibilidades de interpretação para a obra “Cárcel de Amor”. A primeira seria a de que, nos sentimentos de Leriano, estariam representados os sentimentos do autor da obra, Diego de San Pedro; ou seja, os sentimentos e as agonias de um judeu convertido que sofria com a tirania dos Reis Católicos, cujo maior castigo era o julgamento pela Inquisição.

A segunda interpretação seria a de que a obra relata uma sociedade cortesã e o autor, como narrador e personagem, selecionou eventos observados em tempo real na corte isabelitana. De um lado, ele mostra que esta fizera a conversão da sociedade, com a qual ele estava insatisfeito, especialmente quanto à questão da tirania do poder político; de outro, ele era um convertido aberto a novas correntes intelectuais.

É o que afirma Sosa-Velasco (2009):

Cárcel de Amor revela ya una superación de los lazos interestamentales y humanos del feudalismo. Tras esta superación aparece un intelectual humanista, servidor de una clase burguesa y articuladora teórica de los intereses de la misma; intelectual que viene a ser el escritor converso de la corte, Diego San Pedro (SOSA-VELASCO, 2009, p. 139)³⁷.

Conforme já pontuamos, Diego de San Pedro fez parte da corte dos Reis Católicos, presenciou e viveu nessa sociedade monárquica, escrevendo uma obra de denúncia social. Aparentemente, ele pretendia que o leitor fizesse uma ligação entre sua obra fictícia e a realidade do momento.

Em suma, *Carcel de Amor* é uma obra clássica que integra a literatura humanista. Como o próprio nome indica, seu conteúdo é a valorização das emoções

³⁷ “Cárcel de Amor revela de imediato uma superação dos laços interestamentais e humanos do feudalismo. Por trás dessa superação aparece um intelectual humanista, servidor da classe burguesa e articuladora teórica dos seus interesses; intelectual que vem a ser o escritor converso da corte, Diego San Pedro” (SOSA-VELASCO, 2009, p. 139, tradução nossa).

do ser humano. Quando o autor se refere ao amor vivido pelos protagonistas, à valorização da mulher e à traição do amigo de Laureano, está representando o momento de transição do século XV e evidenciando os sentimentos que se destacam nesse processo. O amor de dois nobres não é mais o sentimento que estabelece a união entre o casal, como se tudo ao redor não precisasse ser compartilhado, a exemplo do amor vivido por Abelardo e Heloisa e/ou Tristão e Isolda.

Em um romance que representa um amor não correspondido, o autor induz Laureola a responder à carta de Laureano, nobre de outro reino, sem a permissão do pai, mas, como já foi demonstrado, sem estar apaixonada por ele. Não observamos, portanto, o amor, uma paixão entre um homem e uma mulher que vislumbram um final feliz, e sim um amor que acarreta sofrimentos e prisão por motivos políticos, econômicos e de poder.

A nosso ver, a paixão era um forte sentimento da Idade Média que permaneceu no período de transição. Como exemplo, podemos citar a obra de Joanot Martorell, *Tirant lo Blanc*, na qual o autor descreve os sentimentos dos homens no momento de transição, revelando a existência de dois mundos vividos por um cavaleiro que se compromete a intrincar os sentimentos do passado com os do presente, ou seja, a fantasia da Idade Média e a realidade da Idade Moderna.

Em termos gerais, nas obras desse período, percebemos a necessidade de dar mais destaque ao homem, de buscar no ser humano qualidades e virtudes que não eram valorizadas pelo pensamento católico medieval. Reiteramos a ideia de que, nessa época, a burguesia se fortalecia cada vez mais. Com o desenvolvimento das cidades e do comércio, as relações sociais necessitavam de aproximação, de negociação e de esclarecimentos de sobrevivência, e o regime feudal, aos poucos, foi se enfraquecendo. Novas leis foram criadas e o poder tornou-se uma disputa entre os homens de maior poder aquisitivo, nesse momento, os burgueses. O teocentrismo deu lugar ao antropocentrismo³⁸: o homem passou a ser o núcleo e não mais Deus (DÍAZ-PLAJA, 1956).

Desse modo, as obras literárias do período transmitiam um sentido ético, de honra e de respeito cuja finalidade era promover nos leitores o conhecimento do

³⁸ Segundo Reyes (1985, p. 11): “[...] teocentrismo, Dios como centro del universo, todo regía por la presencia de lo religioso y antropocentrismo, el hombre como centro del universo” (“[...] teocentrismo, Deus como centro do universo, regia tudo pela presença do religioso; antropocentrismo, o homem como centro do universo” (REYES, 1985, p. 11, tradução nossa)).

amor sem o contato físico. Nelas, o verdadeiro sentimento do amor era demonstrado por meio do afeto, do olhar de admiração pelo objeto de desejo e das mais terríveis provas de amor.

3.1 LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES

La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades é um romance anônimo do século XVI, escrito em primeira pessoa, em estilo epistolar, ou seja, que se desenvolve como uma única e longa carta. Nessa obra clássica, está representada uma parte da história da sociedade espanhola: além de mostrar a grandeza e a miséria do império espanhol na época, ela contém uma denúncia das atitudes dos clérigos e demais religiosos, muitas vezes não condizentes com sua posição na sociedade.

O protagonista e, ao mesmo tempo, narrador da ação é Lázaro; por meio dos fatos vivenciados e narrados por ele, o autor faz uma crítica à sociedade da época. Usando da sátira, esse personagem conta as diversas artimanhas que usou para garantir sua sobrevivência em um mundo adverso, tendo como objetivo principal lutar contra a fome. Ao mesmo tempo, com seu estilo sarcástico e irreverente, ele se posiciona diante das injustiças ocorridas na sociedade espanhola do momento. Em sete tratados, relatando os eventos ocorridos com seus amos, ele denuncia a injustiça, o egoísmo e a desigualdade social que marcam o período de transição social.

Por exemplo, em *Cárcel de Amor*, século XV, o autor parece insistir em representar, na figura do cavaleiro, o modelo de homem da época. Já, em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, século XVI, essa mesma figura é representada em sua fase final de decadência. Por meio de Lázaro, o autor trata das dificuldades e necessidades do período, fazendo uma crítica da sociedade espanhola, “sem piedade”. Lázaro passa por vários amos, dentre os quais um clérigo; um escudeiro; um cego, revelando as características e os ensinamentos recebidos de cada um, os meios pelos quais agiam para sobreviver e as diversas formas de se comportarem perante a sociedade.

Algumas das questões presentes na obra de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* são abordadas por Figueira (1998) no artigo *A educação de um ponto de vista histórico*. Segundo o autor, “Quem ler a obra Lazarillo de Tormes verá que a natureza do nobre tinha que ser sepultada com muito trabalho para que a sociedade do trabalho, da Economia Política, viesse a prevalecer” (FIGUEIRA, 1998, p. 13). O mesmo autor esclarece que cada época histórica define

[...] aquilo que é mais apropriado para se aprender e para se ensinar. Uma época determinada não ensina uma qualquer coisa, um qualquer corpo do saber. Ensina, sim, aquilo que sabe e que pode e deve ensinar. Aquilo que deve ensinar e, portanto, se sabe ensinar, nasce com as relações reais dos indivíduos (FIGUEIRA, 1998, p. 13).

Para esse autor, o ato de ensinar faz parte das relações sociais. Assim, o autor anônimo de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* mostra a realidade da sociedade espanhola, ensina aos homens que havia uma luta interna na sociedade entre os nobres, os comerciantes (burgueses) e aqueles que não se aplicavam nem a uma, nem a outra atividade, isto é, os desapropriados, os mendigos, os sem trabalho, ou seja, os sem nenhuma função social.

Às vezes, quando uma obra clássica revela as condições sociais presentes e o autor faz uma crítica ao conflito de relações que está prevalecendo, fica difícil que isso seja aceito como um ensinamento. Como afirma Figueira (1998, p. 13), “[...] o aprendizado, que não significa senão aprender a conviver numa determinada situação social, é, por sua vez, uma batalha que os membros da sociedade travam entre si, é, às vezes, consigo mesmos”.

Podemos perceber isso na recusa pela divulgação da obra *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Alberto Blecua (1975), na introdução crítica à obra, assevera que a primeira edição foi impressa em 1554, por Juan de Junta, em Burgos. Outras edições foram impressas, como a de Martín Nucio, em Amberes, e a de Salcedo, em Alcalá. No ano seguinte, Simóna reeditou-a, mas, alguns anos depois, a publicação foi proibida e os exemplares impressos, queimados pela Inquisição. Apesar disso, a obra foi distribuída fora da Espanha. Juan López de Velasco (1573, apud BLECUA, 1975, p. 07) “[...] alude a una cierta

difusión del libro fuera de España aunque estaba prohibido en estos reinos, se leía e imprimía de ordinario fuera dellos”³⁹.

Blecua (1975) refere-se à história da Espanha no final do século XV e meados do século XVI, quando a sociedade passou por alterações sociais e geográficas. Com o casamento dos Reis Católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, em 1469, os dois reinos foram unificados, formando a Espanha Moderna (PEÑA, 1967).

Tais mudanças serão abordadas posteriormente. Por ora, ressaltamos a queda de Granada, em 1492, que marcou o término da Reconquista e o nascimento da nacionalidade; a publicação, pelo humanista Antonio de Nebrija, da primeira Gramática em castelhano, reconhecida como língua do Império; a expansão marítima que proporcionou a conquista da América (PEÑA, 1967). Ressaltamos também que, em 1517, quando Carlos I assumiu o trono espanhol e, ao mesmo tempo, foi coroado como Carlos V na Alemanha, a Espanha tornou-se o centro da política mundial e consumou sua hegemonia no mundo: não existia outro monarca com maior poder em toda Europa.

O reinado de Carlos I foi baseado na concepção tradicional de império, na ideia de uma Europa unida pela fé cristã, regida pela dualidade papa-imperador. Tal dualidade fez surgir três obstáculos: o fervor dos nacionalismos, o aparecimento do protestantismo e a ameaça dos turcos no Mediterrâneo (REYES, 1985).

O fervor nacionalista começou com a rejeição a Carlos I pelo povo, seja porque ele não falava espanhol, seja porque não conhecia os costumes e as leis do povo. Em tais circunstâncias, a corte espanhola levou ao novo rei três pedidos: que ele não se ausentasse do reino, que não extraísse ouro nem prata e que não desse cargos públicos a estrangeiros.

Carlos I enfrentou também a heresia luterana, que se alastrou no seu reinado. Neto dos Reis Católicos, ele velava pela unidade da Igreja Católica. Lutou armadamente contra os protestantes e os venceu. Em seguida, foi assinado um acordo de paz, chamado Tratado de Augsburg. Segundo Peña (1967), foi nesse período que se instituiu a “Compañía de Jesús”, fundada por San Ignacio de Loyola e aprovada pelo Papa Paulo III. Com muito estudo e dedicação, a “Compañía de Jesús” conseguiu conter a Reforma Protestante e devolver à Igreja Católica alguns dos territórios tomados pelos protestantes.

³⁹ “[...] faz alusão a certa distribuição do livro fora da Espanha apesar de ter sido proibido nestes reinos, era lido e imprimido fora deles. (BLECUA, 1975, p.07, tradução nossa).

A ameaça dos turcos no Mediterrâneo constituía outro perigo para a política exterior do Imperador, em razão da importância dessa rota comercial. No entanto, a expedição fortemente armada que Carlos I enviou para combatê-los terminou derrotada, ele teve que retirar as tropas cristãs para evitar um desastre ainda maior. O sucessor de Carlos I foi seu filho Felipe II (1556-1598), que manteve os triunfos militares do pai, conquistando novas terras. Venceu os franceses (1557) em San Quintín e os turcos (1571) em Lepando, além de conseguir a unidade peninsular com a união de Portugal em 1580.

Por um lado, o sucessor montou um império grandioso em termos de expansão de terras. Por outro, a grandeza e a hegemonia do reino escondiam um acúmulo de tensões sociais e uma amarga verdade de fome e miséria. O povo perecia e o rei, ao invés de se preocupar com os problemas internos, atribuía maior relevância às conquistas territoriais, por meio das quais angariava mais simpatia dos nobres, que queriam cada vez mais terras. Essa política culminou com a ruína da economia castelhana, pois, com os enormes gastos com guerras, não se podiam impedir as tensões sociais e as rebeliões do povo castelhano desfavorecido.

Na interpretação de Reyes (1985):

La decadencia interna fue agravándose con la sangría humana – además de la económica – cobrada por las guerras; con la emigración de la juventud a las ciudades o a América, y la consiguiente despoblación del campo; con la decadencia de los hidalgos y su absoluto desprecio por el trabajo; con la desocupación cada vez mayor de la población, agravada por la vuelta de muchos soldados que a su regreso se encontraban sin oficio ni beneficio; y por la españolísima cuestión de las castas sociales y una estéril concepción del honor basada en las apariencias y en el dinero (REYES, 1985, p. 10)⁴⁰.

Assim, naquele momento, a sociedade espanhola caracterizava-se pela união em torno da monarquia absoluta, pela forte religiosidade, controladora dos pensamentos científicos e artísticos. Criava-se então um dos primeiros Estados modernos da Europa, mas essa modernidade, além da decadência da forma política

⁴⁰ “A decadência interna foi agravando-se com a sangria humana – além da economia – cobrada pelas guerras; com a imigração da juventude às cidades ou a América, e por consequência o despovoamento no campo rural; com a decadência dos fidalgos e seu absurdo desprezo pelo trabalho; com a desocupação cada vez maior da população, agravada pela volta de muitos soldados em seu retorno estavam sem emprego e sem benefício uma questão espanhola de castas sociais e concepção estéril de honra com base em aparências e dinheiro” (REYES, 1985, p. 10, tradução nossa).

anterior, trouxera prejuízos e problemas sociais, conforme mostraremos no desenvolver do trabalho.

O contexto social descrito por Reyes (1985), marcado pela delinquência, pelo aumento de “mendigos, vagabundos e trapaceiros”, é representado em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Esse romance autobiográfico, anônimo, contém um prólogo e sete tratados, os quais não são desenvolvidos de forma homogênea, ou seja, de maneira idêntica. Ressaltamos que o prólogo transmite ao leitor informações que influenciam a leitura final desse romance picaresco.

Dentre as informações mencionadas no prólogo, destacamos os detalhes da vida adulta de Lázaro. Um deles é que o protagonista acolhera os conselhos e aceitara a ajuda do arcipreste, casando-se com a criada. Após o casamento, Lázaro ouvia vários boatos de que sua esposa prestava favores ao arcipreste, mas optara por fingir que não sabia de nada, ou seja, preferira deixar de lado o sentimento de traição e orgulho a levar a vida miserável de antes e passar fome.

Além do prólogo, de acordo com a edição de Alberto Blecua (1975), a obra está dividida em sete tratados, cujos títulos são assim traduzidos: “Lázaro conta sua vida e de quem foi filho”; “Lázaro se assentou com um clérigo e das coisas que lhe aconteceram”; “Lázaro se assentou com um escudeiro e do que lhe aconteceu”; “Lázaro se assentou com um frade das Mercês e do que lhe aconteceu”; “Lázaro se assentou com um buleiro e das coisas que com ele passou”; “Lázaro se assentou com um capelão e do que lhe passou”; “Lázaro se assentou com um oficial de justiça e do que lhe aconteceu”.

No primeiro tratado, *Cuenta Lázaro a su vida y cómo hijo fue*, o protagonista, de forma autobiográfica, narra fatos de sua infância: suas origens, sua filiação, a pobreza em que viveu etc. Conta que era filho de Tomé Gonzáles e de Antonia Pérez, ambos naturais de Tejanas, aldeia de Salamanca.

É oportuno ressaltar que, nesse período, de acordo com os costumes culturais da Idade Média, ao nome das pessoas agregava-se o do lugar de seu nascimento. Assim, o sobrenome de Lázaro era o do lugar onde nasceu: margens do rio Tormes.

Conta que, aos oito anos de idade, tinha perdido o pai, que, tendo sido acusado de roubo, fora obrigado a servir a um cavaleiro em uma expedição contra os Mouros e lá perdera sua vida. A mãe, Antonia Pérez, viúva e sem condições de

viver na aldeia, mudou-se para cidade de Salamanca. Alugou uma casa, onde passou a cozinhar para um grupo de estudantes, bem como a lavar a roupa para os rapazes que cuidavam dos cavalos do comendador da Igreja de Magdalena.

Frequentando as cavaliariças, ela conheceu um rapaz moreno denominado Zaide, que começou a conviver em sua casa levando comida e lenha no inverno e acabou por engravidá-la. O patrão de Zaide descobriu que ele estava roubando para ajudá-la, torturou-o e proibiu-o de continuar a vê-los. Lázaro e sua família passaram a sobreviver apenas dos serviços prestados por sua mãe aos hóspedes de uma estalagem.

Por meio de sua própria história, o protagonista descreve o cotidiano da sociedade espanhola do século XVI, fazendo uma séria denúncia social. Sua história era semelhante à de muitos excluídos, cujas possibilidades de ascensão social eram mínimas. Havia três alternativas: Igreja, mar ou casa real, ou seja, a Igreja como instituição, as navegações ou os trabalhos dedicados ao Estado. Lázaro expressa em seus pensamentos uma visão crítica da realidade em que vive, a exemplo do seguinte trecho de obra,

[...], y con todo esto acudía a mi madre para criar a mi hermanico. No nos maravillemos de un clérigo ni fraile porque la hurta de los pobres, y el otro de casa para sus devotas y para ayuda de tanto, quando a un pobre esclavo el amor le animaba a esto (ANÔNIMO, 1975, p. 94)⁴¹.

Tais pensamentos funcionam como um recurso de aproximação da realidade espanhola do século XVI, uma forma de denúncia social: em suas angústias, está retratada a dificuldade econômica enfrentada por muitas famílias. Anos depois, sua mãe conheceu um homem cego e, sabendo que o mesmo precisava de um guia, ofereceu-lhe Lázaro:

[...] como era hijo de un buen hombre, el cual, por ensalzar la Fe, había muerto en la de los Gelves, y que ella confiaba en Dios no saldría peor hombre que mi padre, y que le rogaba me tratase bien y

³⁸ “[...] e tudo isso veio à minha mãe para criar o meu irmãozinho. Nós não maravilhas um clérigo ou monge, porque ele rouba dos pobres, e outro para casa para o seu dedicado e ajuda de ambos, quando um pobre escravo encorajou a amar este” (ANÔNIMO, 1975, p. 94, tradução nossa).

mirase por mí, pues era huérfano. Él respondió que así lo haría y que me recibía no por mozo, sino por hijo (ANÔNIMO, 1975, p. 95)⁴².

Na ação retratada por Lázaro está refletida uma das consequências dos acontecimentos históricos do momento: dentre os pobres, os cegos tinham privilégios. Eles tinham por ofício fazer orações, sendo que, para cada tipo de problema, rezavam uma oração específica: mulheres que não podiam ter filhos, as que iam dar à luz, as mal casadas, os que tinham problemas de saúde, dores de dente, desmaios, enfermidades, dentre outros. Além das orações, eles indicavam chás de ervas para que as pessoas se curassem. Esse fato era muito criticado pelos erasmistas, pois, segundo Blecua (1975), somente os cegos conseguiam permissão para percorrer o país, sem restrições, afetando assim outros mendigos.

O erasmismo fazia parte, segundo Reyes (1995, p. 15), da propagação do ideário de “[...] renovación espiritual y religiosa [...] e había heredado del Renacimiento la Idea del retorno a la naturaleza [...]”⁴³. As críticas dos erasmistas eram dirigidas especificamente aos livros de cavalaria, que contavam aventuras fantasiosas, alheias à vida real. No entanto, a elaboração literária de “La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades” não era alheia à realidade social da época, mantendo, portanto, ligações com os movimentos reformistas da época. De acordo com o mesmo autor, os ideais espirituais e religiosos transformaram-se no cinismo amargo e ressentido do pícaro.

Segundo Soto e Robles (2003), em 1540, surgia a Ley Tavera, destinada a regulamentar o recolhimento de pobres, ou seja, era uma medida de controle social. Conforme os mesmos autores, as escassas colheitas, causadas pelas repetidas secas e por um inverno rigoroso, resultaram na propagação da fome e, conseqüentemente, no surgimento de novos grupos paupérrimos. Segundo as estatísticas, com exceção das províncias de Andaluzes e de Toledo, as demais regiões da Espanha sofreram com a escassez de comida.

³⁹ “[...] como era filho de um bom homem, que tinha morrido ao defender a fé na batalha de Gelves, e que ela confiava em Deus, que eu não sairia pior homem que meu pai, e pediu ao cego que me tratasse bem e olhasse por mim, pois era órfão. Ele respondeu que assim faria e que me receberia não como um criado, mas como um filho” (ANÔNIMO, 1975, p. 95, tradução nossa).

⁴¹ “[...] renovación espiritual e religiosa [...] heredou do Renascimento a Idea do retorno á natureza [...]” (REYES, 1995, p. 15, tradução nossa).

Outro ponto relevante e considerável a ser destacado é que, expulsos de suas terras em razão da expansão de pastagens para criação de ovelhas, o que demandava uma quantidade menor de mão-de-obra, os homens do campo tiveram que ir para as cidades. Segundo Thomas More (2004), as cidades e as indústrias manufatureiras não tinham condições de absorver essa massa de camponeses desempregados e isso acarretou um aumento da população concentrada nas cidades e, portanto, o aumento de mendigos e de roubos, pois esses camponeses não tinham outro caminho para sobreviver, aumentando ainda mais a pobreza.

Como já mencionamos, no primeiro tratado, Lázaro relata a luta da família do menino para sobreviver, mostrando que a fome era um fato real na sociedade daquela época. Ao se tornar guia de cego, ele narra o sofrimento da vida pobre e sacrificada da sociedade e os sentimentos que, cada vez mais, afloravam nos indivíduos, mostrando a predominância de comportamentos que se destacavam pela avareza, astúcia, perfídia e ambição. Essas características são frutos do ensino que a vida proporcionou a Lázaro. Em razão de suas necessidades, ele foi adquirindo os conhecimentos que cada ano lhe ensinava, aprendendo a lutar pela própria sobrevivência. Lázaro foi educado na escola da vida. Segundo Figueira (1998), foi educado para ser um indivíduo, um membro da sociedade.

[...] también quiero que sepa Vuestra Merced que con todo lo que adquiría y tenía, jamás tan avariento ni mezquino hombre no vi, tanto que me mataba a mí de hambre, y así no me demediaba de lo necesario. Digo verdad: si con sutileza y buenas mañas no me supiera remediar, muchas veces me finara de hambre (ANÔNIMO, 1975, p. 98)⁴⁴.

O cego, segundo Lázaro, mostrava que a avareza e o individualismo eram os sentimentos compartilhados pelos homens. O momento exigia uma luta individual, e o cego o ensinava a mentir e a trapacear para sobreviver. A história nos mostra que algumas questões se tornam prioridades para os homens em determinados momentos, ou seja, para sua sobrevivência.

Nesses momentos, há sempre os que ensinam e os que aprendem. Porém, o ensino, para cumprir o seu papel social, deve ser condizente com a re/organização

⁴⁴ “[...] também quero que Vossa Mercê saiba que, com tudo que ganhava e tinha, jamais vi um homem tão avarento e mesquinho, tanto que me matava de fome e não me dava nem metade da comida de que eu necessitava. Digo a verdade, com minha esperteza e boas manhas não soubesse remediar, teria morrido de fome” (ANÔNIMO, 1975, p. 98, tradução nossa).

da sociedade. No caso, Lázaro mostra que o ensino do seu primeiro amo pautava-se em interesses pessoais, não favorecia o desenvolvimento do aprendiz e sim as expectativas de sobrevivência do mestre.

Ao narrar como funcionava a sociedade, o protagonista traduziu e deu relevo à relação entre o mestre e o aluno. O menino e o cego viviam na mesma época, conviviam, mas, em alguns momentos, mostravam que tinham valores diferentes. O cego visava a esperteza e a malandragem. O menino percebia as vantagens, mas discordava em alguns pontos, ora porque se sentia maltratado, ora porque demonstrava que o resultado de tais atitudes poderia ser revertido para o próprio executor. Ao concluir que sua vida nunca teria grandes objetivos e que sempre seria maltratado pelo cego, Lázaro resolveu usar as artimanhas que aprendera com seu amo para enganá-lo e fugir.

O fato aconteceu em um dia muito chuvoso. O cego pediu a Lázaro que o levasse à estalagem em que estavam hospedados, sendo que, no caminho, teriam que pular um arroio. Como este estava muito cheio por causa da grande quantidade de chuva que caía, Lázaro armou um plano, posicionou o cego bem diante de uma coluna de pedra, pulou o arroio e, ficando atrás da coluna, disse ao cego para pular. Este o fez com toda a força e, batendo o rosto contra a coluna, caiu no chão com o rosto todo ferido. Lázaro aproveitou e, deixando o cego estendido no chão sob os cuidados de pessoas que passavam por ali, partiu, sorrateiramente, em busca de outro lugar para viver.

No segundo tratado, *Cómo Lázaro se asentó con un clérigo y de las cosas que com el pasó*, o protagonista conta que, depois de ter deixado o cego, acabou se colocando a serviço de um clérigo. Lázaro começa por relatar a segurança que sentiu em Maqueda, no reino de Toledo, lugar povoado por muitos judeus. Ao pedir esmola para o clérigo, este lhe perguntou se poderia ajudá-lo na realização da missa. Ao contar como foi à resposta, Lázaro faz uma comparação entre os dois amos:

[...] dije que sí, como era verdad, que aunque maltratado, mil cosas buenas me mostró el pecador ciego, y una de ellas fue ésta. Finalmente el clérigo me recibió por suyo. Escapé del trueno y di en

el relámpago, porque era el ciego para con este un Alejandro Magno, ser la misma avaricia, como he contado (ANÔNIMO, 1975, p. 113)⁴⁵.

De início, Lázaro sentiu-se bem com o convite e acreditou que iria ser bem tratado, pois, como a Igreja era vista com respeito e tinha poderes sobre a sociedade, logo considerou que seus membros não passavam pelo problema da fome. Ele relata o choque que levou com a realidade. O clérigo também era avarento e não o alimentava dignamente. Ou seja, ele estava pior do que com seu primeiro amo, pois o clérigo só lhe oferecia cebolas para saciar a fome.

Ao analisar sua situação, o protagonista revela que a decepção com a sociedade era geral. O cego não tinha condições de alimentá-lo porque era pobre e, também, vivia de esmolas. A Igreja pregava e/ou ensinava seus seguidores a não cometer os sete pecados capitais, quais sejam: luxúria, gula, ira, soberba, avareza, inveja, preguiça, mas o comportamento de seus integrantes, a exemplo do clérigo, não correspondia com o discurso.

Um fato histórico cabe mencionar aqui: a corte de Toledo, em abril de 1525, correspondeu da melhor forma à entrada vitoriosa de Carlos I. De acordo com Reyes (1985, p. 126), a obra de Lazarillo “A pesar de ello no debe olvidarse que tal ambigüedad puede derivar de la ironía que tiñe toda la narración, cuyo autor practica una intencionada elución en los datos históricos concretos dentro de esta magistral <<confesión de un mentiroso>>”⁴⁶.

Na narração de Lázaro, percebemos a ambigüidade relatada por Reyes (1985), já que é forte a sátira anticlerical, o que pode ser influência da mentalidade eramista. Segundo Reyes (1985):

La cuestión social del honor y la obsesión de la limpieza de sangre, como fenómenos específicamente españoles, tuvieron sin duda una influencia decisiva. No puede descartarse que el Lazarillo sea una

⁴⁵ “[...] eu disse que sim, como era verdade, pois mesmo me maltratando, mil coisas boas ensinou-me o cego, um delas foi essa. Finalmente, o clérigo, admitiu-me como seu servo. Escapei do trovão e dei de cara com o relámpago, porque era o cego em comparação com este um Alejandro Magno, apesar de ser a avareza em forma de gente, como contei” (ANÔNIMO, 1975, p. 113, tradução nossa).

⁴⁶ “A pesar disso não se deve esquecer que tal ambigüidade pode derivar da ironía que tinge toda a narração, cujo autor practica una elución intencionada dos dados históricos concretos dentro dessa magistral <<confissão de um mentiroso>>” (REYES, 1985, p. 126, tradução nossa).

manifestación literaria cercana a la protesta de los convertidos, socialmente marginalizados (REYES, 1985, p. 05)⁴⁷.

Um fato importante ocorrido na época é mencionado por Sánchez (1994): por volta de 1490-1491, os julgadores da Inquisição criaram um termo chamado “Del Santo Niño de La Guardia”, por meio do qual se faziam acusações de heresia contra os judeus, levando-os à perseguição e à condenação. Os Reis Católicos, preocupados com suas imagens perante o povo, ofereceram a oportunidade de conversão para os judeus, com a ressalva de que, se eles não se convertessem, seriam condenados pela Inquisição. É importante mencionar que, nessa época, o judaísmo era considerado uma doença contagiosa, um mal de tal categoria que sua extinção era justificável.

O protagonista medeia as discussões, comparando a realidade da sociedade espanhola da época com a sátira a alguns comportamentos que eram explícitos no dia a dia, mas que não eram criticados pelo povo. Ao falar da pobreza, por exemplo, ele mostra as necessidades dos marginalizados, o que se contrapõe à avareza, à mesquinhez daqueles que, mesmo tendo condições de sobrevivência, não partilhavam e, muito menos, consideravam as necessidades que pairavam na sociedade. Por meio da fala de Lázaro, o autor mostra sua indignação com os homens de Deus, da Igreja:

Mira, mozo los sacerdotes han de ser muy templados en su comer y beber, y por eso yo no me desmando como otros. Mas el lacerado mentía falsamente, porque en cofradías y mortuorios que rezamos, a costa ajena comía como lobo, y bebía más que un saludador (ANÔNIMO, 1975, p. 116)⁴⁸.

A relação entre a indignação com os sentimentos que estavam prevalecendo na sociedade e a crítica realizada por Lázaro tinha a finalidade de mostrar aos homens do seu período as prioridades que estavam sendo esquecidas (a dignidade, os sentimentos humanos, os valores éticos e morais). Isso nos faz pensar nos

⁴⁷ “A questão social de honra e a obsessão pela limpeza de sangue, como fenômenos especificamente espanhóis, tiveram sem dúvida uma influência decisiva. Não se pode descartar que Lazarillo seja uma manifestação literária próxima do protesto dos convertidos, socialmente marginalizados” (REYES, 1985, p. 05, tradução nossa).

⁴⁸ “Veja, rapaz, os sacerdotes, devem ser moderados em seu comer e beber e por isso eu não me excedo como os outros. Mas o miserável mentia descaradamente, porque, em confrarias e velórios nos quais rezamos, às custas alheias, comia feito um lobo, e bebia mais que um bêbado” (ANÔNIMO, 1975, p. 116, tradução nossa).

ensinamentos que esse romance anônimo nos deixou, tornando possível que leitores de outras épocas se aproximem da época narrada por Lazarillo de Tormes.

Ao final do segundo tratado, Lázaro conta que se cansou de ser maltratado. Para não passar mais fome, decidiu roubar o pão da missa. Foi descoberto e mandado embora. O clérigo pegou-o pela mão, acompanhou-o até a porta e, assim que ele colocou os pés na rua, disse:

Lázaro, de hoy más eres tuyo y no mío. Busca amo y vate con Dios. Que yo no quiero en mi compañía tan diligente servidor. No es posible sino hayas sido mozo de ciego. Y santiguándose de mí, como si yo estuviera endemoniado, se torna a meter en casa y cierra la puerta (ANÔNIMO, 1975, p. 128)⁴⁹.

Em nossa análise, o clérigo não levou em consideração que Lázaro apenas queria comer, sobreviver. Ao mesmo tempo, a ação de Lázaro não justificava sua necessidade, já que ele praticou o que aprendeu anteriormente. Sua tentativa de melhorar não ultrapassou os limites do costume, pois é perceptível que sua tentativa de comer e viver melhor fundava-se em seu nascimento e em sua prática. Essa é uma lição deixada pelo autor; em sua crítica, ele mostra que presenciou os mesmos sentimentos em vários setores da sociedade, seja no pobre seja no religioso.

No terceiro tratado, intitulado *Cómo Lázaro se asentó con su escudero y de lo que le acaesció con él*, o protagonista conta que, fraco e com fome, chegou a Toledo, onde viveu de esmolas durante uns quinze dias. Recuperado de sua fraqueza, percebeu que as pessoas não queriam mais ajudá-lo, pois ele poderia trabalhar para se sustentar. Para isso, no entanto, precisava de um novo amo.

Esse relato pode ser uma referência à lei de Tavera, de 1540. A esse respeito, Soto e Robles (2003) assinalam que essa lei proibiu que crianças mendigassem pelas ruas, encarregando as autoridades eclesiásticas e municipais de estabelecer medidas que garantissem cuidados e aprendizagem aos menores.

[...] encargados a los Prelados y Jueces Eclesiásticos, y mandamos a las nuestras Justicias, y a los Concejos, y a las ciudades y Villas, que tengan mucho cuidado de dar buena orden como los dichos niños sirvan a algunas personas, ó aprendan oficios como dicho es, y

⁴⁹ “Lázaro, de hoje em diante você é seu dono, não me serve mais. Busca outro amo e vá com Deus. Que eu não quero em minha companhia um diligente servidor. Não é possível senão que você tenha sido guia de um cego. E fazendo o sinal da cruz, como se eu estivesse possuído pelo demônio, entra na casa e fecha a porta” (ANÔNIMO, 1975, p. 128, tradução nossa).

entretanto sean alimentados sin que anden a pedir limosna (SOTO; ROBLES, 2003, p. 23)⁵⁰.

Segundo os autores, naquela época, essa medida era adotada em toda a Europa, demonstrando uma preocupação com as crianças. Seu objetivo era tirar as crianças e os mais jovens da marginalidade. No entanto, ela era interpretada também como uma estratégia político-social para impedir a formação de novos grupos marginalizados.

Nesse terceiro tratado, a crítica incide sobre outro setor da sociedade: a nobreza, representada por um escudeiro. Lázaro conta que, ao encontrar o escudeiro na rua, este o contratara como criado. De acordo com o dicionário Señas (2013), escudeiro é a pessoa que acompanha e serve a um cavaleiro.

Por meio da relação de Lázaro com o escudeiro, o autor descreve o comportamento dos cavaleiros e aborda o papel que eles tinham na sociedade. Neste caso, não podemos deixar de nos referir à obra de Cervantes, *Don Quixote*, e fazer uma comparação entre Lázaro e Sancho Pança. Tal como o primeiro, este acompanhava e guardava as armas de seu amo, Don Quixote. Tal como Lázaro, Sancho não compreendia as atitudes do seu amo, mas o respeitava. No entanto, Lázaro não concordava com uma vida de ilusões, queria ter o mínimo para sobreviver.

O escudeiro descrito por Lázaro era bem vestido, bem penteado, com um andar elegante e compassado, mas, por trás dessa aparência, escondia algumas verdades sobre sua vida, entre elas, sua decadência social. Embora não tivesse condições nem para comprar sua própria comida, queria ter um criado. Lázaro, sem saber dessas condições, acreditou e agradeceu a Deus por tê-lo encontrado, mas, com o passar do tempo, foi percebendo que esse amo também estava passando fome.

O autor se posiciona diante da vaidade e do orgulho da nobreza e as representa no comportamento do escudeiro. Este já não era um modelo para a sociedade. As alterações sociais tinham resultado em mudanças de comportamento, tinham construído outras prioridades. Os modelos de homem não eram os mesmos de outrora, o cavaleiro, seu escudeiro e/ou os homens de luta, de guerra, de

⁵⁰ “[...] confiamos aos Prelados e Eclesiásticos, Juízes e Magistrados enviados para as cidades e Vilas que tenham o cuidado de dar a boa ordem para que as ditas crianças sirvam a algumas pessoas ou aprendam ofícios como determinado e, enquanto isso, sejam alimentada sem que andem a pedir esmolas” (SOTO; ROBLES, 2003, p. 23, tradução nossa).

proteção física. As necessidades do momento exigiam pensamentos mais racionais, compatíveis com as descobertas, o comércio, a riqueza produtiva. O mundo precisava do conhecimento empírico. Desse modo, a experiência era necessária para a vida dos indivíduos.

No escudeiro está personificada a honra espanhola; mesmo na miséria, ele tentava manter sua honra e sua aparência, fingia que comer pouco era bom para o corpo de um escudeiro e afirmava isso orgulhosamente. As palavras de Lázaro a respeito da ação do escudeiro revelam o sentimento de angústia dos homens que desejavam seu destaque social.

¡Grandes secretos son, Señor, los que Vos hacéis y las gentes ignoran! ¿A quién no engañará aquella buena disposición y razonable capa y sayo? ¿Y quién pensara que aquel gentil hombre se pasó ayer todo el día sin comer con aquel mendrugo de pan, que su criado Lázaro trujo un día y una noche en el arca de su seno, do no se le podía pegar mucha limpieza, y hoy, lavándose las manos y cara, a falta de paño de manos se hacía servir de la halda del sayo? Nadie por cierto lo sospechara. ¡Oh, señor, y cuántos de aquéstos debéis Vos tener por el mundo derramados, que padecen por la negra que llaman de honra, lo que Vos no sufrirán! (ANÔNIMO, 1975, p. 137)⁵¹.

Apesar das dificuldades, o escudeiro não perdeu sua educação, seu modo de se posicionar perante as pessoas. Mesmo vivendo na extrema pobreza, ele contava a Lázaro histórias sobre como tirar a capa elegantemente, explicando que isso era um símbolo de respeito. Além disso, ensinava-o a fazer cumprimentos apropriados para um fidalgo.

Lázaro revela não se importar com tal comportamento, admitindo que a prioridade do momento não eram essas manifestações de educação e sim a sobrevivência. Na época em que a obra foi escrita, a nobreza já não reinava e os valores que antes eram exigidos pela sociedade já não eram prioridade para os burgueses e para a comercialização. O ensino exigido por uma sociedade fina, com

⁵¹ “Grandes segredos, Senhor, os que vós fazeis e as gentes ignoram. A quem não enganará aquela boa disposição e razoáveis capa e saio? Quem poderá imaginar que aquele gentil homem passou o dia de ontem apenas com migalhas de pão, que seu criado trouxe um dia e uma noite, na arca de seu peito, onde não poderia haver muita limpeza, e hoje, depois de lavar as mãos e o rosto, na falta de toalha, secou-se com o saio? Ninguém suspeitaria! Oh, senhor, e quantos desses deve existir pelo mundo, que padecem pela desgraça que chamam de honra o que vos não sofrerá?” (ANÔNIMO, 1975, p. 137, tradução nossa).

princípios nobres, foi dissipado pela disputa de uma nova forma de riqueza, pelo poder de compra e venda.

Os homens lutavam pela sobrevivência material, pelo destaque social resultante da quantidade de bens e de produção. Logo, a crítica mediada por Lázaro expõe o indivíduo do século XVI, mostra que ele perdeu a percepção da “boa educação”, deixou de valorizar a elegância em favor da simplicidade de comportamento, mas, em contrapartida, tornou-se astuto, ardiloso e ludibrioso.

Lázaro não compreendia a atitude do escudeiro sobre honra, especialmente porque observava que ele vivia de aparências; discordava do sofrimento em que ele vivia para tentar manter o que já não existia. Analisando seu amo, ele concluía que, por sua postura, ele não conheceria os vícios necessários para mendigar ou roubar e, assim, sobreviver, que ele nunca abandonaria seus valores para cometer tais atos. Lázaro também se refere à honra como algo desnecessário. Por intermédio do protagonista, o autor põe em destaque a questão dos valores, fazendo a crítica do momento e entendendo que a honra era inútil para se manter a aparência.

Este tratado é diferente dos dois primeiros, pois nele não existe antagonista, não existe a luta entre o criado e o amo. Nos anteriores, Lázaro enganava seus amos para comer; neste, é o amo que tentava enganá-lo para sobreviver. O escudeiro lhe oferecia ensinamentos a respeito dos valores morais e éticos, mas Lázaro não via a necessidade deles; o que importava era a satisfação de suas necessidades básicas.

A nosso ver, esse tratado representa a “velha e a nova ordem”. A primeira é representada pelo escudeiro, que relata para Lázaro suas histórias de honradez, de destaque, de coragem e de proteção. A segunda ordem é representada por Lázaro, representada pela necessidade de sobrevivência, pelas angústias e pelos sentimentos de indecisão e conflito, vivenciados nesse período de transição.

Com isso, podemos destacar a ligação existente entre a literatura e a história. Ou seja, por meio da literatura, é possível entender o contexto histórico em que o autor está inserido, revelando aos leitores as dificuldades, os conflitos e as prioridades que são exigidas pela sociedade de cada época. Desse modo, consideramos que a literatura ensina os homens a compreender melhor o período em que vivem, a compreender que o presente é o resultado do desenvolvimento social e que independe dos anos ou séculos que distanciam o passado do presente. Para Bloch (1949), em qualquer período, os homens são sempre homens.

Portanto, a Idade Moderna já mostrava à sociedade que a existência de cada um dependia da sua própria vontade e conquista, revelando que Deus dava a vida, porém, cada homem, criado por Deus, deveria se responsabilizar pela sua sobrevivência. Pedro Figueira (1998), esclarece que,

A velha ordem ensinava que a honra e a submissão irrestrita eram os bens supremos. A nova ordem passaria a divulgar aquilo que Locke sintetizou de uma maneira admirável ao derivar a existência humana da própria atividade produtiva, isto é, o trabalho. O que a nova época tinha para inculcar nos indivíduos consistia em mostrar-lhes que a existência não é uma dádiva ou milagre, mas é algo que se conquista (FIGUEIRA, 1998, p.13).

Conforme a análise de Figueira (1998), podemos afirmar que, na descrição da vida do escudeiro, o autor mostra o embate entre a manutenção da aparência e a luta pela sobrevivência. O tratado é concluído pelo autor com os credores cobrando o escudeiro. Simulando ir até a praça para trocar algumas moedas, ele não voltou mais, deixando o pequeno criado em uma situação controversa, pois perdera o amo. Lázaro finaliza com a seguinte reflexão:

[...], me dejó mi pobre tercero amo, lo acabé de conocer mi ruin dicha, pues, señalándose todo lo que podría contra mí, hacía mis negocios tan al revés, que los amos, que suelen ser dejados de los mozos, en mí no fuese así, mas que mi amo me dejase y huyese de mí (ANÔNIMO, 1975, p. 155)⁵².

Uma comparação entre os três amos de Lázaro mostra que o escudeiro representou um ser humano com sentimentos diferentes em comparação com os outros dois. Ele tinha comportamento educado o suficiente para não trapacear, não querer o mal de outrem e ensinar como os outros homens deveriam agir e se comportar, ensinar os valores que ele considerava essenciais para a organização da sociedade.

O escudeiro representava o outro extremo da sociedade espanhola do século XVI, sociedade essa que estava descobrindo o mundo por meio da experiência. Ou seja, representava a transição de uma sociedade para outra. Seu comportamento

⁵² “[...] deixou-me meu pobre terceiro amo, acabei de comprovar minha má sorte que, mostrando-se sempre contra mim, tornava meus negócios tão ao contrário, que os amos, que costumam ser deixados pelos seus criados, comigo não foi assim: meu amo é que me abandonou fugindo de mim” (ANÔNIMO, 1975, p. 155, tradução nossa).

era correspondente ao da nobreza feudal, mas em uma sociedade em que as características anteriores estavam perdendo espaço para o conhecimento empírico, dos descobrimentos.

No quarto tratado, *Cómo Lázaro se asentó con un fraile de la Merced y de lo que le acaesció con él*, fica mais explícita a transição vivida e criticada por Lázaro, transição essa que explica a divisão entre o mundo do cego e do clérigo e o mundo que o escudeiro tentava manter.

Hube de buscar el cuarto, y éste fue un fraile de la Merced, que mujercillas que digo me encaminaron. Al cual ellas le llamaban pariente. Gran enemigo del coro y de comer en el convento, perdido por andar fuera, amicísimo de negocios seculares y visitas. Tanto, que pienso que rompía él más zapatos que todo el convento. Este me dio los primeros zapatos que rompí en mi vida; mas no me duraron ocho días, ni yo pude con su trote durar más. Y por eso, y por otras cosillas que no digo salí dél (ANÔNIMO, 1975, p. 156-157)⁵³.

Nesse tratado, Lázaro mostra que fez a escolha pelo caminho físico dos cegos, pelo mundo da manutenção do corpo e não da alma. Ele optou pela malícia e pelos arranjos nos negócios, ou seja, pela sobrevivência por meio da trapaça. Nessa forma, ele é expressão do mundo em que vivia, ou seja, da sociedade do século XVI, dos valores sociais que permeavam as novas relações sociais.

Observa-se o silêncio de Lázaro quanto às reflexões sobre os amos, é como se ele estivesse dando uma pausa em seus pensamentos para compreender a sociedade em que estava inserido. Na interpretação de González (2005),

Este tratado foi integralmente suprimido pela censura na edição *Ve*. Essa supressão se explica face ao retrato da conduta pouco ortodoxa do frade e também, possivelmente, em função do que poderia ler, à época, nas entrelinhas do texto. A edição *Al* suprime a especificação “de la Merced”, tanto aqui como no título, sem dúvida no intuito de evitar a sátira direta aos membros dessa ordem que, segundo a crítica, poderiam ser mal vistos quer devido à sua atuação na colonização da América, quer no seu trabalho de intermediação no resgate de cristãos cativos dos mulçumanos (GONZÁLEZ, 2005, p. 146).

⁵³ “Tive que buscar o quarto amo e este foi um frade das Mercês, para quem fui encaminhado por mulherzinhas, como digo. Elas o chamaram de parente. Grande inimigo do coro e de comer no convento, perdido por andar fora, amicíssimo de negócios seculares e de fazer visitas, tanto, que penso que estragava ele mais sapatos do que todos os do convento. Este me deu os primeiros sapatos que rompi na minha vida, mas não duraram mais que oito dias, nem eu pude com o trote dele durar mais. Por isso e por outras coisinhas que não digo, abandonei-o” (ANÔNIMO, 1975, p. 156-157, tradução nossa).

Em suma, é possível que a censura da obra se devesse ao fato de que esta mostrava uma Espanha decadente, que não correspondia ao ideal gregoriano da Espanha formosa, rica, imperial e sem problemas econômicos. O contexto espanhol relatado pelo personagem representa o outro lado dessa sociedade, o lado da pobreza, da fome, da desonra, da força da esperteza e do cinismo.

A obra constitui uma crítica clara a um país decadente, de fidalgos empobrecidos, de pessoas morrendo de fome. Fica claro que, da perspectiva do autor, os valores morais impostos pela Igreja Católica estavam se perdendo, pois os próprios membros dessa instituição eram os principais fraudadores da moral imposta. Este fato é bem evidenciado por Lázaro, especialmente no quarto tratado, onde ele relata que seu novo amo, o frade, iniciou-o em sua vida sexual.

No tratado *Cómo Lázaro se asentó con un bulero y de las cosas que el pasó*, Lázaro descreve a relação com seu quinto amo, um buleiro desleal e corrupto, que ludibriava as pessoas para vender bulas da Igreja Católica. De acordo com González (2005),

[...] buleiro era um funcionário eclesiástico (podia ser um padre) que levava ao público decretos ou bulas do Papa pelos quais os fiéis que contribuíssem para determinada Igreja (a cruzada contra os turcos, o resgate de cristãos cativos dos mulçumanos ou mesmo a conclusão da basílica de São Pedro, em Roma) ganhariam o perdão ou indulgência da pena temporária que, de acordo com a teologia católica, todo pecado acarretava, mesmo o que o pecador tivesse obtido o perdão deste pela confissão. Caso contrário, essa pena—a menos que fosse compensada com outras boas obras—deveria ser paga após a morte com uma permanência no Purgatório, antes que a alma do fiel pudesse ser levada ao Paraíso (GONZÁLEZ, 2005, p.149-150).

Com base na narração de Lázaro, percebemos uma forte crítica ao clero, pois seu amo, um membro da Igreja Católica, usava artimanhas e trapaças para obter a contribuição dos fiéis. Usava o nome de Deus para enganar o povo, como tantos outros, segundo o próprio Lázaro, “[...], cayóme mucho en gracia y dije entre mí: ¡Cuantás déstas deben hacer estos burladores entre la gente inocente!” (ANÔNIMO, 1975, p. 169)⁵⁴. Salientamos que, para obter a bula, documento expedido pelo papa para a salvação dos fiéis, o povo deveria pagar uma quantia alta a título de

⁵⁴ “[...], achei muita graça e disse para mim mesmo: “Quantas dessas não devem fazer esses trapaceiros com essa gente inocente!” (ANÔNIMO, 1975, p. 169, tradução nossa).

contribuição. Ao fim de quatro meses, Lázaro deixou o buleiro, seguindo seu caminho.

Segundo González (2005, p. 151), “[...] a venda de indulgências foi uma das razões invocadas por Lutero, em 1517, para sua posterior ruptura com a Igreja Romana, em 1520”. Os membros da Igreja utilizavam-se da fraqueza do povo mais desprovido de oportunidades para convencê-lo de que os ideais que propagavam eram verdade absoluta. Assim, as pessoas simples acreditavam que, ao comprar as bulas, recebiam milagres e graças advindas de Deus. Por meio das falas do protagonista, o autor, mais uma vez, faz sua denúncia social, atacando os membros da Igreja Católica por enganar o povo.

Observamos que Lázaro não participa diretamente das mentiras e trapagens de seu amo. Ele é apenas um espectador que observa a encenação do buleiro. Não concorda com suas atitudes, mas não o recusa, narra seu comportamento, destacando o que dele apreendera para a sua vida. Assim, por meio desse personagem, o autor trata dos efeitos negativos da deslealdade e da corrupção para os homens.

O sexto tratado, nominado *Cómo Lázaro se asentó con un capellán y lo que con él pasó*; começa com Lázaro descrevendo a si mesmo, “Siendo ya en este tiempo buen mozuelo, entrando un día en la iglesia mayor, un capellán della me recibí por suyo [...]” (ANÔNIMO, 1975, p. 170)⁵⁵. Percebemos, assim, que Lázaro se considera um adulto.

Seu penúltimo amo era um capelão, mestre que pintava pandeiros. Pela primeira vez, ele teve autonomia: o amo lhe entregou um burro, quatro cântaros de água e um chicote para que ele os vendesse na cidade. Com isso, Lázaro iniciou-se em uma nova atividade, a do comércio. Contudo, aos poucos, essa parceria não lhe pareceu tão vantajosa quanto era para o amo.

Fuéme tan bien en el oficio, que al cabo de cuatro años que lo usé, con poner en la ganancia buen recaudo, ahorré para vestir muy honradamente de la ropa vieja. De tal cual compré un jubón de fustán viejo y sayo raído, de manga tranzada y puerta, y una capa

⁵⁵ “Sendo eu, por esse tempo, já um bom moço, entrando um dia na igreja matriz, um capelão me recebeu como seu criado” (ANÔNIMO, 1975, p. 170, tradução nossa).

que había sido frisada, y una espada de viejas primeras de Cuéllar (ANÔNIMO, 1975, p. 171)⁵⁶.

Em quatro anos, ele só conseguiu economizar para comprar uma muda de roupas usadas. Segundo González (2005), a roupa era artigo muito caro na época, funcionando como um sinal de distinção entre as pessoas. Com o escudeiro, Lázaro aprendera que as aparências são a chave do sucesso e, assim, optou por vestir-se bem, mesmo que as roupas fossem usadas e gastas. O escudeiro lhe ensinara a importância do aspecto exterior para as pessoas na época. Essa aprendizagem fica clara nesse tratado, já que, em sua narração, Lázaro revela entender que, vestindo-se bem, poderia almejar uma vida melhor. Desse modo, podemos fazer um breve balanço da educação social de Lázaro. Ela foi resultante da ganância do cego, da crueldade do clérigo, do cinismo do buleiro e, por fim, da honra do escudeiro.

Ao final desse tratado, Lázaro manifesta seu pensamento de que, por ter melhorado sua aparência física e ser um homem de bem, não tinha mais a necessidade de ficar naquele ofício. Ele rejeitou o trabalho no comércio por não ser compatível com sua aparência.

No sétimo e último tratado, *Cómo Lázaro se asentó com um alguacil y de lo que le acaesció con él*, o personagem começa por narrar a despedida entre ele e o capelão, apresentando seu novo amo como um homem da lei. Ele conta que ficou pouco tempo com o oficial de justiça porque considerava o ofício perigoso.

[...]; mayormente, que una noche nos corrieron a mí y a mi amo a pedradas y a palos unos retraídos. Y a mi amo, que esperó, trataron mal, mas a mí no me alcanzaron. Con esto renegué del trato. Y pensando en qué modo de vivir haría mi asiento, por tener descanso y ganar algo para la verez, quiso Dios alumbrarme, y ponerme en camino y manera provechosa (ANÔNIMO, 1975, p. 172)⁵⁷.

Essa narração parece ser um eco da violência e do pouco poder das autoridades para manter a ordem social. Assim, o autor denuncia mais uma forma

⁵⁶ “Sai-me tão bem no ofício, que ao fim de quatro anos, em que nele estive trabalhando e controlando bem meus gastos, economizei para vestir-me honradamente com uma roupa usada. Comprei um gibão usado de fusão, um saio gasto de manga trançada e com punhos, e uma capa muito usada, e uma espada antiga, das primeiras de Cuéllar” (ANÔNIMO, 1975, p. 171, tradução nossa).

⁵⁷ “[...] principalmente, em uma noite que puseram eu e meu amo a correr, com pedradas e pauladas uns foragidos da justiça. E pensando que modo de vida teria neste ofício resolvi abandonar o serviço. Queria ter sossego e ganhar algo para minha velhice, quis Deus iluminar meu caminho e indicar uma maneira mais proveitosa” (ANÔNIMO, 1975, p. 172, tradução nossa).

de desorganização da época. Pensando em como poderia ficar bem de vida, Lázaro conta que recebera ajuda de alguns senhores que tinham contato com pessoas da corte e, por intermédio deles, conseguiu o que tanto almejava: um ofício real.

De acordo com González (2005), entendemos que o ofício real fazia parte das alternativas para que Lázaro melhorasse sua posição social. As pessoas que não herdavam riquezas tinham três alternativas para conseguir uma vida melhor, seguir a carreira eclesiástica, aventurar-se no mar ou empregar-se na casa real.

Lázaro dedicou-se ao anúncio de venda de vinhos, porque acreditava ser o ofício menos desonroso, depois, passou por outras tarefas, dentre as quais, anunciar objetos à venda em leilões, caso em que se declarava pregoeiro. Foi tão bem sucedido que somente ele e o carrasco conseguiam fazer negócios com os judeus conversos (GONZÁLEZ, 2005).

Dentre os aspectos importantes da sociedade espanhola apontados na obra, destacamos o caso dos judeus que foram convertidos por imposição da Igreja Católica e as dificuldades vividas por Lázaro em sua luta pela sobrevivência. Segundo Sánchez (1994), os judeus que se convertiam ao cristianismo, ou seja, que se convertiam ao cristianismo como refúgio para a sobrevivência, não podiam expressar seus pensamentos.

Lázaro conta que, como pregoeiro ascendeu a uma posição social razoável, teve bons lucros, engordando os olhos do arcipreste da cidade de San Salvador, que logo o aconselhou a se casar com sua criada. Percebemos que a iniciativa partiu do arcipreste. Lázaro não dá evidências de que havia amor, mas refere-se ao fato de a criada ser uma boa serviçal e, com o casamento, ele poderia obter os favores e a proteção do arcipreste, que o beneficiaria com carne, pães e roupas usadas. Além disso, o arcipreste o fez alugar uma casa perto da sua, indicando que, de fato, era amante da criada e queria morar perto dos dois.

O protagonista mostra que não desconhecia o que diziam as más línguas e menciona a suposta traição de sua esposa. No entanto, mesmo desconfiado disso, preferiu seguir sua vida de casado. Ele considerava que estar casado e ter conseguido um ofício real, ainda que isso implicasse perder sua honra, era o máximo a que alguém de sua origem poderia aspirar.

Concluimos que a produção dessa obra clássica da literatura espanhola, intitulada *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, não foi casual. Por meio da história de vida de um menino, que conta suas andanças e sua

relação com diferentes amos, ele representa o cotidiano de uma sociedade que não oferecia condições para a satisfação das necessidades básicas de seus integrantes.

A fome e a luta para sobreviver perseguiram o personagem nos sete tratados. A sátira presente na descrição dos membros da Igreja, dos sacerdotes e de outros eclesiásticos e fidalgos, colocando a reputação da Igreja Católica em situação vergonhosa, foi a forma encontrada pelo autor para denunciar os problemas enfrentados pelo povo. Por isso, a obra foi colocada na lista dos livros proibidos pela Inquisição. Pressupomos também que foi por isso que a autoria da obra precisou ser anônima. Com toda a denúncia social nela contida, é possível, que, se não fosse anônimo, o autor seria julgado e condenado por heresia.

A vida de Lázaro termina onde começou, os mundos do clérigo e do escudeiro foram geniosamente misturados em sua experiência, proporcionando-lhe uma aprendizagem de vida. Em nenhum momento da obra consta que Lázaro poderia ter frequentado escola, já que no século XVI, só os nobres e a burguesia conseguiam tal proeza para os filhos.

Nossa análise nos leva a concluir que essa longa carta, dividida em episódios, foi endereçada à sociedade. Lázaro é o resultado do que aprendeu nesse meio, é a representação de uma sociedade que vivia de aparências, na qual a honra, a corrupção e a hipocrisia dos membros da Igreja era algo inaceitável. Desta maneira e com esta visão de honra expressada pelo escudeiro, o autor antecipa o final da história, pois Lázaro se casa com a serviçal do arcipreste para conseguir prosperidade. Mesmo ouvindo os rumores da suposta traição de sua mulher, ele segue sua vida, pois acredita que ela está muito boa se comparada a tudo o ele havia passado com seus amos anteriores.

Analisando essas duas obras clássicas da literatura espanhola, percebemos que, descrevendo a realidade da sociedade espanhola de cada período, elas tiveram seus papéis históricos e educativos. Cada obra representou o ensino em seu respectivo período. *Cárcel de Amor* mostrou o lado nobre da sociedade do século XV, a corte do reinado dos Reis Católicos. *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* mostrou a sociedade decadente e miserável do século XVI, relatando e denunciando, principalmente, os membros da Igreja Católica.

4 O ENSINO POR MEIO DAS OBRAS CLÁSSICAS

Nesta seção, aprofundaremos as reflexões anteriores com a finalidade de demonstrar a importância do estudo das obras clássicas para o ensino e a formação dos homens. As questões educacionais e históricas presentes nas obras, *Cárcel de Amor*, do século XV, e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, do século XVI, revelam-nos que o ensino pode ser estabelecido com diferentes formas, ou seja, o personagem mostra que o comportamento social de cada um pode ensinar o outro a agir e a pensar de acordo com o que compreende das relações do seu dia a dia, sejam elas educacionais; econômicas; políticas; religiosas etc. Entendemos que o ensino e a aprendizagem é uma relação que ultrapassa o cotidiano, pois, deve visar à formação completa dos homens na sociedade, no sentido de compreensão das relações sociais/históricas que permearam as exigências dos homens para a construção das questões do seu presente.

O estudo das duas obras da literatura clássica espanhola é importante para o ensino, principalmente nos cursos de licenciatura, justamente porque, por meio delas, os futuros professores podem lançar um olhar diferenciado para a formação humana e compreender que esta é marcada pelas peculiaridades de cada período histórico. De nossa perspectiva, sua utilização no processo de formação docente favorece o entendimento das relações desenvolvidas entre os homens ao longo dos tempos.

Em *Cárcel de Amor*, temos contato com temas relacionados com o fortalecimento do amor; a dor da rejeição; a traição; a lealdade e a fé. Nesse cenário, os hábitos da nobreza, bem como a educação e o ensino destinados às pessoas que viviam no século XV são mostrados por seus diferentes personagens.

De nossa perspectiva, o tema central de *Cárcel de Amor* é o amor, ou seja, a emoção prevalece nessa obra. O amor fazia parte da vivência dos homens e expressava o conceito ou ideia superior que determinava o desenvolvimento do próprio ser humano de então. É oportuno frisar que esse conceito não dependia unicamente das atitudes dos protagonistas, era uma expressão da vida, ligava-se direta ou indiretamente com os acontecimentos da vida das pessoas.

A esse tema estão relacionados os argumentos, as ações e os conteúdos que compõem o romance de Diego de San Pedro. Casanova (2008) relata que em nenhum outro momento da cultura espanhola o amor pelas mulheres foi tão exaltado como nos séculos XII ao XV.

A nosso ver, a forma como o nobre cavaleiro, Leriano, se apaixonou por Laureola e foi recusado por ela expõe a força do amor, revela que ele era um código social do século XV. O romance foi estruturado sobre essa base, representando uma ruptura com os modelos sociais estabelecidos nessa época. Aparecem o sofrimento e a dor pelo sentimento não correspondido, dor que até então não existia, a rejeição, o fracasso do ser humano, ou seja, o personagem é movido por um ideal impossível, o amor por uma mulher idealizada. Esse amor idealizado transforma-se em lealdade para com a amada, de forma que Leriano, mesmo rejeitado, mantém-se leal ao seu objeto.

Enfatizamos que a fé e a razão são um contrapeso social para a novela de Diego de San Pedro. A dualidade entre a fé e a razão é o fundo sobre o qual a história acontece, sendo que a dama é caracterizada como um objeto de culto religioso e de veneração. Segundo nossa análise, ainda no século XV, a nobreza tentava manter seus costumes, suas preocupações, valorizando a contemplação, o conhecimento pela via da fé. Por meio de *Carcel de Amor*, cujo cenário é da vida na corte, com as festas promovidas pela nobreza, podemos afirmar que estas revelam uma série de comportamentos, dentre os quais a inveja e a traição prevalecem como pano de fundo do romance. Apesar de o autor valorizar a nobreza, procurando mostrar os bons hábitos que circundam o meio social, apresentou também outros sentimentos, a exemplo da inveja e da traição. Embora elas sempre tenham existido entre os homens, ou seja, aparecem tanto no passado quanto no presente, sendo aspectos da vida cotidiana, em alguns momentos elas se sobressaem, em razão das próprias relações sociais.

No século XV, as mudanças sociais estavam mais explícitas. O comércio e as cidades eram os centros de investimentos das duas sociedades que conviviam e, ao mesmo tempo, lutavam por questões diferentes. De um lado, uma parte da sociedade procurava manter o domínio da nobreza, a representação do cavaleiro, a corte enaltecida pelos bons hábitos educacionais, pela aparência e pela liderança na sociedade. Do outro lado, a realidade do homem moderno revelava que as prioridades do dia a dia eram uma contradição em relação ao que estava posto na

sociedade como verdade. Uma parte dos homens queria adquirir novos ensinamentos, realizar novas experiências e descobertas, ou seja, queria explorar o mundo do comércio.

Na interpretação de Casanova (2008), Diego de San Pedro é didático, pois busca ensinar uma moral ou simplesmente propor um alerta, usando como exemplo a história dos apaixonados. O fato é que, no século XV, o autor retrata uma sociedade cortês, na qual os conteúdos dos novos gêneros literários representavam as novas formas de amor. Com isso, indica as formas pelas quais o novo homem poderia tentar transformar suas necessidades em objetivos concretos.

Em síntese, é importante utilizar essa obra clássica da literatura espanhola medieval nos cursos de formação de professores, tanto pelos professores formadores quanto pelos alunos, pois ela envolve o conhecimento histórico. Revela também as preocupações dos homens em um momento de alteração social, seus sentimentos, as relações pessoais que se expressavam na leitura e a escrita, o conhecimento de regiões. Torna possível criar uma base sólida de conhecimentos teóricos e práticos em sua totalidade.

Já, em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, priorizando o uso da razão, os tratados compostos pelos relatos de Lázaro a respeito do que vivenciou com seus diversos amos, ou seja, com os homens de seu tempo, transmitem-nos uma mensagem de vida, deixam-nos lições de aprendizagem para a vida. Como mencionamos no capítulo anterior, essa obra relata o lado pobre da Espanha, ou seja, a decadência de um país, ao passo que *Cárcel de Amor* retrata a nobreza.

Chegamos a afirmar que o primeiro amo de Lázaro foi o seu primeiro mestre. Esse personagem era um mendigo cego que lhe ensinou artimanhas para viver em um mundo miserável, onde a fome era um fato lamentável. Esse cenário representa a Espanha do século XVI.

Esse mestre cego, atuando com base nos conhecimentos que ele adquirira por vivência, ensina o pobre Lázaro a compreender que a vida era muito dura, que precisava estar sempre atento. O cego era extremamente astuto e sagaz, fazia trejeitos para enganar as pessoas. Tinha a expressão de uma pessoa humilde, rezava em tom sereno, com o intuito de angariar a piedade das pessoas, de ganhar esmolas. Com este amo, Lázaro aprendeu diversas orações e para diversas

finalidades, principalmente para curar enfermidades das mulheres que acreditavam em suas mentiras.

Relevamos a representação da fé, utilizada pelo cego, para enganar as pessoas. Em momentos anteriores ao século XVI, esse comportamento era inadmissível, pois enganar as pessoas por meio da oração, mesmo que não fosse explicitamente, significava que pessoa estaria fora do reino dos céus, já que estaria enganando o próprio Criador. Porém, as necessidades básicas vividas pelo cego não o deixavam se intimidar com o fato de estar em “pecado”. Os sentimentos e as necessidades sociais misturavam-se fazendo com que a razão se sobrepujasse à fé.

Os homens entendiam que a vida já não era mais como eles pensavam anteriormente, que eles tinham seus papéis na sociedade porque Deus queria que assim o fosse. Eles percebiam que os homens é que direcionavam suas próprias vidas, de forma que deles é que dependiam as conquistas terrenas.

Com base nas tantas artimanhas do cego, Lázaro aprendeu a se defender dele. Contra a avareza do amo, que não o alimentava adequadamente, ele aprendeu a enganá-lo para saciar sua sede e matar sua fome, ou seja, o burlador passou a ser burlado. Com tal mestre, Lázaro aprendeu a mentir e a burlar, usando suas artimanhas para ganhar dinheiro para sua sobrevivência.

O segundo mestre de Lázaro foi o clérigo, que conseguiu ser mais avarento do que o cego, oferecendo-lhe apenas cebolas para que matasse a fome. Assim, Lázaro utilizou-se dos ensinamentos do cego para sobreviver: roubou o pão da sacristia, foi pego pelo clérigo e mandado embora. Neste tratado, Lázaro mostra sua decepção ao saber que os homens da igreja, considerados dignos de solidariedade na ajuda aos necessitados, eram egoístas e pensavam somente em si. Lázaro enfrentou a avareza e o desprezo de um membro da Igreja, estendendo sua visão negativa a todos os representantes dela.

O autor da obra, ao apresentar a realidade da igreja, desnudando claramente o comportamento daqueles que, até então, eram detentores do saber e dos ensinamentos a ser ministrados aos homens, mostra que os mesmos nada mais eram do que homens que representavam as mudanças sociais. O egoísmo presente nas relações sociais também se manifestava na igreja, sendo compartilhado entre os representantes de Deus na Terra.

Esse tratado, a nosso ver, contém um ensinamento de vida para o homem do século XVI: a confiança nos representantes de Deus na sociedade já não existia como outrora. O homem, nesse momento, era o “dono” das suas ações, não era culpa do Criador que ele estivesse em situação precária, sem conseguir suprir as necessidades básicas de sobrevivência. A culpa dessa situação estava sendo atribuída a sentimentos que se fortaleceram em meio às alterações econômicas, políticas, religiosas e educacionais. Estavam sendo despertados alguns comportamentos que antes estavam adormecidos, em razão da acomodação por parte daqueles que tinham sido destinados aos ensinamentos divinos perpassados pela igreja.

Em um diálogo da peça teatral denominada *Galileo Galilei*, do século XX, escrita por Bertold Brecht, temos a representação da decepção do pequeno monge quando descobre que o mundo tinha mudado, que aquilo que era considerado verdade já não podia mais ser seguido, que a pobreza não era advinda de Deus e que seus pais nada mais eram do que atores de um teatro da vida, dirigido pelos homens e não pelo Ser Supremo.

O PEQUENO MONGE — Mas quero lembrar outras razões. O senhor permita que eu fale de mim. Nasci no campo, sou filho de camponeses. São gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas pouco além disso. Observando as fases de Vênus, vejo os meus pais diante de mim, sentados diante do fogão, com a minha irmã, comendo o seu queijo. Acima deles vejo o teto, escudeiro pela fumaça de muitos séculos, e vejo bem as suas mãos velhas e deformadas, segurando a colher pequena. A vida deles não é boa, mas até a sua desgraça manifesta uma certa ordem. São vários ciclos, desde os dias de lavar o chão, até as estações no olival, até o pagamento dos impostos. Há regularidade nos desastres que eles sofrem. As costas de meu pai vergam, mas não é de uma vez, é um pouco mais em cada primavera, trabalhando nas oliveiras; e os partos, é a mesma coisa, vinham regularmente, até deixar a minha mãe acabada. Para subir por esses caminhos desgraçados, arrastando um cesto e pingando suor, para parir os filhos, e até para comer, é preciso ter força, e essa força de onde é que eles tiram, se não é do sentimento da constância e da necessidade, que lhes vem olhando os campos, olhando as árvores, que reverdecem todos os anos, vendo a igreja pequena, ouvindo a Bíblia aos domingos. Eles estão seguros — foram ensinados assim — de que o olho de Deus está posto neles, atento, quase ansioso, de que o espetáculo do mundo foi construído em torno deles, para que eles, os autores, pudessem desempenhar os seus papéis grandes e pequenos. Que diria a minha gente se ouvisse de mim que moram num pedaço pequeno de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, à volta de outra estrela, um pedaço entre muitos, sem maior

expressão? Para que tanta paciência e resignação diante da miséria? Elas não ficariam sem cabimento? Qual é o cabimento da Sagrada Escritura que explicou tudo e disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está errada? Não, eu vejo o olho deles ficando arisco, vejo como descansam a colher, vejo como eles se sentem traídos e esbulhados. Então o olho não está posto em nós, é o que pensam. Nós é que precisamos cuidar de nós mesmos, sem instrução, velhos e acabados como estamos? Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terrestre e lamentável, numa estrela minúscula, inteiramente dependente, que não tem nada girando à sua volta? Não há sentido na nossa miséria; fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido; esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito. O senhor compreende agora a verdadeira misericórdia maternal, a grande bondade da alma que eu vejo no Decreto da Santa Congregação? (BRECHT, 1956, p. 132-134).

Por meio da fala do monge, o autor se refere ao fato de que na realidade do século XVI a vida passara por uma mudança sem volta. Sem volta porque, apesar da angústia existente na sociedade, modificada por tantas descobertas, a aceitação dessa transformação de vida teria que acontecer gradativamente. Por meio da descrição da vida dos seus pais, o monge entendia que não era possível acreditar na desconstrução de um mundo criado em muitos séculos. Era difícil despertar em um mundo totalmente diferente daquele que se acreditava existir pela vontade divina, ou seja, despertar sabendo que Deus não estava mais no centro do universo, no comando da vida dos homens.

As mudanças não aconteceram de um momento para o outro, desenvolveram-se durante séculos e, na fala do monge, fica claro que não era possível viver na "nova sociedade" sem participar de suas prioridades. As descobertas, as negociações aconteciam e, em cada experiência empírica, revelava-se um mundo totalmente diferente daquele que os homens conheciam de forma contemplativa.

Nesse sentido, quando o autor de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* apresenta o terceiro mestre, um escudeiro, entendemos que este ensinou a Lázaro coisas essenciais para a sua sobrevivência naquela sociedade. Dentre elas, a honra e a importância de manter as aparências, já que, apesar de suas precárias condições, o escudeiro mantinha a pose de um homem bem sucedido. Para Lázaro, essa conduta não tinha nenhum valor, porque o que lhe importava era ter comida para sobreviver. Mesmo assim, guardou tais ensinamentos.

A honra e a aparência correspondiam à tentativa de manter os costumes e comportamentos dos homens da nobreza já em decadência, pois os burgueses que, até então, eram os que serviam a seus senhores, passaram a ser proprietários da riqueza comercial. Como almejavam poder social, buscavam se portar imitando o modelo de comportamento dos nobres, embora o ensino de que precisavam não era o mesmo dedicado à nobreza. Para sua ascensão econômica, o que importava eram conhecimentos práticos, vividos no cotidiano, por meio dos quais eles adquiriam o conhecimento do mundo empiricamente.

O conhecimento teórico, dedicado outrora à nobreza, que deveria pensar, analisar a sociedade e governá-la, não se inseria nos propósitos da burguesia. O tempo, para ela, passou a ser prioridade. Não se podia “perder tempo” para pensar e analisar, era preciso agir, conhecer e desvendar os mistérios da natureza.

O autor relaciona a “velha e a nova” sociedades de forma intrínseca, mostrando um emaranhado de sentimentos confusos e ao mesmo tempo reveladores para a história. Ou seja, a obra transmite ao leitor as alterações educacionais necessárias aos homens para pensar e agir de maneira diferente do modelo que já estava impregnado na sociedade. As relações humanas sempre sofrem embates quando há um confronto entre o tradicional e o novo.

Como exemplo das diferentes relações que passam a existir entre os homens, quando há a necessidade de mudanças, citamos o quarto mestre de Lázaro, um frade. Sua ação é relatada em um tratado extremamente curto, porém, bem significativo para a época. Esse mestre iniciou Lázaro na vida sexual, bem como lhe deu os primeiros sapatos, ensinando-lhe também os prazeres que a vida podia proporcionar. Um frade, pessoa religiosa, que perante a sociedade deveria ser um exemplo de honestidade, pureza, conforto espiritual, é que proporciona a Lázaro um ensinamento a respeito do prazer do corpo. A obra revela, portanto que aqueles princípios que caracterizavam os homens religiosos tornaram-se coisas do passado. O momento de Lázaro explicitava sentimentos e comportamentos que até então ainda se mantinham ocultos em todos os setores sociais. No entanto, para suprir as exigências do dia-a-dia, tais sentimentos e comportamentos acabaram se disseminando na sociedade.

O quinto mestre foi o buleiro, que também ensinou Lázaro a enganar as pessoas. Pela primeira vez na obra, ele se apresenta como um mero espectador das atitudes desse novo mestre e critica suas ações, a exemplo do seu posicionamento

contrário à venda da bula. Entendemos que esse tratado é um símbolo do que Lázaro não podia fazer, nele ficam claras tanto a indignação do personagem quanto a crítica social que faz a pretexto do episódio. Lázaro aprende o que não se deve fazer, ou seja, que não se deve aproveitar de pessoas inocentes e pobres que, assim como ele, lutavam para sobreviver.

O quinto tratado, talvez, seja aquele em que Lázaro se sente mais oprimido pelas enganações do mestre. Neste tratado, ele revela que ainda tem sentimentos de fé. Sugere que o buleiro não deveria agir de tal forma com os homens que acreditavam nos ensinamentos divinos e em sua possibilidade de curar as pessoas. O mestre, segundo Lázaro, enganava com veemência os que necessitavam de um amparo para a vida espiritual, já que, com a vida que estavam acostumados a levar, aos poucos, ficaram incrédulos. Ou seja, os próprios homens da igreja agiam como os demais. Lázaro afirma que seu amo era tão convincente que conseguia enganar a todos e, mesmo aqueles que tentavam desmascará-lo, levantando dúvidas sobre a falsidade e a verdade dos seus discursos, acabavam por vezes caindo em suas artimanhas.

O buleiro utilizava o ambiente da Igreja para criar situações de convencimento. Orando com os olhos fechados e as mãos unidas, fazia longos sermões sobre a importância da bula para a cura e para uma vida melhor naquela sociedade. Quando percebia que nem todos sabiam o latim, ele discursava horas em latim, mas, segundo Lázaro, não era possível saber se realmente o latim era correto, porque, quando ele estava com pessoas que tinham o conhecimento dessa língua, discursava usando poucas palavras em latim.

No sexto tratado, Lázaro tem como mestre um charlatão, que, pela primeira vez, não é seu criado e sim seu funcionário. Lázaro inseriu-se no comércio e ganhou algum dinheiro, que, juntado por quatro anos, serviu para que ele comprasse roupas usadas. Aqui Lázaro se lembra dos ensinamentos do escudeiro, especialmente do que este lhe falou a respeito da questão da aparência, um fator importante para quem, apresentando-se como um homem de bem, queria ter sucesso na vida. O sexto mestre ensinou-lhe a arte da venda, ensinou-o a ser um bom vendedor.

Logo, facilitou sua inserção no mundo do comércio. Importante considerar que, nesse momento de várias mudanças, cada um dos cinco primeiros mestres lhe ensinou uma forma de sobrevivência. Desse modo, ao encontrar o sexto, ele já tinha adquirido um conhecimento prático para superar as diferentes dificuldades surgidas

no dia-a-dia. De acordo com o que vai sendo apresentado em cada tratado, todos tiveram importância e significância na vida de Lázaro, mostrando que os ensinamentos correspondiam ao modo de acreditar e de agir de cada um dos mestres.

Alguns conservavam o modo tradicional de educação, porém, viam-se sem perspectivas e não conseguiam pensar em algo mais concreto do que o estômago. Outros analisavam a vida e as alterações que estavam acontecendo na sociedade com mais clareza, entendendo que o homem estava por si e que sua sobrevivência dependia de sua esperteza e de sua malandragem. Os demais revelavam sua vida e suas atitudes como sempre foram, embora antes tenham conseguido esconder, ou seja, agiam como sempre fizeram. Porém, como a sociedade vivia um momento de desconfiança e de tentativas de sobrevivência, a necessidade de serem acreditados fazia com que burlassem as pessoas em sua crença.

O último mestre foi um oficial de justiça, com o qual Lázaro viveu momentos de aflição. Assustado com tal profissão, ele abandonou o amo, começou a trabalhar como pregoeiro e passou a seguir os conselhos do arcebispo. No sétimo tratado o arcebispo de Sant Salvador, casa Lázaro com Mercedes, sua amiga. Lázaro presta-se a esse casamento por conveniência, visto que o conveniente atendia aos dois: para Lázaro, era a segurança de comida e abrigo, para o arcebispo, a manutenção de uma amiga perto de si, ou segundo as pessoas que falavam sobre o casamento, de uma amante. A conveniência, nesses termos, mostra que, na realidade do século XVI, os homens precisavam se amparar para sobreviver. Independentemente dos sentimentos de orgulho, vergonha, traição, honestidade e fidelidade, o que importava era suprir as necessidades básicas e se inserir na sociedade.

Dessa forma, as duas obras, da uma à sua maneira, desnudam os acontecimentos de seu período. Em *Cárcel de Amor*, vemos a marcante presença do amor, da preservação de sentimentos que não condizem com a sociedade fora do âmbito da nobreza. O autor revela, por meio dos personagens, a luta pela manutenção da educação dos sentimentos praticados entre os nobres, isto é, aqueles que lhes foram ensinados para que se mantivessem no poder da organização social.

La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades é o contraponto de “Cárcel de Amor”, pois mostra o homem em sua realidade crua, sem os sentimentos nobres de lealdade e honestidade. O personagem de Lázaro revela

a educação de acordo como que se vive, ou seja, as mudanças de comportamentos e de ações vão ao encontro do que o faz sobreviver. O uso da razão prevalece sobre o da fé. Se, antes, o homem aguardava a sorte advinda de Deus, Lázaro desmente essa teoria, ensinando que Deus não ia dar aos homens comida, roupas, abrigo se eles não lutassem para consegui-los. Dependia de cada um lutar pelos seus ideais.

As duas obras, a nosso ver, revelam claramente a transição gradual que ocorreu naqueles séculos. Do século XV ao XVI, a sociedade moderna apresenta suas raízes profundas, conquistadas por longo período, e já não consegue esconder ou disfarçar suas bases de re/organização.

Os personagens de uma e outra obra, explicitamente, dividem espaço com modelos sociais diferentes. Em *Cárcel de Amor*, o romantismo do apaixonado e a opção pela morte para suprir sua dor mostram o sentimento do cavaleiro medieval (representado em vários romances de cavalaria como exemplo social), que luta pelos seus mais puros sentimentos. Idolatra a donzela, é educado, gentil, forte, guerreiro e respeita o seu Senhor como aquele que representa Deus. Em *Lazarillo*, o cavaleiro é um homem comum, que não acredita no amor eterno e puro. Os sentimentos que prevalecem são os relacionados à preocupação consigo, com o seu bem estar, ou melhor, sua sobrevivência: o amor não saciaria sua fome. A honestidade não se apresenta como o caminho da sobrevivência, pois, muitas vezes, por meio da desonestidade é que se podia manter vivo. Desse modo, entender as obras e analisá-las como ensinamentos para os nossos dias, como afirma Marc Bloch (1949), corresponde a compreender que a história revela os homens no seu tempo, embora estes continuem sempre sendo homens.

Com isso, entendemos que as modificações nas relações sociais de cada momento histórico configuram-se em novas condutas relacionadas ao modo como os homens produzem e se reproduzem em sociedade no atendimento de suas necessidades. Dessa maneira, eles respondem ao funcionamento e à organização da sociedade. Conforme Figueira (1998, p. 13), nesse direcionamento, é transmitido aos homens “[...] aquilo que é mais apropriado para se aprender e para se ensinar”.

O fato é que os acontecimentos históricos refletem-se na conduta adotada pelos homens na atualidade, ou seja, a postura adotada pelo homem no presente é uma consequência do passado que não deve ser ignorada no processo de formação do homem. Consideramos, nesse contexto, que as obras clássicas abordadas ao

longo do estudo são um recurso pedagógico que tende a propiciar uma compreensão da atual conjuntura dos acontecimentos presentes na sociedade, favorecendo o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. É oportuno ressaltar que esse direcionamento não se restringe a essas duas obras, mas a todas as obras clássicas.

Na interpretação de Gasparin (2011),

Há que buscar um equilíbrio entre indivíduo e sociedade, a partir de uma visão totalizadora, sem autonomização de elementos, não privilegiando o individualismo, ou o sociologismo, ou, por outra parte, acentuando ora o subjetivismo, ora o objetivismo. [...]. Nesta perspectiva, um clássico em educação é um sinal, um testemunho de um ambiente intelectual, cultural, político e econômico que se expressa através de sua vida, vida que nos fala e aproxima de outras vidas (GASPARIN, 2011, p. 44).

Com base nessa reflexão, enfatizamos que o homem deve ter acesso aos conhecimentos históricos e de diferentes áreas do conhecimento humano que fomentam o desenvolvimento de suas ações e o funcionamento da sociedade. Para tanto, sua formação não pode ser amparada apenas em questões microsociais atuais. Assim, não é possível entendermos o homem atual sem relacioná-lo com sua historicidade, já que sua formação está ligada aos acontecimentos do passado.

Procuramos estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, entendendo que cada período retrata o que pode retratar, sem julgar o certo, o errado ou de como deveria ser a organização da sociedade. A questão a ser analisada não vai pelo caminho do julgamento e sim pelo da leitura dos próprios autores tendo como finalidade entendermos a própria vida e a nossa forma de organização social, pois somos responsáveis por nossas ações e comportamentos. Logo, podemos dizer que os ensinamentos apresentados nessas obras propagaram-se ao longo dos anos, refletindo-se em nossos dias.

4.1 OBRAS CLÁSSICAS: CONHECIMENTO HISTÓRICO PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO DOS HOMENS

Já analisamos o reflexo do contexto histórico espanhol dos séculos XV e XVI nas obras clássicas da literatura espanhola, *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Observamos que alguns fatos ocorridos naquele momento foram alvo das críticas contidas nessas obras e entendemos que as obras clássicas são marcadas pelas relações estabelecidas entre os homens em um determinado período histórico.

Com os ensinamentos representados nas obras estudadas, podemos compreender a educação e a formação dos homens na sociedade espanhola nos momentos em que elas foram escritas. Os homens, de acordo com suas necessidades, procuraram encontrar caminhos para a sobrevivência, essas questões estão presentes nas obras clássicas literárias *Cárcel de Amor*, e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, nas quais estão representadas as angústias e os conflitos vividos pela sociedade dos séculos XV e XVI, respectivamente.

Os autores clássicos, normalmente de forma implícita, utilizam suas obras para denunciar comportamentos e situações que não condizem mais com o posicionamento socioeconômico, político, cultural e educacional da sua época. Portanto, na maioria das vezes, os autores apresentam novos ensinamentos aos homens do seu período, esclarecendo que a mudança está posta, a sociedade não é mais a mesma e que, por isso, uma nova maneira de pensar e de agir surge favorecendo a organização da sociedade.

Com base nessas análises, indagamos: qual é a contribuição das obras clássicas para a formação humana? Entendemos que a leitura e o estudo das obras clássicas são, sem dúvida, indispensáveis para que façamos a articulação entre o seu presente e o passado, por meio da forma como os autores trataram as questões que surgiram em seu tempo. Segundo Bloch (1967), a compreensão do passado nos esclarece a respeito presente, já que o passado e o presente estão conectados pela formação humana.

É com essa compreensão que defendermos a importância da leitura das obras clássicas. Os professores, por serem os transmissores do conhecimento científico, tendo, portanto, como responsabilidade a formação humana, devem entender que o passado faz parte da nossa realidade, ou seja, compreender que só é possível explicar as relações do presente quando se compreende que, no

passado, os homens sofreram alterações sociais e precisaram de novos conhecimentos para supri-las.

De nosso ponto de vista, se os professores, principais formadores de opiniões e do senso crítico, não conseguirem relacionar os fatos presentes com as questões históricas, é improvável que os alunos adquiram uma argumentação suficiente para analisar e entender sua relação e sua posição na sociedade conflitante em que vivemos.

Almejamos que, por meio do contato com obras clássicas, os professores consigam realizar uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento do ensino ao longo do tempo. A inserção do ensino de obras clássicas nos cursos de licenciatura é uma oportunidade para que tanto para os professores formadores quanto para os futuros professores conheçam as alterações educacionais ocorridas nos diferentes períodos históricos e, assim, se fundamentem para enfrentar as questões práticas e teóricas da sala de aula. É oportuno ressaltar que a importância da leitura e do estudo de obras clássicas não se restringe aos cursos de formação docente, abrange também as demais áreas do conhecimento, a exemplo do Ensino, da Educação, da História, da Política.

Leonel (1998) afirma que, com a recorrência ao estudo dos clássicos, pode-se evitar um estudo fragmentado das questões do momento e analisar as alterações da sociedade de maneira mais ampla. O conhecimento que eles nos oferecem auxilia-nos a articular os acontecimentos do passado com os do presente, o que amplia nosso entendimento das raízes dos problemas.

A formação docente na atualidade é fragmentada e flexível às demandas da sociedade. Segundo Gasparin (2005),

[...], parece que os professores perderam suas funções de transmissores e construtores de conhecimentos. As profundas mudanças que se estão processando na sociedade dão a impressão de que eles são dispensáveis e podem ser substituídos por computadores e outros equipamentos tecnológicos, por meio dos quais o educando adquire conhecimento (GASPARIN, 2005, p. 01).

A desvalorização desse profissional não é mera coincidência e sim uma decorrência das modificações ocorridas na sociedade, fomentadas pelo processo de industrialização e urbanização no país (SAVIANI, 2011). Melo e Falleiros (2005, p. 175) lembram-nos de que o papel desempenhado pelo professor atualmente é

resultado da reforma do Estado brasileiro a partir dos anos 1990. Nesse momento, ocorreram “[...] significativas alterações na relação entre Estado e sociedade civil [...]”, a exemplo da promulgação de políticas a favor do mercado⁵⁸.

As ações promovidas pelo Estado tendem a estabelecer um consenso espontâneo nas classes dominadas. “Dentre os aparelhos, aquele que possui vetor dirigido à formação dos sujeitos por meio das orientações emanadas do Estado tem sido a instituição escolar” (PLATT, 2009, p. 37). Portanto, é possível entender que as políticas aprovadas pelo Estado para orientar a formação de professores funcionam como um instrumento ideológico, por meio do qual prevalecem na prática os interesses da classe dominante.

Saviani (2011) analisa esse processo:

Ao longo dos últimos dois séculos, as sucessivas mudanças introduzidas no processo de formação docente no Brasil revelam um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas. A questão pedagógica, de início ausente, vai penetrando lentamente até ocupar posição central nos ensaios de reformas da década de 1930. Mas não encontrou, até hoje, um encaminhamento satisfatório. Ao fim e ao cabo, o que se revela permanente é a precariedade das políticas formativas, cujas sucessivas mudanças não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país (SAVIANI, 2011, p. 10).

Com base nesse autor, podemos pontuar que, no Brasil, as mudanças ocorridas na formação inicial dos professores não tiveram resultados significativos. O descaso com a formação continua sendo alarmante e, ao mesmo tempo, desesperador, pois a falta de preparação do docente para enfrentar os problemas educacionais reflete-se na educação básica. Nas interpretações de Saviani (2011) e Gasparin (2011), o trabalho do professor acaba sendo orientado pelo vício de se atender às exigências do mercado de trabalho, ou seja, é marcado pela,

⁵⁸ “A partir de uma suposta constatação de que a crise enfrentada pelo capitalismo mundial decorria da natureza burocrática e excessivamente regulatória do Estado, a classe dominante e dirigente brasileira, no início da década de 1990, instituiu mecanismos para minimizar tanto o raio de ação do Estado em sentido estrito na vida em sociedade como seu papel na condução dessa sociedade. Nesse primeiro momento, tal cruzada contra o Estado esteve acompanhada pela apologia do mercado como instância central para organizar a vida coletiva, empreendendo-se uma árdua defesa pela privatização de empresas públicas e a implantação de políticas públicas sociais sob a justificativa de que o mercado, como mecanismo de regulação, seria muito mais eficaz do que o Estado, obtendo melhores resultados com menores custos” (MELO; FALLEIROS, 2005, p. 175).

[...] urgência em dar respostas. Estas, com frequência, por serem imediatistas, pouco se preocupam com a reflexão, com a fundamentação teórica, com a análise. O que importa é o autor que está na moda, o último livro que foi lançado sobre o assunto, nem sempre tendo na devida conta o que traz de novo (GASPARIN, 2011, p. 37).

De nossa perspectiva, a não utilização de obras clássicas no processo do ensino e da aprendizagem está relacionada às ações educacionais do Estado, que, por sua vez, atende à demanda momentânea. Argumentamos que tal conduta tem deixado falhas na formação de professores, já que têm sido priorizados os acontecimentos do presente, sem a preocupação com o entendimento do passado. As pesquisas atuais são, na maioria das vezes, estudos sobre fatos que aparentam ser novidade na sociedade, mas que, na verdade, são consequência de mudanças históricas, de alterações que ocorrem em momentos de transição.

Desse modo, compreendemos que não se incentivam os profissionais do ensino para um estudo mais reflexivo, o que é estranho, pois a leitura aprofundada de autores clássicos que tratam das questões sociais, políticas e educacionais promove uma compreensão mais aperfeiçoada da própria realidade, ocasionando uma formação qualitativa. De fato, a leitura e a análise dos clássicos podem ser entendidas como um instrumento para se pensar em uma formação na sua totalidade. Isso proporcionaria aos docentes condições de perceber e entender as relações do ensino e da educação com a sociedade, entender que estas áreas de atuação não são separadas dos demais acontecimentos sociais.

Leonel (1998, p. 87) aponta a “A premissa de que o passado, quando examinado do ponto de vista do conflito entre forças produtivas e relações sociais de produção, é mais esclarecedor do presente do que o presente está em condições de esclarecer”. Dessa maneira, a história deixa de ser um objeto de curiosidade e passa a ser utilizada como um instrumento de reflexão a respeito dos eventos humanos. Com isso, afirmamos que ensinar requer contextualizar o conteúdo, diferenciar as questões sociais do momento estudado e estabelecer um elo entre o passado e o presente para o entendimento das questões que são trabalhadas pelo professor em sala de aula.

Neste trabalho, apresentamos as duas obras clássicas como exemplo da necessidade de se ler e entender o passado. Compreendendo os escritos desses dois autores, concluímos que os séculos XV e XVI são dois momentos de grandes

alterações sociais, cujos homens passavam por conflitos e angústias que os levavam a questionar seu papel na sociedade. Muitas vezes, eles não se identificavam nem com uma sociedade nem com outra e tentavam manter as relações sociais que existiam em momentos anteriores. No entanto, já não se conseguia, no presente, manter a ordem e a educação de outros momentos.

Nesse caso, a análise das obras esclarece sua importância no ensino de hoje, já que nelas está implícita uma crítica à sociedade. Elas mostram as contradições que permeiam as instâncias sociais e que dificultam o desenvolvimento e a re/organização da sociedade. A luta pela sobrevivência é clara, as experiências comungam com as “velhas” e “novas” relações. O autor, muitas vezes, posiciona-se na própria obra como mediador e/ou como narrador da autobiografia, mostrando que, apesar de ele entender as questões de sua época, nem sempre consegue esclarecer o que ele considera como certo ou errado. Ele vive o momento e ensina que as atitudes humanas emaranham-se de forma conflituosa e, assim, transmite ensinamentos a respeito de valores essenciais para a organização e o desenvolvimento dos homens na sociedade, o que torna a obra clássica.

Leonel (1998, p. 88) assinala que, “[...], uma obra antes de resistir ao tempo e tornar-se clássica é uma obra histórica e continua sendo depois desse reconhecimento”. Portanto, podemos dizer que uma obra clássica descreve a história da época, situa-a em seu devido tempo e espaço. Consequentemente, ao mesmo tempo em que nos incentiva a atribuir importância aos acontecimentos do período, ela nos induz a refletir sobre o que somos e o que podemos ensinar no momento em que vivemos.

Oliveira e Mendes (2010) asseveram que,

Em uma determinada época, nos diferentes campos do conhecimento e da arte, surgem autores que se destacam dentre os seus contemporâneos e permanecem como uma referência para as gerações seguintes. É verdade que algumas vezes o reconhecimento não ocorre na vida do autor. Mas, a partir de dado momento tornam-se aquilo que denomina ‘um clássico’ (OLIVEIRA; MENDES, 2010, p. 08).

Conforme a análise realizada por Oliveira e Mendes (2010), entendemos que autores clássicos, em diferentes áreas do conhecimento, escrevem obras que representam o período em que foram escritas e atravessam gerações sem perder

seu valor. As obras clássicas ensinam-nos a refletir sobre as questões humanas, ou seja, sobre a necessidade de definir regras e planejar o ensino de uma maneira que contemple a formação do homem para a vida em sociedade. Nesse sentido, consideramos relevante definir o que é um clássico, na visão de alguns autores.

Segundo Saviani e Duarte (2012),

[...], clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento em que foi formulado. Define-se, pois, pelas noções de permanência e referência. Uma vez que, mesmo nascendo em determinadas conjunturas históricas, capta questões nucleares que dizem respeito à própria identidade do homem como um ser que se desenvolve historicamente, o clássico permanece como referência para as gerações seguintes que se empenham em aprimorar-se das objetivações humanas produzidas ao longo do tempo (SAVIANI; DUARTE, 2012, p.31).

Já Calvino (2007) pondera que,

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber), mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (CALVINO, 2007, p.12).

Calvino (2007, p. 12) ainda assinala que “Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele pra longe”. De tais definições, retiramos a ideia de que uma obra clássica é sempre atual, mesmo abordando acontecimentos ocasionados em séculos anteriores, justamente por transmitir pontos reflexivos sobre a vida em sociedade. Nesse sentido, Calvino (2007, p. 16) afirma que, “[...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos”.

Na interpretação de Gasparin (1997, p. 40), um clássico é “[...] autor ou obra que, por sua originalidade, pureza de estilo e, acima de tudo, pelo fundo e forma irrepreensíveis, constitui um modelo digno de imitação”. Aprendemos com esse autor que um clássico ultrapassa seu tempo, por marcar a época em que foi escrito.

Segundo Oliveira e Mendes (2010),

[...] os autores que se tornaram clássicos são aqueles que souberam captar questões da sua época e as responderam com mais profundidade de que seus contemporâneos. [...], um autor não se torna clássico somente por essas qualidades, ou seja, por ter captado com profundidade as exigências de sua época. Ele se torna um clássico também por se converter em uma referência para as gerações seguintes. Nesse sentido sua obra extrapola o seu tempo e os homens das épocas vindouras encontram nela um estímulo e sugestões para refletirem sobre as questões que lhe foram colocadas (OLIVEIRA; MENDES, 2010, p. 09).

Destarte, existem várias definições para o termo clássico. Apesar dessa variedade, em termos gerais, todas revelam o mesmo caminho, ou seja, que uma obra clássica é uma fonte inesgotável de conhecimentos, além de ser uma descoberta e uma redescoberta de saberes. No Brasil, a leitura da obra clássica ainda não é muito valorizada na discussão, mesmo nos cursos de licenciaturas. Frequentemente somos indagados por perguntas e afirmações a exemplo das seguintes. Qual a contribuição e/ou a importância do estudo de autores de períodos tão anteriores ao nosso? Devemos nos preocupar com as questões presentes. A dúvida sobre a importância desses estudos e a dificuldade de se relacionar passado com o presente, muitas vezes, levam-nos a entender o conhecimento superficial que, muitas vezes, é trabalhado nas escolas da educação básica e, também, no ensino superior.

Se analisarmos os estudos realizados na Europa, como em Portugal, por exemplo, vemos que a valorização dos autores clássicos é considerada imprescindível para o conhecimento do aluno; inclusive, a maioria das universidades tem cursos específicos de Estudos Clássicos, cujos objetivos ficam claros na própria página de apresentação. Dentre eles:

Antes de mais, Estudos Clássicos servem para quem quer Saber. Ao encontrar-se na origem de grande parte dos fenômenos culturais do mundo contemporâneo, seja por imitação seja pela rejeição dos modelos herdados da Antiguidade, os Estudos Clássicos permitem adquirir um entendimento mais profundo da cultura ocidental. Estamos, por isso, convictos de que estudar Estudos Clássicos não implica de modo nenhum um estreitamento das perspectivas, como se apenas nos interessassem as 'coisas velhas' e bafiantes: é nossa convicção que não se pode estudar a Cultura, a Filosofia ou a Literatura Medieval, mesmo quando escritas já em Português, Inglês ou Italiano sem um sólido conhecimento de Latim; também não compreendemos como pode alguém estudar a sério Camões ou Shakespeare, Petrarca ou Rabelais, Milton, Garrett, Pessoa ou Elliot sem conhecer os Clássicos; tal como não é possível estudar o

pensamento político contemporâneo sem os modelos gregos e romanos; ou mesmo muito do que são o teatro e cinema contemporâneos sem os modelos antigos. Estudos Clássicos servem também para aprender a Pensar. Era costume antigamente dizer-se que o Latim e o Grego eram a Matemática das Letras. Em grande medida, esta comparação é justa, uma vez que estas línguas exigem considerável destreza mental. Estudos Clássicos servem ainda para os alunos ganharem Experiência e Maturidade Intelectual que lhes permitam enveredar por praticamente qualquer curso de Mestrado na área das Humanidades e Ciências Sociais (DEC, 2015, p. 01).

Os objetivos do DCE (Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa) esclarecem a importância desse estudo. Segundo eles, o aluno, quando faz a pesquisa de autores considerados clássicos, amplia seu conhecimento, conseguindo realizar uma reflexão crítica sobre sua realidade e também favorecendo sua formação humana e profissional.

Por tudo isso, consideramos que a leitura de obras clássicas é um complemento indispensável para que o professor faça a articulação entre o contexto do presente e os desígnios históricos construídos nas relações estabelecidas pelos homens na vida em sociedade nos diferentes períodos. Reiteramos, portanto, que isso nos auxilia a entender e a compreender as demandas históricas que fundamentam as representações sociais, as ideias e a educação ao longo dos anos.

Leonel (1998) argumenta que, por esse caminho, podemos esclarecer melhor o presente; as teorias clássicas auxiliam os docentes a compreender seu trabalho cotidiano. Gasparin (2011, p. 38) afirma que, no trabalho pedagógico-educacional, o professor deve utilizar os clássicos, porque estes, ao “[...] captar as questões vitais de uma determinada fase do desenvolvimento da humanidade, tornaram-se modelos para todos os que procuram ler o tempo atual. Desta maneira, tem sentido retornar aos clássicos a fim de avançar, de progredir”.

Existem vários autores que escrevem a respeito da utilização de obras clássicas na formação de docentes. No entanto, não se observa muito interesse em utilizá-los no processo de formação docente. A nosso ver, seria necessário que, nos cursos de licenciatura, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, o profissional/docente, contemplasse a utilização desses autores para a sua formação.

4.2 OBRAS CLÁSSICAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA: UMA PROPOSTA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR

Considerando a importância do estudo de obras clássicas para a formação docente nos cursos de graduação e, particularmente, nos de licenciatura, ou seja, em cursos que visem o ensino e a aprendizagem, afirmamos que isso resultaria em alterações no ensino, no desenvolvimento e no encaminhamento da formação de professores. Quanto a isso, queremos deixar claro que esse estudo não é uma proposta de mudanças no currículo dos cursos de licenciatura, mas, sim, uma reflexão sobre a importância do estudo das obras clássicas para o ensino/aprendizagem. Para tanto, é essencial nos cursos de formação de professores, no que diz respeito ao seu trabalho em sala de aula e à importância do aprendizado, que as questões cotidianas sejam trabalhadas de forma que haja uma relação com a história.

Quando o professor tem formação para fundamentar o ensino historicamente, o aprendizado se faz crítico e reflexivo, pois o aluno compreende que o aprender não corresponde a soluções imediatas e sem análise, que o aprender não é agir por impulso, mas, sim, conseguir unir a teoria e a prática em sua ação, com a responsabilidade de uma formação humana.

Montaigne (1533-1592), em sua obra *Ensaíos*, escrita no século XVI, apesar dos quinhentos anos que nos distanciam dele e de sua obra, ainda nos auxilia a refletir sobre os acontecimentos do período em que viveu. Ele escreve sobre como formar um ser humano para que este se torne mais sábio e melhor. O pensamento do autor contribui para o entendimento do campo da educação e da formação humana.

Na interpretação de Leonel (1998) em seu artigo *Para ler os clássicos: lições de Montaigne*, aponta que,

[...] Montaigne foi antes de tudo um homem que viveu e pensou sua época de forma original ao tomar a si mesmo como objeto de reflexão da natureza humana. Isso que a crítica considera seu limite define, na verdade, sua grandeza, pois a consciência de si é a própria consciência histórica se manifestando na explosão de inquietações que as transformações sociais imprimiam em seu espírito (LEONEL, 1998, p.89).

As inquietações vividas por Montaigne no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna estão expressas em sua obra, especialmente suas angústias em relação aos costumes dos homens de então e também o valor que ele atribuía à educação e à formação humana. De acordo com Leonel (1998), Montaigne

[...] propõe como necessário um ensino reflexivo que forje a inteligência, tal como as abelhas que, depois de liberarem as flores de todas as espécies, fazem o mel que é unicamente seu, numa clara condenação ao ensino que privilegia a memória. A reflexão, para Montaigne, é muito superior à simples transmissão de conhecimentos, mas para isso acontecer é preciso que o professor seja o primeiro a fazer uso dela e só depois ensinar o aluno a pensar com sua própria cabeça (LEONEL, 1998, p.92).

Montaigne preocupava-se com a formação dos professores, considerando que o aluno precisava aprender de forma que colocasse o aprendizado em prática. Para tanto, o professor não deveria ser autoritário, deveria saber fazer uso do seu conhecimento e dialogar com o aluno, mostrar-lhe que aprender era essencial para viver no mundo da descoberta, da negociação, da curiosidade e da convivência próxima com outras culturas.

Dessa forma, entendemos que Montaigne, ao tratar de seu momento, tentou estabelecer uma ligação entre o que estava posto e as questões que estavam procurando se consolidar na sociedade, mas que ainda encontravam certa resistência para sua aceitação e inserção. Para Montaigne, o mundo mudara. Se, outrora, a sobrevivência era possível por meio da contemplação, no século XVI, a exigência era da observação, do conhecimento empírico, da necessidade do conhecimento por via da experimentação. Em correspondência com essa sua forma de entender o mundo, ele apresentou ensinamentos sobre o que seria prioritário na formação do homem, tendo em vista a necessidade de suprir as exigências sociais do século XVI.

Montaigne relacionava muito bem o ensino e a necessidade do aprendizado. Ele relacionava ensinar à possibilidade de o aluno conseguir colocar o aprendizado na prática. Ele entendia que a compreensão de mundo não deveria mais se pautar somente nos ensinamentos dos autores da Antiguidade, pois, para o descobrimento e a experiência da natureza, era preciso ousar e duvidar do que estava posto como verdade.

Que ele o faça passar tudo pelo crivo e nada aloje em sua cabeça por simples autoridade e confiança; que os princípios de Aristóteles não lhe sejam princípios, não mais que os dos estóicos e epicuristas. Que lhe proponham essa diversidade de opiniões, ele escolherá se puder; se não, permanecerá em dúvida. Seguros e convictos há apenas os loucos (MONTAIGNE, 2000, p. 226).

A dúvida, segundo Montaigne, era um princípio da valorização do conhecimento. O homem, ao duvidar, desprendia-se dos ensinamentos que carregava há séculos como verdadeiros e sem questionamentos. Para o autor, o momento exigia conhecer o mundo pela liberdade, ou, como ele afirmava, pelo “livro do mundo”, no qual era preciso se aventurar: “[...] Saber de cor não é saber, é conservar o que foi entregue à guarda da memória. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar o olhar para o livro” (MONTAIGNE, 2000, p.228).

Montaigne é um clássico. Ler suas obras e ensiná-las favorece a relação entre professor e aluno, o ensino/aprendizagem. Trata-se de transmitir a essência do momento histórico e, ao mesmo tempo, auxiliara analisar e entender os problemas da atualidade e, dessa forma, pensar em futuras soluções para melhorar o ensino e as ações cotidianas.

Porém, é relevante destacar que as questões burocráticas e financeiras, muitas vezes, são empecilhos para a execução de medidas que favoreçam a promoção de um ensino de qualidade. O desafio é redefinir as práticas desenvolvidas no cotidiano social, o que tem gerado infintos debates e embates no campo educacional.

Defendemos que, com os desafios encontrados na sociedade, as obras clássicas sejam trabalhadas na formação de professores. Sugerimos que tal incorporação, sem se restringir a uma disciplina específica, seja feita por meio de um trabalho interdisciplinar, cujas vantagens têm sido mostradas por vários profissionais. Por exemplo:

[...] interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torne vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e vôo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a

sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade (YARED, 2008, p. 165).

Quando nos referimos a adoção da interdisciplinaridade no campo educacional, entendemos que a leitura das obras clássicas independe da disciplina, isto é, consideramos que todos os professores deveriam ter acesso às questões históricas, entender os ensinamentos expressos pelos autores e relacioná-los com as dificuldades presenciadas no século XXI. O foco seriam as relações sociais no campo econômico, político e educacional. Nesse sentido, quando nos referimos à interdisciplinaridade, sabemos que isso não é uma novidade do século XXI. Em meados de 1960, pesquisas a esse respeito já ofereciam resultados. Fazenda (2011) escreve que a interdisciplinaridade surgiu para minimizar a alienação acadêmica e as organizações curriculares que davam ao campo educacional um único direcionamento.

Segundo a autora, Gusdorf foi pioneiro ao apresentar, em 1961, um projeto de pesquisa interdisciplinar para Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na área de ciências humanas. A partir desse momento, em nível mundial, desencadearam-se discussões sobre a utilização da interdisciplinaridade em várias áreas, principalmente no contexto educacional. Conforme esclarece a autora, a interdisciplinaridade

Passou a ser palavra de ordem a ser empreendida na educação, aprioristicamente, sem atentar-se para os princípios, muito menos as dificuldades de sua realização. Impensadamente tornou-se a semente e o produto das reformas educacionais empreendidas entre 1968 e 1971 (nos três graus de ensino) (FAZENDA, 1995, p. 24).

Entretanto, segunda a mesma autora, a grandiosa repercussão da interdisciplinaridade sobre as reformas educacionais mundiais não foi acompanhada de uma reflexão a respeito das consequências que este novo paradigma traria para a educação. Nesse sentido, a interdisciplinaridade foi utilizada mais como um modelo a ser seguido, um modismo, do que uma opção resultante de conhecimento profundo.

Fazenda (1995) menciona que, no Brasil, o movimento interdisciplinar passou por três fases, que podem ser situadas nas seguintes décadas, respectivamente:

1970, 1980 e 1990. Epistemologicamente, em 1970, ele se apresentou como uma vertente de explicação filosófica; em 1980, como uma diretriz sociológica; e em 1990, como uma teoria interdisciplinar, um projeto antológico. Fazenda (1995) lembra que foi com Hilton Japiassú, em 1976, que a primeira obra interdisciplinar foi lançada no cenário brasileiro: “Interdisciplinaridade e patologia do saber”. Na mesma época, como desdobramento de seu trabalho de mestrado, Fazenda dedicou-se às suas primeiras pesquisas sobre a interdisciplinaridade, que se manteve como seu objeto de pesquisa até os dias atuais. Na esteira dessas primeiras fases, outros pesquisadores brasileiros passaram a se dedicar à interdisciplinaridade, com o intuito de conceituar o termo. Na realidade, segundo Fazenda (1995), esse propósito intensificou-se a partir de 1990, em meio ao processo de modificações no sistema educacional brasileiro.

Entendemos que a inserção da interdisciplinaridade à educação brasileira é algo recente que acompanhou os acontecimentos mais amplos da sociedade. Atualmente, a utilização da interdisciplinaridade no sistema educacional tem como intuito superar alguns dos problemas disciplinares tradicionais decorrentes de um ensino fragmentado, incapaz de atender às demandas de um ensino totalizador.

Entendemos também que, na educação brasileira, têm surgido grandes questionamentos sobre a teoria e a prática disciplinar, trazendo à tona a necessidade de mudanças curriculares nos cursos de licenciatura, principalmente no campo de prática de ensino. Segundo Fazenda (2011),

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, caberá pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Contudo, se definirmos interdisciplinaridade como atitude e ousadia e busca diante do conhecimento, caberá pensar aspectos que envolvam cultura do lugar onde se formam professores (FAZENDA, 2011, p. 149).

Ao mesmo tempo, ressalta Fazenda (2011), são necessárias mudanças curriculares, especialmente nas disciplinas dos cursos de formação de professores para que tenhamos professores críticos que reflitam sobre suas práticas. Atualmente, a interdisciplinaridade está ligada à formação docente, sendo também mencionada nas políticas destinadas ao sistema educacional como um todo. Todavia, considerando que o Brasil é um centro de referência mundial no tema da interdisciplinaridade, reconhecido pela UNESCO, a autora afirma: “Embora, as

políticas públicas, em suas diretrizes, continuem apontando para a problemática da Interdisciplinaridade, elas ignoram toda a produção na área” (Fazenda, 2011, p. 20).

A autora afirma que, no cenário brasileiro, os estudos efetivos a respeito da interdisciplinaridade desenvolveram-se gradualmente, adquirindo mais destaque a partir do final da década de 60. Vale destacar que a inserção da interdisciplinaridade no sistema educacional relaciona-se ao que vem ocorrendo na sociedade, principalmente em termos econômicos e políticos. Dessa maneira, seria inocência acreditar que ela seria propalada pelos órgãos oficiais em sua essência, ou seja, com o propósito de favorecer o desenvolvimento humano.

Por isso, consideramos que adotar uma nova abordagem científica, cultural e epistemológica que envolva a interdisciplinaridade, sem que esta seja um instrumento de cunho ideológico, é um desafio a ser enfrentado. A proposta de uso da interdisciplinaridade na formação docente é justamente a de evitar que o trabalho de um conteúdo e assunto seja centralizado e restrito a uma única disciplina.

Desse modo, entendemos que o trabalho interdisciplinar, necessário para a formação integral do aluno, deve atingir tanto o ensino quanto a aprendizagem. Ao mesmo tempo, entendemos que trabalhar interdisciplinarmente não significa ter domínio de todas as áreas e disciplinas, mas sim que o professor deve ter a compreensão de que todas as disciplinas são indispensáveis para a formação humana.

Quando adotamos esse ponto de vista, entendemos que as obras clássicas, foco da nossa pesquisa, são imprescindíveis para as diferentes áreas do ensino, já que seu estudo requer um pensar reflexivo sobre as diferentes questões do período de cada autor. Com base na interdisciplinaridade, as questões não são tratadas separadamente, ou seja, a educação não é tratada de forma separada do desenvolvimento econômico, da política ou da religião. Tudo é tratado de forma interligada e relacionada. Logo, quando o autor se refere, por exemplo, ao ensino no século XVI, ele aponta o que os homens precisavam aprender para atender às prioridades sociais que estavam em evidência e que a aprendizagem estava relacionada com a geografia (situar-se geograficamente), com o domínio do cálculo, com a compreensão de outras línguas, com o conhecimento de outras culturas etc.

Nesse sentido, quando analisamos a formação docente no Brasil, percebemos que ela não atende e não acompanha as modificações gerais ocorridas na sociedade ao longo dos anos. Destarte, além de oferecer uma formação

conteudista, o ensino não proporciona o acesso a conhecimentos que desmistifiquem as mazelas produzidas historicamente na sociedade. Tais conhecimentos podem ser adquiridos por meio da leitura e do estudo das obras clássicas, que poderiam ser inseridas nos cursos de licenciaturas, ou seja, na formação inicial de professores. Em nossa proposta, a superação dos desafios na formação docente ocorreria de forma gradual. A utilização de obras clássicas seria um dos primeiros encaminhamentos para se atingir o objetivo de uma formação reflexiva e crítica dos agentes sociais.

Ponderamos que, na realidade, o descompromisso dos professores com a utilização dos textos clássicos em suas práticas de ensino tem contribuído para as lacunas na formação dos futuros professores. O fato de se não se dar importância ao contato direto do acadêmico com esses escritos significa retirar dele a possibilidade de acesso a registros historiográficos produzidos ao longo do tempo e que se refletem na organização da sociedade atual, inclusive no sistema educacional.

Essas são as motivações deste trabalho. Nossa finalidade, ao analisar *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, é destacar a contribuição do estudo de obras clássicas para a compreensão das questões enfrentadas pelos homens nos séculos XV e XVI, as quais, ao mesmo tempo, apesar dos séculos que separam essas obras da atualidade, favorecem um entendimento mais reflexivo do ensino na sociedade do século XXI.

4.3 UTILIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NO ENSINO: PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

O trabalho com obras clássicas literárias é fundamental no processo de ensino e na formação humana porque favorece a compreensão dos acontecimentos que ocorreram na sociedade em que elas foram escritas. Concomitante a isso, a nosso ver, a leitura dessas obras contribui para o entendimento e a articulação das alterações que acompanharam os homens, ou seja, da historicidade das relações humanas.

Todavia, as obras clássicas literárias nem sempre são utilizadas no processo de formação profissional e/ou do homem porque, sem que se reconheça a riqueza que contêm, são consideradas ultrapassadas, coisas do passado. Esse comportamento é justamente o reflexo da formação defasada de muitos professores, responsáveis por incentivar e motivar o aluno a desenvolver a leitura. Se eles, em sua formação, não tiveram contato com obras clássicas literárias, normalmente não irão utilizá-las no desenvolvimento de seu trabalho cotidiano, já que não aprenderam a fazer isso.

O contato com a literatura clássica na formação inicial de professores lhes proporcionará, ainda como discentes, a possibilidade de construção teórica do mundo real, ou seja, essa forma de ensino auxilia o ser humano a entender suas experiências individuais em face do contexto socioeconômico, político, cultural e educacional.

São inúmeras as questões educacionais encontradas nas obras clássicas. Os leitores podem identificar e se comparar com os personagens, conhecer outras culturas, outros contextos históricos, geográficos e econômicos, conhecer sociedades de diferentes épocas, identificar as denúncias sociais que então se faziam, etc. Assim, por meio da leitura de “Cárcel de Amor”, século XV, e “Lazarillo de Tormes”, século XVI, por exemplo, o leitor consegue compreender, de maneira mais crítica, as questões que se apresentam na sociedade atual e que, se não forem percebidas como questões históricas, desenvolvidas ao longo dos tempos pelos homens, tornam-se naturalizadas, como se as exigências postas em cada período fossem naturais e sem nenhuma possibilidade de questionamento e de compreensão científica.

Nesse sentido, é válido ressaltar que a leitura dos clássicos não corresponde à busca de respostas para validar o que pensamos, mas sim à possibilidade de uma reflexão a respeito de nossas ações individuais para com o coletivo. Isso porque, segundo Calvino (2007, p. 13), o clássico “[...] é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele”. Portanto, a leitura do clássico na formação de professores, tendo em vista a qualidade do ensino, implica, em um primeiro momento, o abandono de qualquer preconceito sobre o passado para que possa se constituir como forma de entendimento das questões do presente.

Nos cursos de licenciatura, a disciplina de História da Educação é extremamente relevante para explicar cientificamente a importância da formação do professor. Por meio dela, o mestre é analisado de forma histórica, ressaltando-se a responsabilidade que cada educador em sua prática, em suas ações na sociedade. A leitura dos clássicos mostra que a sociedade historicamente procura re/organizar os homens para pensar coletivamente, assim, torna-se mais compreensível que o professor é um modelo social e que ensinar corresponde a explicar os conhecimentos científicos e também ensinar por meio de ações.

Quando entendemos historicamente o papel do professor, percebemos que, em cada momento de transição da sociedade, cumprindo a função de ensinar aos homens do seu tempo, o educador teve a possibilidade de aprender o novo, de analisar as ações humanas a ele relacionadas e mostrar a importância do ensino para a formação do homem.

Logo, por meio do contato com a literatura clássica, os futuros professores aprendem a significância de dados históricos que ampliam o ensino e a aprendizagem, favorecendo a relação entre a teoria e a prática exigida pela sociedade do período. Na interpretação de Zilberman e Silva (2008), a leitura de uma obra clássica oferece a possibilidade de:

As vivas experiências da fruição da obra literária: verdades extraídas e reconstruídas, pelo trabalho de interpretação do sujeito-leitor situado na distração comprometida da leitura. Inserir-se de forma contínua, no mundo da palavra reinventada pela imaginação dos escritores é uma necessidade. (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 26).

Com base no conceito de fruição, a autora relata a interação do leitor com o texto literário, ou seja, os conhecimentos que adquire por meio da interpretação e da compreensão. Nas próprias obras clássicas está contida a possibilidade do conhecimento empírico sobre o que levava os autores de cada época a escrever, relatar, denunciar, apresentar situações e fatos importantes sobre o momento histórico que estavam vivendo, já que o mundo das palavras, escritas pela imaginação dos autores, é um elo entre leitor e livros.

Segundo Antonio Candido (2004, p. 191), em sua obra *Direito à Literatura*, “[...] a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. A literatura, na visão do autor, é um fator

indispensável de humanização, ou seja, da formação humana; não é somente um direito, mas uma necessidade de comedimento do homem e da sociedade. Neste sentido, consideramos a necessidade de mostrar como Antonio Candido (2004) conceitua a palavra humanização.

[...] por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004. p.180).

O autor esclarece-nos que a literatura fornece subsídios essenciais para o exercício da reflexão, para a busca de saberes e das emoções e para a compreensão dos problemas que enfrentamos em nosso cotidiano. Nas palavras de Coelho (2000, p. 16), as obras literárias “Estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis”. Conclui-se que a literatura não pode ser entendida somente como instrumento de incentivo à leitura: ela favorece o desenvolvimento humano e compreensão da realidade em que o homem está inserido.

Entendemos também que, para o professor realizar esse trabalho, é necessário que ele adote uma metodologia que possibilite a ampliação de sua visão da própria realidade em seu momento. O conhecimento superficial no ensino tramita no século XXI; ele se manifesta quando as pesquisas tratam do autor, do fato, da instituição, da indisciplina, entre outros aspectos, sem se aprofundar no contexto, ou seja, nas consequências históricas que deram origem à necessidade do estudo de determinadas questões singulares. Com essa abordagem lacunar, que desconsidera sua inserção na sociedade, na realidade, essas questões aparecem como se fossem naturais da época estudada.

A dificuldade de se estudar o passado decorre, pois, da tendência de se desconsiderar que ele pode explicar as nossas aflições e angústias atuais. A exigência de compreensão das relações históricas prioriza a reflexão e a análise do professor sobre sua própria atuação como educador.

Portanto, a leitura das obras clássicas é imprescindível para o estudo reflexivo, no sentido de que, por meio dela, podem-se relacionar as ações educacionais do passado com as do presente. Por esta razão, segundo Figueira, (1995, p. 15), “[...] toda sociedade nova, até os nossos dias, tem-se deparado com a necessidade de ter que criar novamente seres civilizados, mesmo porque a civilização de uma época histórica não serve como civilização para uma outra época”.

O ensino cumpre um papel, sem dúvida, significativo para a formação de homens civilizados, que tenham discernimento das questões sociais e as entendem e desenvolvam com ética, moral e respeito para com o coletivo. O ensino não apenas prioriza a formação básica e/ou necessária para o profissional, viabiliza também a polidez e a compreensão crítica da realidade. Desse modo, entender o passado facilita o processo de aprendizado, especialmente no que tange à sua relação com a prática, com ações individuais e sociais. Para Figueira (1998),

[...] o processo de aprendizado, que não significa senão aprender a conviver numa determinada situação social, é, por sua vez, uma batalha que os membros da sociedade travam entre si, e, às vezes, consigo mesmos. Parece não restar dúvida que os indivíduos devem aprender o significado geral da sociedade em que vivem. E, neste sentido, há algo que é comum a todos os membros de uma dada sociedade. Por mais profissões que a divisão do trabalho comporte, e por mais que para uma delas haja um aprendizado particular, o certo é que, tanto para o filósofo quanto para o lixeiro, há que existir um denominador social [...] nenhuma sociedade [...] pode deixar em aberto aquilo mesmo que marca a sua diferença com relação a outras sociedades e a outras épocas (FIGUEIRA, 1998, p. 14).

As palavras de Figueira (1998) levam-nos a refletir sobre a importância e a relevância do papel do professor. A profissão/professor é a sábia maestria de ensinar o aluno a aprender, fazê-lo compreender a ciência em sua íntegra para que ela se faça em prol do humano, do social. Dessa forma, relacionar o passado com o presente e ter a sabedoria de ensinar o aluno a dar importância ao desenvolvimento da humanidade para a sociedade atual requer que o professor tenha ética profissional e condições de entender seu valor para formação do seu aluno como cidadão.

Nesse contexto, indagamos: seria possível inserir a leitura de obras clássicas literárias nos cursos de formação de professores em um mundo que exige respostas

imediatistas? Consideramos que isso não é impossível, mas também não é uma tarefa fácil, haja vista que esse procedimento é considerado por muitas pessoas uma “perda” de tempo.

De forma geral, a maioria dos professores utiliza textos de autores contemporâneos para ministrar suas aulas. Esse encaminhamento das aulas tem sido pesquisado por vários autores, que consideram que essa prática seria um ponto negativo para o ensino, visto que as questões atuais, muitas vezes, são tratadas sem uma contextualização histórica. Dentre os autores que tratam dessa questão, podemos destacar Saviani (2011; 2012); Gasparín (1997; 2005); Leonel (1998), Figueira (1995), Figueira (1998), nos quais nos referenciamos ao longo deste estudo.

Consideramos prudente que o professor formador tenha uma didática voltada para o uso de recursos que possibilitem a mediação entre os discentes e os textos clássicos. Primeiramente, deve ser promovida uma interação com a obra e com o professor formador. Essa interação levará o professor a trilhar caminhos para sua prática pedagógica, abrindo um mundo de saberes e informações para os professores em formação inicial ou continuada, abordando aspectos sociais, econômicos, políticos, educacionais e históricos.

O professor em formação deve compreender a importância do estudo desses textos em sua vida, visto que a leitura dessas obras “[...] produz uma ruptura das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão do mundo” (ZILBERMAN, 2001, p.55).

Quando os professores formadores se utilizam da leitura de obras clássicas para ministrar suas aulas, demonstrando que a sociedade e as relações sociais estão em constante transformação, eles oferecem aos alunos a oportunidade de ter uma formação mais sólida, além de contribuir para a sua formação intelectual. Nas palavras de Gasparín (1997), retornando aos clássicos, progredimos intelectualmente.

Defendemos que a grande importância da leitura dessas obras, literárias ou não, é o acesso aos autores clássicos envolvidos com a educação social da sua respectiva época e com a formação humana. As leituras desses autores, sabiamente escolhidas pelos professores, formadores ou não, contribuem de forma extremamente importante na educação dos seres humanos.

Analisamos alguns pontos do trabalho com obras clássicas para a formação de professores e fizemos algumas considerações que podem auxiliar os demais nesse trabalho. Entendemos que seu primeiro objetivo é contextualizar historicamente o autor e a obra proposta.

Nesse caso, destacamos o exemplo das duas obras literárias que analisamos neste estudo, *Cárcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Ponderamos que essas etapas devem ser consideradas em todas as áreas do conhecimento, pois, quando tratamos de obras clássicas, sabemos que elas abrangem todas as áreas do conhecimento humano. Cabe ao professor ser o mediador do conhecimento histórico que marcou o momento em que a obra foi escrita.

Cárcel de Amor e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, escritas, uma no final do século XV, por Diego de San Pedro e outra, no século XVI, por um autor anônimo, ambas espanholas, transportam o leitor para o momento em que os autores viveram e produziram seus escritos, para o contexto socioeconômico, político, cultural e educacional desses períodos.

A nosso ver, antes de iniciar a discussão, o professor deverá colocar o aluno em contato com o contexto histórico do autor e com as dificuldades enfrentadas pela sociedade quanto às questões geográficas, econômicas, políticas e culturais do período. Não se trata de ter um domínio aprofundado de todas essas questões, mas do mínimo para que ele possa situar o aluno no campo do estudo.

Portanto, se o professor não estiver consciente da importância desse trabalho para a formação do aluno, dificilmente desenvolverá um ensino que favoreça um aprendizado com prazer do conhecimento. As questões relacionadas ao passado serão apenas decoradas em razão da prova e, conseqüentemente, logo esquecidas, pois essa forma de aprendizado não consegue relacionar a relevância do aprendizado com as ações da realidade.

A respeito do papel do professor no ensino dos clássicos, podemos exemplificar com os intelectuais da Idade Média, homens do saber que tiveram um destaque fundamental por vários séculos. Le Goff, em seu livro “O homem medieval”, escreve sobre educadores/intelectuais que viveram entre o século XII e a Idade Moderna e atuaram no contexto histórico em que a Igreja detinha o poder cultural, político e econômico.

Como exemplo de intelectual do século XII, citamos Abelardo, um monge-educador que lutou para defender a filosofia baseada no pensamento racional demarcando a educação cristã na Idade Média. No período vivido por Abelardo, o Ocidente passava por transformações que fizeram emergir novos modelos econômicos, políticos e sociais, provocando grandes mudanças no campo da cultura e da educação.

Nesse momento, na Universidade de Paris, ele fez com que seus alunos e ouvintes debatessem textos da Antiguidade, ensinando-os a pensar e a analisar as palavras dos autores, criando dúvidas a respeito do que era apresentado como verdade, questionando-os e instigando-os à reflexão sobre a realidade do século XII. Por isso, ele é considerado como um dos grandes filósofos, cuja capacidade de oratória era enorme, de forma que ele cativava e encantava o público que o ouvia.

Essa apresentação sucinta do mestre Abelardo tem como finalidade utilizar seu exemplo de educador para pensarmos o ensino na atualidade. Abelardo possuía conhecimentos em vários campos do ensino e, assim, como um dos intelectuais da Idade Média, ensinou sua geração a usar a razão como instrumento humano, empolgou seus alunos com suas aulas, nas quais envolvia sempre a dialética. Ele mudou a maneira de pensar homens do seu século e de séculos posteriores, usando a arte de distinguir o verdadeiro do falso conhecimento. Ficou conhecido como um paladino, um defensor ardoroso do diálogo intercultural.

Ao nos reportarmos ao ensino na atualidade, consideramos que esse modelo de intelectual/professor ensina os alunos a pensar de maneira crítica e completa, usa o debate para lembrar que as discussões realizadas no passado nos ensinam a perceber as dificuldades do presente. Almejamos que os professores do século XXI tenham uma formação e uma visão completa e não fragmentada do ensino, no sentido de valorizar o estudo das obras clássicas para a formação humana.

Utilizando o estudo do passado, o professor formador deve adotar uma concepção teórica e filosófica e analisar a realidade sócio educativa dos seus discentes, promovendo o ensino com base em uma reflexão ética e crítica. O professor com esta formação, provavelmente, não fragmentará as disciplinas e fará uso das diferentes áreas do ensino mostrando ao aluno a importância de cada uma para a sua formação.

A nosso ver, o ensino de obras clássicas contribui para que o ensino seja mais qualitativo. O professor formador precisa ser um professor intelectual, crítico,

reflexivo e não um reprodutor de informações apresentadas nos livros didáticos. Ou seja, as mudanças devem ocorrer primeiramente na formação dos professores, já que ele é o profissional responsável por formar os profissionais que vão atuar na educação básica. Conseqüentemente, sua abrangência não se limita aos alunos de licenciatura.

O estudo do passado é uma ferramenta didática que auxilia o desenvolvimento do processo de ensino. Sua utilização nos cursos de formação de professores tende a se refletir no desenvolvimento pessoal e no trabalho cotidiano desse profissional, bem como no de seus alunos. Como os docentes formados nessa concepção irão transmitir tais procedimentos aos seus alunos, o que mostra sua abrangência, a tendência é a propagação e a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ofereceu-nos a possibilidade de demonstrarmos a importância da leitura de obras clássicas para a formação humana. Nossa análise revelou que, quando lemos um clássico, realizamos uma releitura dos acontecimentos em curso na sociedade no momento de sua escrita. Portanto, concluímos que uma obra é clássica justamente pelo fato de ser uma fonte carregada de significados inesgotáveis, além de possibilitar uma visão de mundo que se propaga além do período de sua escrita. Tal encaminhamento leva-nos a compreender acontecimentos historicamente prescritos na sociedade, bem como a atual conjuntura educacional, econômica, política e cultural.

Com este estudo, procuramos oferecer uma amostra da riqueza incalculável de detalhes contidos nas obras clássicas de diferentes períodos, mostrando o que cada informação pode nos revelar a exigência de formação do homem nos momentos de transição. Para tanto, escolhemos *Cárcel de amor*, escrita por Diego de San Pedro no século XV, e *La vida de Lazarillo de Tormes y sus fortunas y adversidades*, obra anônima no século XVI. Na análise dessas obras, pudemos detectar, de forma perculilar, os discursos de cunho crítico e reflexivo, relacionados ao contexto histórico em que foram escritas.

Vale destacar que, em *Carcel de Amor*, temos a expressão das relações de sentimento (amor) e poder na nobreza, na corte dos Reis Católicos. Já, em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, estão descritos alguns fragmentos da sociedade espanhola naquele momento histórico, como a luta pela sobrevivência, a decadência do cavaleiro medieval e a conduta de alguns membros da Igreja Católica.

Consideramos que os autores das duas obras literárias espanholas revelam muitas vezes temas sombrios de seu momento histórico. Nesse caso, o contexto social não é visto por um viés heroico, mas realista: apresentam-se as dificuldades enfrentadas pelas classes sociais de suas épocas. Os autores, muitas vezes, procuram demonstrar, por meio dos personagens, a necessidade de relacionamento humano para o ensino. Esclarecem que a sociedade, em momentos de transição, não consegue revelar de forma clara seus anseios e suas angústias, mas, ao mesmo tempo, explicitam os sentimentos e os comportamentos que se alteram de

acordo com as relações que os homens estabelecem para atender às prioridades que lhes estão sendo apresentadas.

É importante ressaltar que, no momento histórico em que essas obras foram escritas, as perseguições e censuras aos escritos eram constantes. A denúncia ou crítica, de forma clara ou não, a algum segmento e hierarquia social acarretaria, muitas vezes, a perseguição, o julgamento e até mesmo a condenação do escritor da obra. De qualquer forma, tudo isso expressa a historicidade.

Não podemos deixar de reiterar que a leitura dos clássicos, de modo geral, é um desafio: inclui pensar, refletir e destacar que o entendimento do passado favorece a compreensão do presente. Reafirmamos que não estamos comparando passado e presente, mas, sim, destacando a necessidade de que todos entendam as questões que perpassam os diferentes momentos históricos. Cada realidade social envolve sempre a formação humana, revelando que a formação dos homens sempre foi e continua sendo uma preocupação do ensino, seja no passado seja no presente.

Conforme já nos posicionamos várias vezes, o trabalho com as obras clássicas deveria estar presente no ensino. Compreendemos que, para o aluno, falta interesse por essas leituras porque elas exigem conhecimento histórico, concentração, disciplina, reflexão e interpretação. Tais questões, consideradas essenciais para a formação do aluno, na maioria das vezes, não são tratadas como tais pela escola e/ou pelo professor. Em geral, considera-se que o aluno, para se interessar pelo conteúdo da disciplina, precisa entender as coisas mais práticas, relacionadas à sua realidade imediata. Entretanto, o ensino e o conhecimento pela via prática, sem a teoria, torna-se superficial, de forma que o aluno retorna e/ou permanece no senso comum. Isso dificulta a formação da qual a sociedade precisa, embora não dê condições para que sua necessidade seja atendida: um profissional qualificado.

Dessa forma, relacionando a falta de interesse por estudos mais aprofundados cientificamente, seja por falta de incentivo seja pelo distanciamento temporal desses estudos em face das transformações tecnológicas, seja por não ter sido preparado, de conhecimento e de incentivo do professor para esse estudo, o que temos é um sistema educacional defasado.

Nesse cenário, nossa proposta foi mostrar a importância do trabalho com obras clássicas nos cursos de licenciatura e também que esse trabalho deveria ser

feito por um viés interdisciplinar, no sentido de o professor valorizar as diferentes áreas do conhecimento. Independentemente da disciplina, o trabalho deveria se pautar na leitura e na interpretação do próprio autor. Nosso entendimento é de que o professor não deve facilitar para o aluno, permitindo que a via da interpretação seja por meio de outro autor, mas, sim, instigando-o a estabelecer, como leitor, uma cumplicidade com o autor, de forma a ter sua própria visão e compreensão.

Quando nos referimos à utilização de obras clássicas em uma proposta interdisciplinar, estamos visando diminuir a fragmentação que predomina no processo de ensino, no qual as disciplinas são, em geral, trabalhadas de forma isolada. A aliança do viés interdisciplinar com a utilização de obras clássicas no processo de ensino tende a favorecer o aprofundamento da essência do estudo, já que explora os vários segmentos da historicidade que permeia as ações do homem em sociedade.

A relevância da leitura de uma obra clássica não se restringe ao ato de ler. Em sua abrangência, conforme pudemos constatar na pesquisa, uma obra clássica favorece o alargamento da visão de mundo, fator esse que deve ter prioridade no processo de ensino.

O valor social da leitura de uma obra clássica é incalculável, haja vista que a mesma proporciona ao leitor um entendimento crítico e reflexivo dos acontecimentos em curso na sociedade. As informações contidas nessas obras proporcionam um entendimento dos problemas presentes na sociedade atual, mesmo que tenham sido escritas em períodos temporais diferentes, já que se referem à experiências e condutas desenvolvidas historicamente pelos homens.

Em conclusão, destacamos que a leitura de obras, como *Carcel de Amor* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, favorece a descoberta do caráter histórico da educação, do ensino e das relações presentes na sociedade, caráter esse impresso na escrita dessas obras. Elas refletem os limites individuais e coletivos de um determinado período histórico, revelam valores que orientam a formação humana, bem como proporcionam um melhor entendimento da nossa realidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. O Estado absolutista no Ocidente. In: _____. **Linhagens do Estado absolutista**. 3. ed. São Paulo: Basiliense, 2004.

ANÔNIMO. **La vida de Lazarillo de Tormes y de Sus fortunas y adversidades**. Edición Alberto Blecua. Madri, Espanha: Clásicos Castalia, 1975.

BLECUA, Alberto. Introdução. In: ANÔNIMO. **La vida de Lazarillo de Tormes y de Sus fortunas y adversidades**. Madri, Espanha: Clásicos Castalia, 1975. p. 07-70.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949.

_____. **Introdução à História**. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 1967 (Coleção saber).

BRETCH, Bertold. **A vida de Galileu**. São Paulo, Brasil: Abril S.A Cultural e Industrial, 1977.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

CASANOVA, José Francisco Ruiz. Introdução. In: SAN PEDRO, Diego de. **Cárcel de amor**: tractado de amores de Arnalte y Lucenda. Semón. Espanha, Madri: ANAYA, 2008. p. 09-52.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: um objeto novo. In: _____. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000 (Série Nova Consciência).

CORTÁZAR, José AngelGarcia. **Historia de España dirigida por Miguel Artola: la época medieval**. Espanha, Madri: Alianza, 1988.

DEC, Departamento de Estudos Clássicos. **Porquê estudos clássicos?** 2015. Disponível em: <<http://www.tmp.lettras.ulisboa.pt/dec/#pqclassicas-acesso>>. Acesso em: 04 maio 2015.

DEYERMOND, Alan. La ficción sentimental: origen, desarrollo y pervivencia. In: PARRILA, Carmen. **Cárcel de amor**. 1995. Disponível: <http://www.rae.es/sites/default/files/Carcel_de_amor_Diego_de_San_Pedro.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2013.

DEYON, Pierre. Políticas e práticas do mercantilismo. In: _____. **O mercantilismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DIAZ-PLAZA, Guillermo. **Historia de la literatura española**. A través de la crítica y de los textos. Argentina, Buenos Aires: Ciordia&Rodríguez, 1956.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola. 2011.

FIGUEIRA, Fani Goldfarb. Reflexões sobre a história. **Revista InterMeio**, v. 01, n. 01, p. 37-43, Campo Grande, MS, 1995.

FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. A educação de um ponto de vista histórico. **Revista InterMeio**, v. 1, n. 1, p. 11-15, Campo Grande, MS, 1998.

FLORI, Jean. **A cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

GASPARIN, João Luiz. **Comenio**: A emergência da modernidade na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005 (Coleção educação contemporânea).

GIORDANO, C. Introdução. In: SAN PEDRO, Diego de. **Cárcere de amor**: Tradução de C. Giordano. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2010. p. 05-07.

GONZÁLEZ, Mário M. (Org.). **Lazarillo de Tormes**. Tradução: Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. 34. ed. São Paulo: 34, 2005.

GREEN, V. H. H.. **Renascimento e reforma**: a Europa entre 1450 e 1660. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

JARDIM, Maria Antónia, Os mundos hermenêuticos e a dimensão imaginativa. **Revista Recre@rte**, n. 03, p. 1699-1834, Porto, Portugal, 1998.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

_____. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEONEL, Zélia. Pra ler os clássicos: lições de Montaigne. **Revista InterMeio**, v. 04, n. 08, p. 6-16, Campo Grande, MS, 1998.

LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História moderna através dos textos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 92-129.

MELO, Marcelo Paula de; FALLEIROS, Ialê. Reforma da aparelhagem estatal: novas estratégias de legitimação social. In: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005. p. 175-192.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**: livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONTEIRO, Hamilton M. **O feudalismo: economia e sociedade**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Magno Magre. Reflexões sobre os clássicos na história. In: OLIVEIRA, Terezinha (Org). **História historiografia da educação nos clássicos: estudos sobre antiguidade e medievo**. Dourados: UEMS, 2010.

PARRILA, Carmen. **Cárcel de amor**. 1995. Disponível: <http://www.rae.es/sites/default/files/Carcel_de_amor_Diego_de_San_Pedro.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2013.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **Os judeus na Espanha**. São Paulo: Giordano, 1994.

PELÁEZ, Jesús Menéndez. **Menéndez Pelayo y la novela sentimental: la impronta del amor cortés**. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Home.Home-PC/Downloads/menndez-pelayo-y-la-novela-sentimental--la-impronta-del-amor-corts-0.pdf>. Acesso em: 16 set. 2014.

PEÑA, José L. Asian. **Manual de historia de España**. 9. ed. Espanha, Barcelona: BOSCH, 1967.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Sílvia Catarina. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália pie Abibet al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988.

PEREZ, Joseph. El Império Español. In: VALDEÓN, Julio; PÉREZ, Joseph; JULIA, Santos. **Historia de España**. Espanha, Madri: ESPASA, 2003. p. 189-239.

PERIN, Solange Conceição Bution. OLIVEIRA, Terezinha. A educação de cavaleiros medievais em dois momentos históricos: séculos XII e XV. **Acta Scientiarum**, v. 24, p.125-132, Maringá, PR, 2002.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. Tradução de Lycurso Gomes da Motta. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou. São Paulo, 1968.

PLATT, Adreana Dulcina. O currículo da formação humana: uma resposta ao pragmatismo moderno. In: _____. **Currículo e formação humana**: princípios, saberes e gestão. Curitiba: CRV, 2009. p. 29-43.

RAMÍREZ, Maria Fernanda Aybar. **La ficción sentimental del siglo XVI**. 1994. 573 f. Tese (Doutorado)-Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1994. Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/3350/1/H3021001.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario da língua espanhola**. 2014. Disponível em: <lema.rae.es/drae/>. Acesso em: 20 nov. 2014.

REYES, Antonio Basanta. Introdução. In: ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes**. Espanha, Madrid: ANAYA, 1985. p. 05-24.

SACCOMORI, Guilherme Floriani. **Arqueiros na Guerra dos Cem Anos**: a transição militar da baixa Idade Média. 2011. Monografia (Graduação em História)-Universidade Federal da Paraná, Curitiba, 2011. Disponível: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2011/2_sem_2011/guilherme_floriani_saccomori.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

SAN PEDRO, Diego de. **Cárcere de amor**: Tradução de C. Giordano. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores no Brasil: Dilemas e perspectivas. **Revista Pedagógica**, v. 09 n. 01, jan./jun. 2011. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/15667/9592>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SEÑAS, Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. **Escudeiro**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. **Programa Nacional de Apoio à Pesquisa**: Diego de San Pedro: Arnalte e Lucenda; Prisão de Amor; Tratado de Nicolas Núñez; Sermão de Amores. 2007. Disponível em: <<http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/RicardoShibata.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SOSA-VELASCO, Alfredo J. La producción del espacio em la Cárcel de amor de Diego de San Pedro: apuntes sobre el desarrollo de una economía capitalista. **EL Humanista**, Santa Barbara, CA - U.S.A, v. 12, p. 127-144, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_12/articles/Sosa-Velasco.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SOTO, Domingo de; ROBLES, Juan. **El gran debate sobre los pobres en el siglo XVI**. Espanha, Barcelona: Ariel, 2003.

VALDEÓN, Julio. El siglo XIV: un período de crisis. In: VALDEÓN, Julio; PÉREZ, Joseph; JULIA, Santos. **Historia de España**. Espanha, Madri: ESPASA, 2003. p. 111-127.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? In: FAZENDA, Ivani C. Arantes. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 161-168.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB: Associação de leitura do Brasil, 2008.